

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**LUIZ ALEXANDRE DE OLIVEIRA FREITAS**

**DISCURSO, COGNIÇÃO E *FRAMES*: UMA ANÁLISE POLÍTICO-IDEOLÓGICA  
DE *FAKE NEWS* À LUZ DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA**

**GOIÂNIA**

**2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Luiz Alexandre de Oliveira Freitas

#### 3. Título do trabalho

DISCURSO, COGNIÇÃO E FRAMES: UMA ANÁLISE POLÍTICO-IDEOLÓGICA DE FAKE NEWS À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Alexandre De Oliveira Freitas**, Discente, em 29/05/2025, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva**, Professor do Magistério Superior, em 29/05/2025, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5404851** e o código CRC **2D0DDE17**.

**LUIZ ALEXANDRE DE OLIVEIRA FREITAS**

**DISCURSO, COGNIÇÃO E *FRAMES*: UMA ANÁLISE POLÍTICO-IDEOLÓGICA  
DE *FAKE NEWS* À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para o exame de qualificação.

**Área de concentração:** Estudos Linguísticos.

**Linha de Pesquisa:** LP4 - forma e funcionamento de línguas indígenas, línguas de sinais, língua portuguesa e outras línguas

**Orientador:** Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva

**GOIÂNIA**

**2025**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freitas, Luiz Alexandre de Oliveira

Discurso, cognição e frames: [manuscrito] : Uma análise político ideológica de fake News à luz da Linguística Cognitiva / Luiz Alexandre de Oliveira Freitas. - 2025.

CLXXX, 180 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui siglas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Cognição. 2. Semântica de Frames. 3. Fake News. 4. Ideologia. I. Silva, Leosmar Aparecido da, orient. II. Título.

CDU 81

# ATA DE DEFESA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 15 da sessão de defesa de dissertação de **LUIZ ALEXANDRE DE OLIVEIRA FREITAS** que confere o título de **Mestre** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **nove** dias do mês de **abril** do ano de **dois mil e vinte e cinco**, a partir das quatorze horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "**DISCURSO, COGNIÇÃO E FRAMES: UMA ANÁLISE POLÍTICO-IDEOLÓGICA DE FAKE NEWS À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, **Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Profa. Dra. Joana Plaza Pinto** (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno e **Prof. Dr. Paulo Henrique Duque** (PPGEL/UFRN), membro titular externo. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo **Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **nove** dias do mês de **abril** do ano de **dois mil e vinte e cinco**.

### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Joana Plaza Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 09/04/2025, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 09/04/2025, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **PAULO HENRIQUE DUQUE, Usuário Externo**, em 09/04/2025, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5264333** e o código CRC **F58A2CF9**.

Referência: Processo nº 23070.010901/2025-48

SEI nº 5264333

**DISCURSO, COGNIÇÃO E *FRAMES*: UMA ANÁLISE POLÍTICO-IDEOLÓGICA  
DE *FAKE NEWS* À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

**LUIZ ALEXANDRE DE OLIVEIRA FREITAS**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**LEOSMAR APARECIDO DA SILVA - ORIENTADOR PRESIDENTE**

---

**PAULO HENRIQUE DUQUE (PPgEL/UFRN) - MEMBRO EXTERNO**

---

**JOANA PLAZA PINTO (PPGLL/UFG) - MEMBRA INTERNA**

---

**SÓSTENES CÉZAR LIMA (PPG-IELT/UEG) - SUPLENTE EXTERNO**

---

**RUBENS DAMASCENO-MORAIS (PPGLL/UFG) - SUPLENTE INTERNO**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, a quem devo tudo o que sou, o que fui, o que serei, o que nunca serei, e todas as possibilidades do infinito.

Ao meu orientador, pela eterna paciência e companheirismo, fonte de tanta inspiração e inteligência.

A meus irmãos, meus iguais, minhas vidas, meus parceiros.

A meus amigos, pedras de suprema preciosidade, poucos mas absolutos.

Aos estudiosos que antes vieram e ainda virão, ombros nos quais me apoio.

Aos professores e pesquisadores da banca examinadora, presentes desde a qualificação, cujos apontamentos foram essenciais ao trabalho.

Aos meus geniais colegas de universidade que tanto criam e recriam, aos brilhantes professores que lá reformam a realidade, aos magistrais trabalhadores técnicos e de serviços que com tanto esforço a mantêm de pé.

Ao mundo, que tanto me impressiona, me fascina, me apaixona.

Ao meu gato Tibério.

À Ana Luisa, cujo encontro de sua alma com a minha é fonte de maior poder, luz e fogo do que qualquer estrela do universo.

FREITAS, Luiz Alexandre de Oliveira. *Discurso, cognição e frames: uma análise político-ideológica de fake news à luz da linguística cognitiva*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em letras e linguística. Goiânia: UFG, 2024. 180 p.

## RESUMO

Partindo de uma concepção integrada entre cognição, linguagem e sociedade, esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou analisar estratégias de organização ideológica de *fake News*, por meio da teoria da Semântica de *Frames* (Fillmore, 1976), nos *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO. Pretendemos, com a análise, ilustrar o modo como as *fake News* fazem emergir efeitos ideológicos a partir da construção dos três *frames* escolhidos. Pela perspectiva teórica selecionada, a língua é entendida como necessariamente ligada à cultura e à sociedade, além de se considerar que os sistemas de conhecimento das comunidades humanas servem como base para os significados da língua (ibidem; Lakoff, 1987). Além disso, entendemos *fake News* como um gênero discursivo contemporâneo que divulga informações falsas como sendo verdadeiras, com o objetivo de fortalecer alguma orientação ideológica específica num contexto de polarização social (Alves e Maciel, 2019). Para a pesquisa, foram selecionadas 135 *fake News* para análise, extraídas de três agências de verificação de *fake News* — Agência Lupa, Aos Fatos e Portal Confere. Foram selecionados 45 textos de cada agência, e apresentadas 6 *fake News* para análise, sendo 2 de cada *frame*. Observamos, como resultados, que os diferentes *frames* foram construídos com estratégias semelhantes de organização ideológica, como a divisão entre grupos NÓS x ELES. Dentre os meios utilizados, encontram-se a atribuição de qualidades negativas, como criminalidade e imoralidade ao grupo ELES através de itens lexicais e qualidades positivas, como capacidade de liderança, carisma e boa moral, ao grupo NÓS, também por meios lexicais. Dessa forma, os três *frames*, CRIME, LULA e BOLSONARO constroem uma imagem positiva de um candidato e uma imagem negativa do outro candidato, conduzindo a interpretação do leitor como forma de aproximá-lo do ponto de vista falso e ideológico. A pesquisa proporcionou uma maior integração entre os estudos de ideologia e os estudos da Semântica de *Frames*, mostrando que, para uma verdadeira compreensão e combate ao problema da desinformação, essa integração é essencial.

**Palavras-chave:** *fake News*; Semântica de *Frames*; Linguística Cognitiva; cognição; linguagem.

FREITAS, Luiz Alexandre de Oliveira. *Discourse, cognition and frames: a political-ideological analysis of fake News from the perspective of Cognitive Linguistics*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em letras e linguística. Goiânia: UFG, 2024. 180 p.

### ABSTRACT

This Master's thesis, based on an integrated conception of cognition, language, and society, presents a study that aims to analyze ideological organization strategies in *fake news* through the framework of *Frame Semantics* (Fillmore, 1976), focusing on the frames CRIME, LULA, and BOLSONARO. Through this analysis, we seek to illustrate how fake news generates ideological effects by constructing these three selected *frames*. From the chosen theoretical perspective, language is understood as inherently connected to culture and society, and the knowledge systems of human communities serve as the foundation for linguistic meaning (ibid.; Lakoff, 1987). Additionally, we define *fake news* as a contemporary discourse genre that disseminates false information as true, with the intent of reinforcing a specific ideological orientation in a context of social polarization (Alves & Maciel, 2019). For this research, 135 *fake news* texts were selected from three fact-checking agencies—Agência Lupa, Aos Fatos, and Portal Confere—, with 45 texts chosen from each agency. Six *fake news* samples were then analyzed, two for each *frame*. The results indicate that the different *frames* employed similar strategies of ideological organization, particularly the division between US vs. THEM groups. Among the means used are the attribution of negative qualities, such as criminality and immorality, to THEM through lexical items, and positive qualities, such as leadership ability, charisma and good morals, to US, also through lexical means. In this way, the three frames, CRIME, LULA and BOLSONARO, construct a positive image of one candidate and a negative image of the other candidate, leading the reader's interpretation as a way of bringing him closer to the false and ideological point of view. This study fosters greater integration between ideology studies and *Frame Semantics*, demonstrating that such integration is essential for a comprehensive understanding of and response to the fake news phenomenon.

**Keywords:** *fake News*; *Frame Semantics*; Cognitive Linguistics; cognition; language.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Exemplo de verificação de *fake News* pelo site Agência Lupa, p. 19

Figura 2: *Frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, p. 33

Figura 3: representação do conceito de “hipotenusa”, p. 46

Figura 4: representação da interface sociedade-cognição-discurso, p. 68

Figura 5: diagrama de percepção visual, p. 85

Figura 6: *fake News* retirada de trabalho anterior, p. 89

Figura 7: *fake News* n° 5, p. 94

Figura 8: *fake News* n° 19, p. 95

Figura 9: *fake News* n° 43, p. 96

Figura 10: *fake News* n° 17, p. 111

Figura 11: *fake News* n° 60, p. 120

Figura 12: *fake News* n° 69, p. 129

Figura 13: *fake News* n° 90, p. 139

Figura 14: tuite original de João Amoedo, p. 140

Figura 15: *fake News* n° 84, p. 149

Figura 16: *fake News* n° 3, p. 159

Quadro 1: Tipos de *frames*, p. 37

Quadro 2: *Frames* evocados pelos termos encontrados, p. 105

Quadro 3: *Frame* CRIME em *fake News* n° 17, p. 117

Quadro 4: Desconstrução crítica da *fake News* n° 18, p. 118

Quadro 5: *Frame* CRIME em *fake News* n° 60, p. 125

Quadro 6: Desconstrução crítica da *fake News* n° 60, p. 126

Quadro 7: *Frame* CRIME em *fake News* n° 69, p. 136

Quadro 8: Desconstrução crítica da *fake News* n° 69, p. 137

Quadro 9: *Frame* CRIME em *fake News* n° 90, p. 145

Quadro 10: Desconstrução crítica da *fake News* n° 90, p. 146

Quadro 11: *Frame* CRIME em *fake News* n° 84, p. 156

Quadro 12: Desconstrução crítica da *fake News* n° 84, p. 157

Quadro 13: *Frame* CRIME em *fake News* n° 3, p. 165

Quadro 14: Desconstrução crítica da *fake News* n° 3, p. 166

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD - Análise Crítica do Discurso

ESD - Estudos Sociocognitivos do Discurso

LC - Linguística Cognitiva

GC - Gramática Cognitiva

MCI - Modelo Cognitivo Idealizado

SF - Semântica de *Frames*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>23</b>
<b>FRAMES E INTERFACES.....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 Sobre a Linguística Cognitiva e seus pressupostos gerais.....</b>	<b>23</b>
<b>1.2 Conceituação de frames e suas várias abordagens.....</b>	<b>27</b>
<b>1.2.1 A noção de “enquadramento” na psicologia e sociologia.....</b>	<b>27</b>
<b>1.2.2 A Semântica de Frames (SF).....</b>	<b>29</b>
<b>1.2.2.1 Frames e os conceitos de domínio cognitivo e MCI.....</b>	<b>40</b>
<b>1.2.2.2 A construção de um frame.....</b>	<b>49</b>
<b>1.3 Relação de frames com categorização.....</b>	<b>55</b>
<b>1.4 Relação de frames com a noção de ideologia.....</b>	<b>64</b>
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>72</b>
<b><i>FAKE NEWS E INTERFACES.....</i></b>	<b>72</b>
<b>2.1 Contextualização e definição de fake news.....</b>	<b>72</b>
<b>2.1.1 Contexto histórico e político de emergência da categoria fake News.....</b>	<b>72</b>
<b>2.1.2 A definição de fake News.....</b>	<b>77</b>
<b>2.2 Fake news, frames cognitivos, conceptualização e modelos metafóricos.....</b>	<b>81</b>
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>91</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>91</b>
<b>3.1 Natureza da pesquisa.....</b>	<b>91</b>
<b>3.2 O corpus e critérios de inclusão e exclusão.....</b>	<b>92</b>
<b>3.3 Fases da pesquisa.....</b>	<b>99</b>
<b>3.4 Instrumentos de pesquisa.....</b>	<b>100</b>
<b>3.5 Procedimentos e critérios de análise dos dados.....</b>	<b>102</b>
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>105</b>
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>105</b>
<b>4.1 Observações gerais do corpus.....</b>	<b>105</b>
<b>4.2 Análise dos frames CRIME, LULA e BOLSONARO nas fake News.....</b>	<b>108</b>
<b>4.2.1 Frame CRIME.....</b>	<b>109</b>
<b>4.2.1.1 Fake News nº 17.....</b>	<b>110</b>
<b>4.2.1.2 Fake News nº 60.....</b>	<b>119</b>
<b>4.2.2 Frame LULA.....</b>	<b>127</b>
<b>4.2.2.1 Fake News nº 69.....</b>	<b>129</b>
<b>4.2.2.2 Fake News nº 90.....</b>	<b>138</b>
<b>4.2.3 Frame BOLSONARO.....</b>	<b>147</b>
<b>4.2.3.1 Fake News nº 84.....</b>	<b>148</b>
<b>4.2.3.2 Fake News nº 3.....</b>	<b>158</b>
<b>4.3 Resultados e representações ideológicas nas fake News.....</b>	<b>167</b>

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>176</b>

## INTRODUÇÃO

A cognição é uma das capacidades mais importantes da espécie humana, e uma das que mais gera indagações acerca de sua natureza. Por sua aparente invisibilidade, localizada num plano intangível de sequenciamentos mentais fora de uma concretude palpável e segmentável (portanto analisável a olho nu em laboratório), e por sua estrutura orgânica amplamente mutável, dado um desenvolvimento acelerado que pouco se observa em outras espécies (Tomasello, 1998), a cognição atrai os olhos de incontáveis empreitadas científicas — na Linguística, Psicologia, Neurociência, etc. — e não-científicas — como a Filosofia, desde, pelo menos, Kant.

No que se constitui, afinal, essa matéria amorfa e de complexidade tão admirável? Muito se discute sobre sua estrutura, organização, distribuição e desenvolvimento, e portanto é importante que tenhamos em mente alguma compreensão relativamente unânime e mais geral, como ponto de partida para a observação desses aspectos mais localizados. Nisso, adotamos então, a seguinte caracterização geral de cognição: **cognição é o conjunto das habilidades humanas que envolvem o processamento e armazenamento de informação experiencial de qualquer tipo, sendo, portanto, a função das capacidades humanas de constituir conhecimento.**

Cognição, aqui, não é sinônimo de mente, se entendida pelo viés cartesiano da separação categórica entre corpo e razão; a cognição não se concentra exclusivamente nas estruturas do cérebro, que, aqui, é entendido menos como a concentração exclusiva dos aparelhos constituintes da consciência humana e mais como onexo organizacional pelo qual passa a cognição, que não se limita a ele. A cognição está na percepção, na experiência, e distribuída pelo corpo e pelos sujeitos, localizada não apenas no indivíduo, que não constrói conhecimento sozinho, mas num conjunto social de transmissão e desenvolvimento de experiências de mundo. É, portanto, uma visão de cognição experiencial, corporificada, e distribuída, conforme nos dizem os autores de *The Embodied Mind* (1991):

Com o termo corporificado pretendemos destacar dois pontos: primeiro, que a cognição depende dos tipos de experiência que advém de possuir um corpo com várias capacidades sensório-motoras, e segundo, que essas capacidades sensório-motoras individuais são, elas próprias, inseridas em

um contexto biológico, psicológico e cultural mais amplo<sup>1</sup>. (Rosch, Thompson e Varela, 1991, p. 172-173. Tradução nossa, )

Se assim a definimos, há diversos modos de abordar esse fenômeno, dadas as multiplicidades das referidas habilidades humanas de processamento experiencial: podemos voltar o olhar para os aparatos sensoriais humanos, tais como a visão, a audição, e os demais sentidos, e descrever o modo pelos quais a cognição com eles se relaciona; podemos nos concentrar sobre o desenvolvimento das estruturas neurais do indivíduo humano imerso num ambiente coabitado por semelhantes, construindo seus mecanismos cognitivos ao longo de sua vida; e podemos nos debruçar sobre as estruturas pelas quais os conhecimentos construídos cognitivamente se manifestam na interação entre esses indivíduos humanos: o que quer dizer, portanto, nos debruçarmos sobre a linguagem. Eis, aqui, nossa visão particular, nesta dissertação.

Se já temos uma certa noção sobre o que caracteriza a cognição, precisamos, agora, entender no que consiste essa realidade igualmente complexa, instigante e mutável que chamamos de linguagem, para que possamos, então, aproximar nossa lupa científica das relações entre os dois fenômenos, e o modo como se constroem reciprocamente. Há diversas maneiras de se entender a linguagem, muitas das quais contrastam entre si de modos fundamentais, e muitas das quais conversam entre si num conjunto progressivo que avança as compreensões gerais sobre essa matéria ubíqua que é chamada de língua. Como procedemos no que tange à cognição, aqui, também, é fundamental que se adote uma postura específica que permita o olhar conjunto entre cognição e linguagem, e que seja coerente com o conhecimento acumulado historicamente nas disciplinas da linguagem.

Assim, entendemos linguagem pela perspectiva da Linguística Cognitiva, vertente de estudos inaugurada por uma série de pesquisadores dissidentes da Linguística Gerativa, que admitia um olhar formal e modular da linguagem — entendendo-a como um mecanismo de regras específicas responsável pela geração das estruturas linguísticas, e não sujeito aos recursos gerais da cognição, tais como a percepção e interação. Contrapondo a visão modularista e autonomista da linguagem, cuja expressão máxima teve forma na Sintaxe Gerativa Chomskyana (Chomsky, 1957), os proponentes iniciais da LC<sup>2</sup> assumiram uma visão oposta, partida de uma compreensão inicial da cognição

---

<sup>1</sup> Do original inglês: By using the term embodied we mean to highlight two points: first that cognition depends upon the kinds of experience that come from having a body with various sensorimotor capacities, and second, that these individual sensorimotor capacities are themselves embedded in a more encompassing biological, psychological and cultural context.

<sup>2</sup> Adotaremos LC como abreviação de Linguística Cognitiva pelo resto do texto, a fim de facilitar a leitura.

corporificada e experiencial apontada acima, com um grande enfoque nas estruturas semânticas. Nos dizem Geeraerts e Cuyckens (2007), na obra *Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*:

Dada essa perspectiva, a análise da base conceitual e experiencial das categorias linguísticas é de importância primária dentro da Linguística Cognitiva: as estruturas formais da linguagem são estudadas não como se fossem autônomas, mas como reflexos de uma organização conceitual geral, princípios de categorização, mecanismos de processamento, e influências experienciais e ambientais<sup>3</sup>. (Geeraerts e Cuyckens, 2007, p. 35, tradução nossa).

A linguagem, assim, permite visão aos princípios gerais da cognição humana, e, assim como estes, é constituída pela experiência de um sujeito corporizado imerso num mundo povoado por semelhantes. Se o papel da experiência, assim, é tão importante para a estrutura da linguagem quanto os mecanismos de categorização, processamento e memória, um olhar por fenômenos próprios de interações linguísticas situadas num contexto sociocultural nos permite vislumbrar, de maneira mais aprimorada, como essa experiência é concretizada na linguagem (Rohrer, 2007). É a partir daí que nos concentramos no objeto escolhido para análise nesta dissertação: as *fake News*.

Vistas como um fenômeno discursivo produzido e reproduzido por sujeitos em contexto (tanto linguístico quanto social), as *fake News* são aqui entendidas como uma propagação de informação falsa ou manipulada que atua como um instrumento de combate ideológico, sendo, portanto, sempre parciais e direcionadas a algum objetivo político abstrato ou concreto (Alves e Maciel, 2019). Essa definição, mais recente e admitida por estudiosos atuais (conforme se vê em Freitas (2021) e Gonçalves-Segundo (2021), dois estudos, respectivamente, da LC e da Análise do Discurso), parte de uma compreensão crítica do fenômeno que advém da análise empírica dos materiais linguísticos propriamente ditos. Mais profundamente, as *fake News* são entendidas aqui produções linguísticas diversificadas (abrangendo tanto texto escrito quanto imagem e vídeo) cuja amplitude ideológica é o ponto de partida para sua produção; portanto, são vinculadas a determinadas concepções sociais compartilhadas por grupos específicos e cuja representação se dá na cognição.

---

<sup>3</sup> Do original inglês: Given this perspective, the analysis of the conceptual and experiential basis of linguistic categories is of primary importance within Cognitive Linguistics: the formal structures of language are studied not as if they were autonomous, but as reflections of general conceptual organization, categorization principles, processing mechanisms, and experiential and environmental influences.

A escolha do objeto não é fortuita. Essa escolha se deu pela observação do contexto social e político em que se encontra o Brasil desde a segunda metade da década de 2010 até o presente momento; exato período em que a proliferação de *fake News* se tornou um fenômeno generalizado, tanto internacionalmente — nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016 (Allcott e Gentzkow, 2017) e 2020 (Calvillo et al, 2021), e no contexto de Covid-19 (Rennó, 2022) — como nacionalmente — nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 (Dourado, 2020) e 2022 (Rennó, 2022). O entendimento da linguagem como uma realidade integrada entre sujeito e mundo, com base experiencial, é apenas natural que a análise linguística de um fenômeno tão eminentemente social quanto as *fake News* constitui um importante passo para o enfrentamento desse fenômeno.

Pois, se a linguagem é constituída pela experiência individual e sociocultural, e as *fake News* são um fenômeno linguístico, chega-se à constatação natural de que as *fake News* são, também, constituídas por essas mesmas experiências. Desse modo, o estudo desse fenômeno proporciona uma maior compreensão da forma como essas representações experienciais são construídas, uma compreensão que, se unida a uma motivação de enfrentamento a obstáculos sociais, ofereceria um grande valor à sociedade.

Até aqui, portanto, esclarecemos que esta dissertação pretende estudar as *fake News* pela perspectiva da LC, considerando sua compreensão sobre a interação entre linguagem, sujeito e experiência. Cabe, agora, apontar o fundamento teórico específico que dá constituição e efetividade a esse trabalho, na medida em que oferece princípios e ferramentas pertinentes à análise de material linguístico produzido em interações reais: a semântica de *Frames*, conforme iniciada por Fillmore (1976).

Se a cognição é o conjunto das capacidades humanas de constituição de conhecimento, é importante que tenhamos uma visão clara sobre a organização e a estrutura desse conhecimento, bem como o modo pelo qual ele é obtido pelos sujeitos imersos num mundo construído por experiências linguísticas. A semântica de *frames* entra nessa questão oferecendo uma proposta para a compreensão dessa organização: o conhecimento dos significados linguísticos, indissociado dos demais conhecimentos de mundo cognitivamente entendidos, é constituído por meio de estruturas denominadas *frames*, entendidas inicialmente como:

um sistema de conceitos relacionados de tal maneira que, para entender qualquer um deles, é necessário que se entenda a estrutura total em que eles se encaixam; quando um dos elementos em tal estrutura é introduzido num texto, ou numa conversa, todos os demais se tornam automaticamente disponíveis. (Fillmore, 1982, p. 111, tradução nossa)

Ou seja, o conhecimento humano é organizado em redes relacionais de conceitos integrados uns com os outros, de tal modo que, pensando em linguagem, cada significação da língua acarreta um conjunto de significações em que o todo é determinante para sua compreensão (Fillmore, 1976; Barsalou, 1992, p. 21). Fillmore (1976) apresenta o exemplo clássico do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL<sup>4</sup>, estruturado por “espaços” tais como [Quem compra], [Quem vende], [O que é transacionado], [Recurso monetário]<sup>5</sup>, dentre outros, de modo que o *frame* é evocado linguisticamente, como em:

(i) João comprou um carro.

“Comprou”<sup>6</sup> evoca o *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, em que [Quem compra] e [O que é transacionado] são preenchidos respectivamente pelos *fillers* (preenchedores) “João” e “carro”. O conceito de *frames*, bem como toda a teoria semântica que os sustenta, serão desenvolvidos com plena desenvoltura e clareza nos capítulos subsequentes da dissertação, sendo necessário aqui, apenas, pontuar o seguinte: *frames* são estruturas de conceitos fundadas na experiência (Barsalou, 1992), na medida em que um *frame* só existe em uma sociedade em que os conceitos pertencentes a ele são necessários a essa sociedade<sup>7</sup>. Reforça-se, portanto, o caráter experiencial da linguagem, uma vez que seus significados estarão sempre relacionados ao conjunto sociocultural maior que a abrange (Rohrer, 2007). Por isso mesmo, certos tipos de representações, como as ideológicas, possuem importância para um estudo das configurações linguísticas e semânticas de uma sociedade, justificando, assim, o intuito inquisitivo sobre fenômenos como as *fake News*, na medida em que são manifestações linguísticas e, portanto, organizadas por *frames* (Freitas, 2021).

O objetivo do trabalho é, portanto, o seguinte: observar o modo pelo qual as *fake News* articulam suas ideologias por meio dos *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO. Como esses *frames* são configurados nas *fake News* em que são evocados? Que itens lexicais são mais comumente utilizados nas *fake News* para a organização desses *frames*?

---

<sup>4</sup> Os nomes dos *frames* serão todos colocados em maiúsculas, para melhor compreensão, seguindo a notação tradicional vista nos trabalhos da Semântica de *Frames*.

<sup>5</sup> A representação dos *slots* por meio de questionamentos entre colchetes e minúsculas será justificada no capítulo teórico.

<sup>6</sup> Aspas duplas serão reservadas a elementos linguísticos concretos, ou seja, partes concretas de enunciados.

<sup>7</sup> Uma sociedade que não possui em sua configuração um modo de interação como transações comerciais faz pouco ou nenhum uso de um *frame* como TRANSAÇÃO COMERCIAL.

Se os *frames* organizam o conhecimento de uma determinada sociedade, perspectivando o modo pelo qual os sujeitos constroem o mundo em que estão inseridos, como essa perspectivização atua em representações ideológicas? Tais são as perguntas que guiam essa pesquisa.

A escolha pelos três *frames* apontados se deu por uma revisão prévia do corpus construído, bem como por uma revisão de corpus de trabalho anterior, em Freitas (2021). A partir da recorrência marcante ao longo das *fake News* dos *frames* selecionados, buscou-se observar como eles estruturam ideologicamente as *fake News*, qual o caráter de suas representações, e como apresentar essas representações de forma descritiva e adequada aos pressupostos teóricos adotados. Ainda, a seleção foi também motivada teoricamente, na medida em que, alinhada à Semântica de *Frames*, os estudos de metáfora de Lakoff (1996) foram abordados, no que diz respeito aos modelos familiares de PAI AUTORITÁRIO e PAI PROTETOR, conforme será posto no capítulo 2.

E, por último, a seleção foi motivada pela observação do autor sobre o contexto sociocultural em que o trabalho se insere, bem como pela pretensão de observar a forma como os três *frames* se relacionam: a relação entre o *frame* CRIME, sendo mais abstrato e geral, por tratar de uma ação que engloba diferentes modos de realização, atuação, participação, etc.; e os *frames* específicos LULA e BOLSONARO, que tratam de sujeitos reais. Isso proporcionará uma visão interessante e produtiva dos processos de elaboração cognitiva envolvidos na evocação e construção de um *frame*.

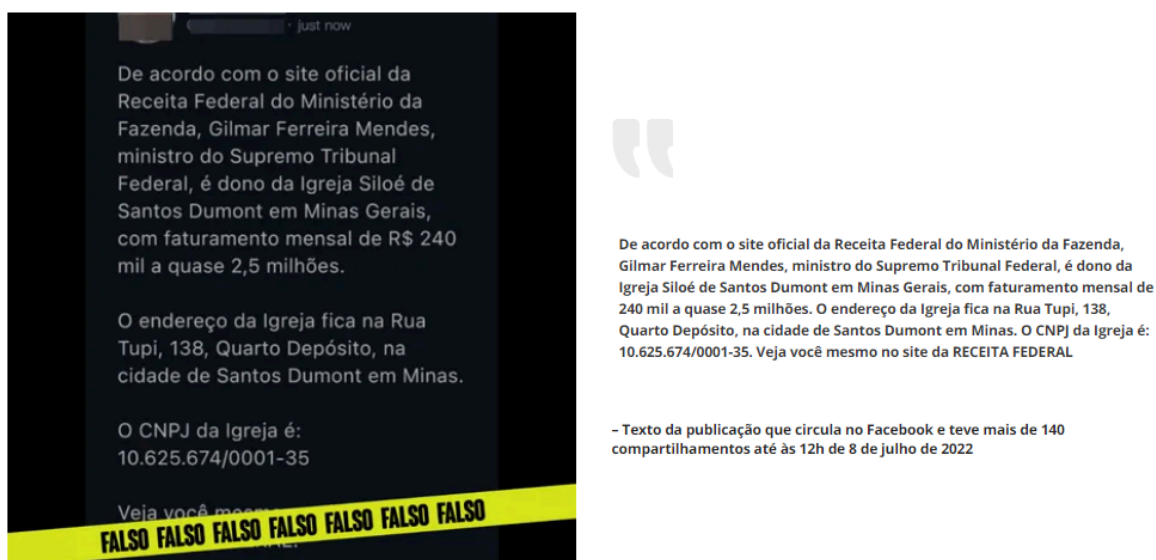
Não se despreza a compreensão da linguagem como um mecanismo coletivo de organização dos significados distribuídos pela sociedade, tampouco a pertinência do contexto social na constituição desses significados. Todos os níveis da língua são perpassados pelo estudo cognitivo da língua, desde os fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos (Langacker, 2008), e cada item linguístico contém uma potencialidade significativa que atua na representação perspectivada de mundo. Se se concentra em fenômenos como as *fake News* por esse olhar cognitivo e experiencial, proporcionarmos uma compreensão desses eventos por um olhar que integra suas significações próprias e seus efeitos numa comunidade linguística socialmente situada.

A partir desse fundamento teórico definido e a partir da determinação do objeto, surge a determinação da metodologia do trabalho. A dissertação consistirá na coleta de 135 *fake News* a partir de *websites* dedicados à verificação jornalística dessa categoria de

textos, preferindo-se sites com maior alcance e relacionados a entidades jornalísticas consolidadas. Foram selecionados, assim, os três seguintes sites: *Agência Lupa*<sup>8</sup>, *Aos Fatos*<sup>9</sup>, e *Projeto Comprova*<sup>10</sup>, agências verificadoras de *fake News* em português-brasileiro, centradas na revisão crítica de material enganoso divulgado em redes sociais no contexto brasileiro atual. Os três sites expõem suas revisões de forma semelhante, o que viabilizou a coleta das *fake News*: o material linguístico das *fake News* propriamente ditas é apresentado de forma parcial ou integral por meio de captura de tela, sendo, em seguida, contextualizado e corrigido.

Foram selecionadas *fake News* em torno do tema das eleições presidenciais de 2022. Essa escolha se justifica quando se considera a perspectiva da análise sociológica do trabalho e se as entende como um mecanismo de embate sociopolítico polarizado (conforme Alves e Maciel (2019), Freitas (2021) e Gonçalves-Segundo (2021)). Consequentemente, *fake News* explicitamente políticas constituirão o *corpus* do trabalho, consistindo em material documental, ou seja, ainda não submetido à análise linguística aqui pretendida. Vê-se, a seguir, um exemplo do modo como as *fake News* são apresentadas em um dos sites, *Agência Lupa*:

**Figura 1: Exemplo de verificação de fake News pelo site Agência Lupa**



**Fonte:**

**<<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/07/08/ministro-stf-gilmar-mendes-dono-igreja-minas-gerais>> . Acesso: 20/05/2024**

<sup>8</sup> Em: <https://lupa.uol.com.br/>

<sup>9</sup> Em: <https://www.aosfatos.org/>

<sup>10</sup> Em: <https://projeto comprova.com.br/>

Selecionadas as 135 *fake News*, o trabalho partiu para a observação do material textual linguístico das *fake News*, transcrito em cada análise do trabalho. As análises de fato consistirão em descrições, pela LC e a Semântica de *Frames*, dos modos de construção dos *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO. No trabalho, serão apresentadas 6 análises de 6 *fake News* distintas, sendo 2 *fake News* dedicadas a cada *frame*. Cada análise será acompanhada de uma relação entre o *frame* e os efeitos ideológicos provocados pelo modo de organização do *frame*. Isso concretizará o objetivo do trabalho de descrever e criticar o modo como ideologias polarizantes são construídas através dos *frames* selecionados.

Assim, a produção da dissertação pode ser dividida em quatro etapas que, mesmo distintas, não necessariamente se excluem, podendo se sobrepor no desenvolvimento do trabalho: I. a etapa bibliográfica, consistindo na revisão de material teórico ligado à LC, à Semântica de *Frames* e a *fake News*; II. a etapa documental, consistindo na coleta de 135 *fake News* pelos sites *Agência Lupa*, *Aos Fatos* e *Projeto Comprova*; III. a etapa de apresentação dos resultados encontrados em 6 análises representativas, com relação ao objetivo do trabalho, consolidada na produção de uma dissertação de mestrado.

Espera-se que o valor do trabalho esteja bem exposto nos parágrafos anteriores, tendo sido apresentados a perspectiva teórica, os objetivos e a metodologia, dando luz à sua pertinência e importância tanto ao desenvolvimento da ciência linguística quanto ao progresso social compassado às observações críticas de fenômenos humanos. Não há, evidentemente, a pretensão ilusória de que a análise aqui realizada seja suficiente para esgotar todo o aprofundamento crítico e linguístico que se pode realizar sobre o fenômeno observado, mas, considerando-se a ciência como um conjunto sempre progressivo e crescente de resultados encontrados em cada momento de pesquisa científica, a importância desta dissertação não pode, igualmente, ser desprezada.

O trabalho se insere portanto numa perspectiva linguística e científica de diálogo constante com o social; a ciência não é uma redoma deslocada do contexto em que se insere, e os resultados encontrados pretendem ser apresentados e divulgados de forma a propiciar uma maior capacidade crítica do leitor, bem como colaborar para o crescente material combativo às *fake News*. Sendo um fenômeno evidentemente nocivo ao tecido social e na medida em que compromete a integridade das informações acessadas via internet em um mundo amplamente conectado, as *fake News* são um objeto que precisa, cada vez mais, ser entendido e esmiuçado para ser combatido. A exposição de seus

mecanismos de organização ideológica por meio da linguagem é, assim, um importante momento desse combate.

É, portanto, na intenção de colaborar com essa exposição dos mecanismos específicos de estruturação ideológica por meio de *frames* que se fundamenta a necessidade dessa dissertação, que será dividida em quatro capítulos e uma seção conclusiva do trabalho. As partes do trabalho são definidas como se segue:

1. O primeiro capítulo, intitulado “*FRAMES E INTERFACES*” tratará da conceituação de *frames* segundo a semântica cognitiva proposta por Fillmore (1976), Barsalou (1992), Ziem (2014), Duque (2015) e demais pesquisadores; apresentará a definição do fenômeno segundo os pressupostos da LC e áreas relacionadas (conforme a interdisciplinaridade essencial à LC), e estabelecerá suas relações com os estudos cognitivos sobre categorização — em especial os estudos de Rosch (1978) e Lakoff (1987) — e ideologias — conforme entendidas por Van Dijk (2013, 2014, 2018).
2. O segundo capítulo tratará do fenômeno das *fake News*, desenvolvendo sua conceituação a partir de estudos selecionados, tendo como base o contexto sócio-histórico e cultural em que se insere, bem como suas bases ideológicas e cognitivas; estabelecendo, assim, uma relação entre o fenômeno e a semântica de *frames*, a partir de estudos já realizados na LC, em especial o de Freitas (2021), estudo que originou a presente dissertação.
3. O terceiro capítulo fundamentará a metodologia do trabalho, já brevemente exposta nesta introdução, definindo sua natureza, seus critérios e procedimentos de análise, suas fases de pesquisa, e suas justificativas com relação à seleção do corpus, como critérios de inclusão e exclusão de *fake News* selecionadas para análise.
4. O quarto capítulo trará o cerne do trabalho, que consiste na análise dos dados coletados; 6 *fake News* serão apresentadas separadamente, na disposição de 2-2-2 respectivamente aos *frames* CRIME-LULA-BOLSONARO. As análises serão seguidas de uma seção dedicada à discussão geral dos resultados, com relação à construção linguística dos *frames* e os efeitos ideológicos provocados.
5. A conclusão consistirá na apresentação dos resultados encontrados por meio da disposição destes em tópicos, para melhor entendimento e absorção pelo leitor. Serão sintetizados os achados encontrados na interpretação qualitativa do quarto capítulo.

## CAPÍTULO I

### *FRAMES E INTERFACES*

Neste capítulo, apresentamos e justificamos teoricamente o conceito de *frames*, conceito central da Semântica de *Frames*, perspectiva na qual o trabalho se insere. Repassaremos brevemente conceitos da Linguística Cognitiva, identificando-a como campo amplo e diversificado de estudos científicos da linguagem, e passaremos a desenvolvimentos específicos pertinentes à Semântica de *Frames*, doravante SF. Como principais autores nos quais nos baseamos para as discussões teóricas aqui apresentadas, e para as análises realizadas nessa dissertação, temos Charles Fillmore (1976; 1982; 1992; 2006), Lawrence Barsalou (1992), George Lakoff (1996; 2009), Alexander Ziem (2014), Paulo Henrique Duque (2015; 2017). Como estudos adjacentes e relevantes para o trabalho, contamos com autores como George Lakoff (1987; 2017), Lakoff e Mark Johnson (1980), Ronald Langacker (1987; 2008; 2009), Eleanor Rosch (1978), e Teun Van Dijk (2013, 2014, 2018, 2022).

#### 1.1 Sobre a Linguística Cognitiva e seus pressupostos gerais

A Linguística Cognitiva, doravante LC, é uma abordagem científica da linguagem que toma como pressupostos:

- A **base experiencial** do sujeito como o fundamento da linguagem (Lakoff, 2017), base constituída tanto pelo aparato corporal humano quanto pela interação entre sujeitos imersos num contexto sociocultural.
- A **não-autonomia** do mecanismo linguístico — especialmente, a não autonomia da sintaxe, em contraposição ao gerativismo —, de modo que esses mecanismos advém da cognição em geral (Langacker, 1987; 2008; 2009).
- A língua não é entendida como um conjunto de regras, mas um conjunto dinâmico e mutável de **unidades simbólicas** (Langacker, *ibidem*) apreendidas por meio do uso.
- A gramática como um processo de **conceptualização da realidade**, sendo, portanto, inerentemente significativa (Abreu, 2010).

Conquanto a LC seja um processo inter e transdisciplinar que abrange abordagens diversas que não necessariamente concordem integralmente entre si (Geeraerts; Cuyckens,

2007), os pressupostos apresentados são, em geral, aceitos pela comunidade científica como pontos comuns pelos quais a LC se guia. Afirmam Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 4)

o reconhecimento de que a Linguística Cognitiva ainda não se estabilizou em uma única teoria uniforme não deve nos impedir de procurar características comuns fundamentais e perspectivas compartilhadas entre as muitas formas de pesquisa que se reúnem sob o rótulo de Linguística Cognitiva.<sup>11</sup> (Tradução nossa)

Assim, passaremos apenas brevemente por cada um deles, complexificando-os, de modo que possamos introduzir os fundamentos teóricos por trás dos *frames* linguísticos e suas relações com outras categorias de análise da LC, constituindo o objetivo deste capítulo.

A noção de uma linguagem com base experiencial que engloba sujeito e cultura, sincronia e diacronia, é um dos pontos mais fundamentais da LC e que a situa como um conjunto de pesquisas integradas ao paradigma funcionalista da linguística (Nuyts, 2007). A língua, por essa visão, é guiada pelo funcionamento interacional da comunicação intersubjetiva, e não pode ser definida como um aparelho apriorístico e desconectado de interação.

Essa noção funcionalista alinhada aos princípios cognitivistas, preocupados com os mecanismos de construção e organização do conhecimento, advém de um amplo conjunto de dados e estudos realizados no âmbito da interação entre psicologia e linguística. Temos, como importantes ilustrações, os estudos de Berlin e Kay (1969) sobre a terminologia das cores e o fundamento fisiológico, cultural e cognitivo das diversificadas categorias linguísticas sobre cores encontradas nas línguas do mundo; os estudos gerais sobre categorização, impulsionados por Rosch (1978), em sequência, a Berlin e Kay (1969) e Lakoff (1987, 2017), que situam as categorias linguísticas como flexíveis, maleáveis e complexas (conforme se verá na seção 1.2 deste capítulo); e os estudos sobre metáfora, realizados inicialmente por Lakoff e Johnson (1980) e até hoje sendo conduzidos na LC (Grady, 2007; Lakoff, 2017), que esclarecem a forma como fenômenos experienciais imediatos e corporizados conduzem a compreensões e configurações cognitivas de fenômenos mais abstratos. Lakoff (2017) ilustra, em uma de suas aulas, a metáfora MAIS

---

<sup>11</sup> Do original em inglês: “the recognition that Cognitive Linguistics has not yet stabilized into a single uniform theory should not prevent us from looking for fundamental common features and shared perspectives among the many forms of research that come together under the label of Cognitive Linguistics.”

É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO e FELICIDADE É PARA CIMA e TRISTEZA É PARA BAIXO<sup>12</sup>. Vejamos:

Existe a metáfora geral de “mais é para cima” e “menos é para baixo”. Preços sobem. E caem. Eles disparam [para cima] e por aí vai. Então “mais é para cima” e “menos é para baixo”. E se você pegar uma cópia de *Metaphors We Live By*, e se você a ler, em qualquer um daqueles capítulos iniciais, há uma longa lista de metáforas “para cima” e “para baixo”. Então vamos lá. Várias metáforas “para cima” e “para baixo”. “Feliz é para cima”; “triste é para baixo”. Então “eu estou me sentindo para cima hoje.” “Meu ânimo aumentou.” “Estou deprimido.” “Estou me sentindo pra baixo.” “Feliz é para cima.” “Triste é para baixo.” “Ele está bem pra baixo.” “Ele caiu numa depressão.” “Isso impulsionou meus ânimos.” “Então feliz é para cima”; “triste é para baixo.” Por que feliz é para cima e triste é para baixo? Porque existe uma base física para isso. Quando você está feliz, você está sorrindo e se sente ereto, seus músculos estão para cima e por aí vai.<sup>13</sup> (Lakoff, 2017, p. 51, tradução nossa)

A visão da base experiencial da linguagem leva naturalmente à compreensão de que os mecanismos linguísticos não podem ser isolados, mas integrados à cognição geral, contrapondo perspectivas teóricas autonomistas e modularistas da linguagem. Se categorias linguísticas tais como nomes das cores (seguindo Berlin e Kay (1969)) são motivadas pela interação entre o aparelho fisiológico do sujeito e a imersão desse sujeito num ambiente sociocultural complexo, essas categorias só podem ser inscritas na língua se existe uma interação entre esse aparelho, esse ambiente e a linguagem.

Assim, as capacidades humanas de percepção, conceptualização, categorização e simbolização entram na manifestação do fenômeno linguístico e o constituem, conferindo à estrutura linguística uma complexidade não-autonomista que está sempre em contato com a experiência humana geral. A sintaxe, tida pelo gerativismo como o objeto central de estudo da linguística por sua aparente autonomia com relação à semântica e à cognição (conforme o exemplo clássico de Chomsky (1957) sobre uma sentença de estrutura sintática gramatical, mas interpretação semântica incoerente: “Colorless green ideas sleep

---

<sup>12</sup> Os estudos de metáfora na LC tendem a representar metáforas conceituais por maiúsculas; como não trataremos profundamente de metáfora, não vemos problema em manter a representação tradicional.

<sup>13</sup> Do original inglês: “There is a general metaphor that “more is up” and “less is down.” Prices rise. They fall. They skyrocket and so on. So “more is up” and “less is down.” And if you take a copy of *Metaphors We Live By*, and you go through it, in any one of these early chapters, there is a long list of up and down metaphors. So here we go. Lots of up and down metaphors. “Happy is up”; “sad is down.” So “I am feeling up today.” “My spirits rose.” “I am depressed.” “I am feeling down.” “Happy is up.” “Sad is down.” “He is really low.” “He fell into a depression.” “That boosted my spirits.” “So happy is up”; “sad is down.” Why is happy up and sad down? Because there is a physical basis of this. When you feel happy, you are smiling and you feel erect, your muscles are up and so on.”

furiously”<sup>14</sup>), é, na LC, constituída por esses mesmos mecanismos gerais e intimamente relacionada com o uso da língua.

Se a sintaxe não é autônoma e é relacionada com os mecanismos gerais de cognição, qual é sua estrutura? A sintaxe se mantém como um sistema de regras transformacionais e gerativas que conduzem à geração de todas as sentenças bem formadas de uma língua? Os estudos da LC, em geral, chegam a certas conclusões com relação a isso: a sintaxe não é um conjunto de regras, mas um conjunto dinâmico de padrões abstratos armazenados na memória, obtidos pela percepção do sujeito sobre regularidades no uso linguístico (Langacker, 1987; 2009). Correntes de estudo como a Gramática Cognitiva (Langacker, *ibidem*) e a Gramática de Construções (Bybee, 2013; Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2013) conferem à sintaxe uma organização abstraída de estruturas linguísticas concretas. Essa abstração é obtida por meio de mecanismos de categorização e esquematização, processos gerais da cognição que atuam na configuração da língua.

Se a gramática de uma língua não é autônoma e interage com a cognição, ela, para a LC, é também conceptualização, caracterizada como a construção imagética da realidade por meio do processo cognitivo do sujeito. Cada atividade linguística é um modo de configurar a realidade por meio de processos de perspectivização, categorização, esquematização e *framing* (um processo específico de esquematização que envolve a construção de uma “cena” cognitiva pela qual os significados da manifestação linguística são obtidos), todos descritos por Langacker (1987).

A evocação de estruturas linguísticas armazenadas na memória de longo termo, construídas por meio de processos cognitivos gerais e fundamentados no uso e na experiência, a língua conceptualiza o mundo de maneira criativa e amplamente subjetiva (Fillmore, 1976; Lakoff, 1987; Duque, 2015; Duque, 2017). A gramática, sendo conceptualização, é, portanto, significativa, pois sempre confere significado pela forma como constrói o mundo que representa na linguagem. Em português, por exemplo, a palavra *chuveiro* parece estabelecer alguma semelhança metafórica com *chuva*. Em inglês, a mesma palavra *chuveiro* é traduzida como *shower*, que parece não estabelecer nenhuma

---

<sup>14</sup> Interessantemente, pelos próprios pressupostos da LC apresentados, esse exemplo pode servir para apresentar o contrário do proposto por Chomsky. Se o autor inicialmente quis ilustrar a autonomia da sintaxe em relação à semântica, os pontos levantados sobre o caráter experiencial e não-autônomo da linguagem nos permitem concluir que a frase, se inserida num determinado contexto de uso, pode, sim, ser semanticamente bem formada, especialmente se se faz uso de raciocínio metafórico (Lakoff e Johnson, 1980).

relação com *chuva*, mas com a cena do banho em geral, uma vez que há coincidência entre os nomes *shower* (chuveiro) e *shower* (banho).

A Semântica de *Frames*, brevemente discutida na introdução, aparece aqui como uma perspectiva teórica que integra todos os pontos aqui brevemente expostos num todo coerente, o que a torna um constructo teórico particularmente importante dos estudos da LC. Cabe, portanto, nos debruçarmos sobre essa semântica com profundidade e clareza, passando por sua história, suas definições e suas relações para com outras categorias de análise da LC, justificando, assim, seu uso neste trabalho.

## 1.2 Conceituação de *frames* e suas várias abordagens

### 1.2.1 A noção de “enquadramento” na psicologia e sociologia

A proposição teórica de um conceito que abarque as complexidades das relações interativas através de uma observação do contexto, das expectativas dos sujeitos interactantes e dos modos de estabelecimento recíproco dos sentidos envolvidos nessas trocas é um impulso que precede a LC, encontrando raízes nos estudos da psicologia e da sociologia; respectivamente, nos estudos dos autores Gregory Bateson (1954) e Erving Goffman (1986).

Bateson, um antropólogo (com contribuições que se expandem à sociologia e à psicologia) em uma empreitada que unia o estudo das bases comunicacionais humanas e da condução metacomunicativa da interação, elabora a noção de *frame* como um reconhecimento mútuo das expectativas comunicativas situadas, numa espécie de encaminhamento quase teatral da interação — o conceito, aqui, é aproximado assim do comportamento de atores numa cena, uma compreensão metacomunicativa que **enquadra** a situação de acordo com os sinais reconhecidos reciprocamente. Conforme Mendonça e Simões (2012, p. 188):

Toda mensagem apresenta, para além de um nível denotativo (de conteúdo), um nível metalinguístico e um nível metacomunicativo (Bateson, 2002, p. 87). O nível metalinguístico diz respeito ao modo como a própria mensagem repensa a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos. O nível metacomunicativo, por sua vez, envolve elementos que definem a própria relação estabelecida entre os falantes. Desse modo, Bateson enfatiza que, mais do que conteúdos, enunciados comportam marcas que balizam a interação estabelecida.

O *framing*, ou **enquadramento**, é, portanto, a delimitação metacomunicativa compartilhada entre os interactantes, o termo definidor que garantiria que uma tal situação

comunicativa é do tipo X e não Y, o que permite a completude e o sucesso da comunicação. Conforme o próprio autor, utilizando um exemplo retirado de suas observações antropológicas, “Nas Ilhas Andaman, a paz é concluída após ser dada, a cada lado, liberdade cerimonial para acertar o outro lado. Esse exemplo, entretanto, também ilustra a natureza instável do *frame* “Isso é um jogo”, “Isso é um ritual.”<sup>15</sup>” (Bateson, 1976, p. 70, tradução nossa).

É importante destacar que, conquanto Bateson situe o enquadramento no nível da interação localizada, seu olhar se volta com maior destaque para as implicações evolutivas, culturais e antropológicas desse fenômeno. O autor se preocupa com a questão dos sistemas sociais e ritualísticos estabelecidos, na medida em que eles fornecem as bases para que os enquadramentos sejam realizados pelos sujeitos. Conforme o que foi dito, o foco aqui é no tipo e natureza de cada interação, que permite uma classificação tal e qual num certo contexto sociocultural. Não há, na perspectiva de Bateson, um olhar direcionado para a situação localizada em si, em suas estruturas e aspectos pragmáticos microsituacionais, ou, ainda, um olhar sobre as estruturas cognitivas e linguísticas complexas que motivam os enquadramentos.

Esse primeiro tipo de olhar, voltado aos aspectos pragmáticos da situação em si, é primeiro realizado por Goffman, a quem geralmente é atribuída a responsabilidade da criação do conceito de *frames*. Se para Bateson o enquadramento é um mecanismo cultural que classifica os diversos tipos de interações comunicativas de uma determinada sociedade, em Goffman, num olhar mais aproximado das situações interacionais em si, o conceito é aprimorado como

o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (Goffman, 1986, pp. 10-11). São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a definição da situação pelos sujeitos. Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a conforma e, conseqüentemente, qual o posicionamento que deve adotar perante ele. (Mendonça. Simões, 2012, p. 189)

Centrando-se no comportamento sociológico dos sujeitos envolvidos, o *framing* passa a ser a organização dinâmica dos quadros comunicacionais elaborados pelos sujeitos na interação. O dinamismo discursivo é parte essencial, aqui, da negociação constante dos

---

<sup>15</sup> Do original inglês: “in the Andaman Islands, peace is concluded after each side has been given ceremonial freedom to strike the other. This example, however, also illustrates the labile nature of the frame “This is play,” or “This is ritual.”

parâmetros comunicacionais pertinentes à interação, bem como à localização dos sujeitos envolvidos com relação ao conjunto social em que a interação se localiza. Há aqui, portanto, uma certa inversão com relação a Bateson. Para o antropólogo, o enquadramento precede a situação comunicativa, como um sistema classificatório mais amplo. Para Goffman, esse enquadramento se realiza no curso da situação, que o faz emergir como um produto dinâmico e sempre reconstruído.

A complexificação do conceito de *frame*/enquadramento ilustra o avanço do olhar científico rumo aos direcionamentos específicos e microorganizados da comunicação. Nesse momento, ainda não há a preocupação com o aparato cognitivo, mesmo nas vertentes mais preocupadas com a condução discursiva da comunicação, como apontam Mendonça e Simões (2012), mas esse aparece como um natural próximo passo no decorrer da interação entre as disciplinas humanas. Os trabalhos de Bateman e de Goffman tiveram sua contribuição, mas, na perspectiva desses estudiosos, o *framing* ainda é visto como um mecanismo pouco esclarecido com relação à sua composição interna e seu substrato cognitivo, fisiológico e linguístico, preocupação que viria somente com os estudos de Fillmore (1976), que inaugura a Semântica de *Frames*.

### 1.2.2 A Semântica de *Frames* (SF)

Vimos que no campo dos estudos antropológicos a noção de *frame* teve seu nascimento na observação das classificações interacionais mediadas pela cultura, e na visualização da dinamicidade interacional organizada em esquemas de enquadramentos comunicativos. Nos estudos linguísticos, o conceito teve suas raízes nos estudos semanticistas de origem gerativa (Fillmore, 1982) de Charles Fillmore, o primeiro teórico a propor o conceito de *frame* inserido em um paradigma linguístico orientado cognitivamente. O autor revisa sua própria história como estudioso da sintaxe e da semântica em seu texto *Frame Semantics* (1982), trabalho seminal que permanece como um dos mais relevantes à linha de estudos subsequente.

Fillmore, estudioso oriundo da Universidade de Michigan, começou seu longo percurso como linguista se inclinando sobre questões de léxico e significado, especialmente em questões relacionadas à co-ocorrência de palavras na organização sintática dos enunciados da língua inglesa. Estimulado pela potência inicial do paradigma gerativo inaugurado por Chomsky em 1957, com seu livro *Syntactic Structures*, Fillmore, intrigado pela interação entre sintática e semântica (a primeira tida como o fundamento

maior da gramática, conforme os princípios gerativos), estudou profundamente a classificação dos verbos do inglês com relação ao seu potencial valencial, ou seja, as admissões lexicais impostas ao verbo pela estrutura transformacional da sentença:

O trabalho do projeto sobre verbos era inicialmente completamente sintático, no sentido de que o que se buscava era, para cada verbo, um relato completo (expresso em termos de características de subcategorização) dos *frames* sintáticos da estrutura profunda que aceitavam o verbo, e um relato completo (expresso em termos de características de regras) dos vários caminhos ou ‘histórias transformacionais’ pelos quais as sentenças contendo os verbos podiam ser transformadas em sentenças de superfície.<sup>16</sup> (Fillmore, 1982, p. 113, tradução nossa)

Seguindo essa linha de estudos, cada vez mais interessado nas relações lexicais atributivas aos verbos, e ainda inscrito numa linha teórica gerativa, portanto, inclinada ao sintaticismo regrado pelos processos transformacionais entre uma estrutura profunda e uma estrutura superficial de uma sentença (Chomsky, 1965), Fillmore passou a contemplar a distribuição de papéis semânticos (*agente, paciente, beneficiário, experienciador, objeto experienciado etc*) atribuídos aos argumentos dos verbos do inglês, buscando sintetizar um conjunto universal desses papéis, chamados aqui de *casos*. Dada, portanto, uma determinada estrutura profunda de uma sentença que seleciona, para sua manifestação superficial, um verbo específico, quais acarretamentos semânticos são impulsionados por essa determinação? Que papéis são correspondidos pelos itens lexicais requeridos como argumentos, ou seja, qual a estrutura esquemática e valencial dos verbos com relação aos papéis que selecionam? Tais perguntas levaram Fillmore à noção de “*case frames*”, em que aparece, de forma fundamental, o conceito de *frame* como um esqueleto da organização semântica dos elementos movimentados pelo verbo na sintaxe da frase.

O estudo foi batizado pelo autor de *Gramática de Casos*, inaugurada no trabalho *A Case for Case*, de 1968, assim resumida pelo autor:

Eu propus que verbos poderiam ser vistos como possuindo dois tipos de características relevantes à sua distribuição nas sentenças: a primeira, uma descrição valencial da estrutura profunda expressa em termos do que chamei ‘*frames* de caso’, a segunda, uma descrição em termos de características de regras. O que chamei de ‘*frames* de caso’ equivalia a descrições de palavras predicativas que comunicavam informações como as seguintes: ‘tal e tal verbo ocorre em expressões contendo três

---

<sup>16</sup> Do original inglês: “The project’s work on verbs was at first completely syntactic, in the sense that what was sought was, for each verb, a full account (expressed in terms of subcategorization features) of the deep structure syntactic frames which were hospitable to it, and a full account (expressed in terms of rule features) of the various paths or ‘transformational histories’ by which sentences containing them could be transformed into surface sentences.”

nominais, um designando um ator que performa o ato designado pelo verbo, um designando um objeto sobre o qual o ato do ator causa influência transformativa, e um designando um objeto através do qual o ator provoca a referida transformação.<sup>17</sup> (Fillmore, 1982, p. 114, tradução nossa)

Apenas na década de 70, com a virada reativa ao gerativismo e com os primeiros passos de uma compreensão cognitivista não modularista, não autônoma e não essencialmente sintática, é que Fillmore libertou suas concepções semanticistas da necessidade de uma base puramente sintática e formal, passando a refletir sobre as interações entre linguagem, cognição e experiência sociocultural. Insatisfeito com as limitações de uma compreensão semântica verbal que se limitasse à disposição abstrata e formal de casos universais que não abrangesse de fato toda a organização do conhecimento que o sujeito tem sobre o uso de sua língua, Fillmore passou a entender a organização semântica da sentença não em termos da distribuição guiada pela sintaxe, mas como uma organização esquemática de fatos experienciais abstraídos da experiência, contendo um conhecimento que ia além do puramente linguístico.

Um verbo, assim, deixa de ser apenas a determinação semântica de uma estrutura profunda, que acarretaria na seleção de casos, e passa a ser um símbolo (nos termos de Langacker, 2010) que evoca uma estrutura cognitiva complexa e relacional, fundada na experiência do sujeito. Uma estrutura entendida como uma “cena” esquemática que organiza vários conceitos em relações recíprocas. Para essa estrutura, Fillmore, em 1976, passa a reutilizar o termo *frame*, agora como uma junção da herança de seus estudos gerativos e dos estudos realizados em outras ciências, como os de Bateson e Goffman, já citados:

Conquanto o conceito de ‘*frame*’ em vários campos da psicologia cognitiva parece ter origens independentes da linguística, seu uso na gramática de casos foi contínuo, em meu próprio pensamento, com o uso que fiz na ‘semântica de *frames*’. Em particular, eu concebi cada *frame* de caso como caracterizando uma pequena ‘cena’ ou ‘situação’ abstrata, de modo que para o entendimento da estrutura semântica do verbo era

---

<sup>17</sup> Do original inglês: “I proposed that verbs could be seen as basically having two kinds of features relevant to their distribution in sentences: the first a deep-structure valence description expressed in terms of what I called ‘case frames’, the second a description in terms of rule features. What I called ‘case frames’ amounted to descriptions of predicating words that communicated such information as the following: ‘Such-and-such a verb occurs in expressions containing three nominals, one designating an actor who performs the act designated by the verb, one designating an object on which the actor’s act has a statechanging influence, and one designating an object through the manipulation of which the actor brings about the mentioned state change.’”

necessário o entendimento das propriedades de tais cenas esquematizadas.<sup>18</sup> (Fillmore, 1982, p. 115)

Inclinando-se sobre a guinada cognitiva dos anos 80, Fillmore estende ao seu conceito os achados de Lakoff (1987) e Langacker (1987), tidos como os fundadores da LC enquanto disciplina autorreconhecida. Os *frames*, assim, são estruturas cognitivas, como já se disse, e que relacionam conhecimentos de vários níveis da experiência humana, que vão além do material puramente linguístico. Fillmore (1982, p. 110) define *frame*, então, como **qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente.**<sup>19</sup>

A própria ideia de um conhecimento linguístico completamente dissociado dos demais campos do conhecimento humano é posta em jogo, pela LC, diluindo a divisão entre dicionário e enciclopédia, conforme dito pelo próprio Fillmore (1982). Tudo isso colabora para um entendimento de *frames* como estruturas organizadoras do conhecimento em geral, que são instanciadas por meio de signos linguísticos postos no texto.

Nisso consiste a diretriz maior da SF como um campo disciplinar da LC: uma semântica que busca observar o funcionamento das estruturas cognitivas que correspondem à organização do conhecimento humano (os *frames*); a natureza e as características dessas estruturas, ou seja, como os *frames* se constituem; e o modo como essas estruturas são instanciadas linguisticamente, ou seja, como os itens da língua ativam os *frames* de modos específicos, construindo seus significados nos usos reais. É uma disciplina inscrita na virada cognitiva orientada ao funcionalismo, ou seja, à linguagem conforme entendida no e pelo uso, e cujos desenvolvimentos vêm sendo conduzidos desde sua inauguração por Fillmore, em 1982.

Com relação à proposta da Semântica de *Frames*, o significado passa a ser uma instanciação perspectivada de uma construção complexa, armazenada na memória e reforçada pela experiência constante; ou seja, um termo linguístico recorta um determinado

---

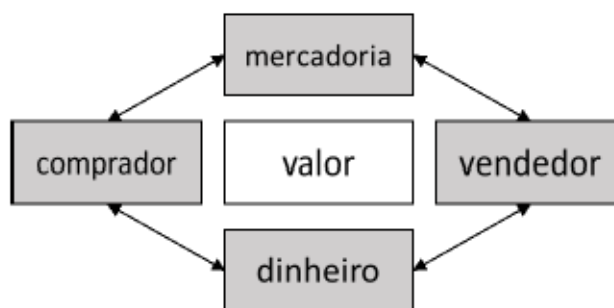
<sup>18</sup> Do original inglês: “Although the concept of ‘frame’ in various fields within cognitive psychology appears to have origins quite independent of linguistics, its use in case grammar was continuous, in my own thinking, with the use to which I have put it in ‘frame semantics’. In particular, I thought of each case frame as characterizing a small abstract ‘scene’ or ‘situation’, so that to understand the semantic structure of the verb it was necessary to understand the properties of such schematized scenes.”

<sup>19</sup> Do original inglês: *any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available.*

modo de enxergar uma cena construída cognitivamente, cena chamada, aqui, de *frame*. Esse recorte, consistindo-se na perspectivização, é um modo de configurar especificamente o *frame*, de maneira que os signos se diferenciam pelo modo como configuram esse *frame*. Vejamos um exemplo, para que nossas reflexões fiquem mais claras.

O exemplo mais clássico da Semântica de *Frames*, sempre resgatado por autores que se inclinam sobre o tema, foi apresentado pelo próprio Fillmore em suas postulações iniciais (Fillmore, 1976), que precederam mesmo a inauguração consolidada da disciplina. O exemplo em questão é o do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, que esquematiza uma estrutura cognitiva que corresponde aos conhecimentos socialmente organizados e constituídos sobre o conceito. Esses conhecimentos são internalizados individualmente pelo sujeito na forma de caminhos de circuitos neuronais que são ativados a cada ativação linguística que remeta ao conceito. O *frame* corresponde a esses caminhos, o que faz dele uma estrutura dinâmica. Paulo Henrique Duque (2015), autor brasileiro de orientação sociocognitiva e interessado na Semântica de *Frames*, apresenta visualmente o *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL da seguinte forma:

**Figura 2: Frame TRANSAÇÃO COMERCIAL**



**Fonte: Duque (2015, p. 30)**

Ve-se que o *frame* não estabelece uma qualificação semântica particular e autônoma de um único item linguístico, correspondendo, ao invés disso, a um sistema de relações entre conceitos que constroem um conceito maior que as englobe. Esse conceito maior organiza uma determinada cena, social e culturalmente motivada, pela qual cada um dos elementos específicos são então caracterizados. O *frame*, assim, é o esquema cognitivo que subjaz aos termos utilizados nas sentenças de uma língua, e que lhes dá significação a partir das relações que estabelece. Vejamos, por exemplo, que verbos como “comprar” e “vender” evocam esse mesmo *frame*, mas o fazem de maneiras distintas, por perspectivar a

cena de maneiras específicas, ou seja, enfocar certas relações em detrimento de outras. Comparem-se as seguintes sentenças:

(a) João **comprou** o carro de Lucas.

(b) Lucas **vendeu** o carro para João.

As diferentes significações construídas pelas sentenças (a) e (b), devem-se, pela Semântica de *Frames*, não a uma combinação de significados autônomos e descontextualizados de cada item linguístico aí colocado, mas de uma construção total que aciona uma representação cognitiva especificada por esses itens. Ao remeter ao mesmo *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, os verbos “comprou” e “vendeu” diferenciam suas respectivas evocações pela saliência cognitiva<sup>20</sup> que dão, respectivamente, aos *frames* COMPRADOR ou VENDEDOR, de modo que o primeiro verbo constrói a relação como indo do comprador ao vendedor, e o segundo a constrói como indo do vendedor ao comprador. O mesmo *frame*, assim, serve à especificação semântica de duas distintas sentenças, cujas diferenças se dão pela forma como o *frame* é evocado.

Mas é evidente que não basta considerar apenas as formas relacionais especificadas pelo verbo para que as sentenças sejam efetivamente compreendidas; cada item linguístico tem um respectivo funcionamento na ativação do *frame*, e cada elemento do *frame* recebe um determinado valor. Antes, porém, de continuarmos com a observação das sentenças de exemplo, precisamos esclarecer o que se entende pelos elementos dos *frames* e seus valores.

Como se vê na Figura 2, um *frame* é comumente representado como um conjunto relacional e organizado de elementos; o *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL conta, portanto, com os *frames* COMPRADOR, DINHEIRO, VENDEDOR, MERCADORIA e VALOR<sup>21</sup>. Cada um desses conceitos<sup>22</sup> corresponde a uma categoria, abstraída da experiência (Langacker, 2010), que, por sua vez, também corresponde a um *frame* específico. COMPRADOR, na mesma medida em que corresponderia a um componente de TRANSAÇÃO COMERCIAL, ativa uma rede própria de significados. As categorias que

---

<sup>20</sup> Em Lakoff (2008) e Ziem (2014), essa saliência é entendida por meio dos processos neuronais já mencionados, na medida em que os neurônios disparam um ou outro percurso de sinais elétricos. Apesar desta dissertação não se inclinar profundamente sobre os procedimentos neurocognitivos e fisiológicos por trás da atuação dos *frames*, é interessante trazermos esse breve ponto.

<sup>21</sup> É evidente que há vários outros elementos possíveis a ser considerados na constituição do *frame*, que podem fazer referência a fatores como local de transação, forma da mercadoria, forma do dinheiro, etc. Não se pretende, com a ilustração, fazer parecer que a forma simplificada de TRANSAÇÃO COMERCIAL seja tida como a forma completa do *frame*.

<sup>22</sup> Conceito, entendido pela LC, se refere a uma representação cognitiva, de modo que entendemos aqui como um sinônimo de *frame*. Utilizamos os termos, portanto, alternadamente.

compõem o *frame* são preenchidas pelos elementos manifestos nas sentenças linguísticas efetivamente produzidas na língua, de forma que, em (a), “João” preenche o conceito COMPRADOR (especificando o que se conhece por compradores, na sociedade em que a sentença é realizada). “O carro” corresponde à MERCADORIA, “Lucas” corresponde a VENDEDOR e a preposição “de” corresponde ao percurso relacional entre MERCADORIA e VENDEDOR. Quando uma categoria não é especificada, como, nesse caso, DINHEIRO, o sujeito falante a preenche com conhecimentos pré-estabelecidos socioculturalmente, de forma que, num caso como esse, a categoria pode ser preenchida por um valor monetário em “real” ou “dólar”, mesmo sem a materialização linguística.

Às categorias que compõem os “*frames dos frames*”, chamamos de agora em diante de *slots*, seguindo a nomenclatura de Ziem (2014, p. 256). Aos valores efetivos que especificam as categorias, chamamos *fillers*<sup>23</sup>; e aos valores pré-estabelecidos e não materializados linguisticamente, chamamos *default*. Dessa forma, nas sentenças (a) e (b), o *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL tem os *slots* postos na Figura 2, e esses slots são preenchidos por *fillers* manifestos linguisticamente nas formas linguísticas das sentenças. Aos *slots* não preenchidos por *fillers*, os valores *default* são admitidos, através do conhecimento do sujeito, adquirido em sua experiência linguística situada em seu contexto específico<sup>24</sup>. Assim, “*Frames* são representações com estrutura de *slot/fillers*, valores *default*, restrições fracas sobre os tipos de *fillers* atribuídos a um dado *slot*, e uma organização hierárquica que permite a incorporação recursiva de *frames* dentro de *frames*”<sup>25</sup> (Coulson, 2019, p. 35 apud Ziem, 2014, p. 241, tradução nossa).

Com relação à representação terminológica e imagética de um *frame*, neste trabalho continuaremos a adotar Ziem (2014), que, ao tratar de *frames* cognitivos e linguísticos, prefere tratar os *slots* como **questionamentos emergentes da experiência**. Explicaremos mais detalhadamente esse ponto na seção 1.2.2.2, bastando, até agora, dizer que

---

<sup>23</sup> Barsalou (1992) utiliza a terminologia alternativa *atributos* e *valores*, que correspondem, respectivamente, a *slots* e *fillers*. Preferimos adotar a terminologia de Ziem (2014) por dois motivos: 1. a metodologia aqui adotada para a descrição de um *frame* se inspira no trabalho de Ziem 2. *valores* pode induzir confusão ao leitor, uma vez que, neste trabalho, já utilizamos “valores” na análise ideológica.

<sup>24</sup> Contexto tanto intra- quanto extralinguístico. As inferências que colaboram tanto para a determinação sobre quais elementos *fillers* preenchem quais *slots*, quanto para quais valores *default* estão presentes dependem, naturalmente, de um conjunto de conhecimento produzido e reproduzido culturalmente, e da situação linguística situada em questão (Ziem, 2014).

<sup>25</sup> Do original inglês: “Frames are representations with slot/filler structure, default values, weak constraints on the type of fillers for a given slot, and a hierarchical organization that allows recursive embedding of frames within frames”

COMPRADOR, no exemplo acima, corresponderia a um *slot* do tipo [Quem compra o objeto da ação] ou, mais geral, [Quem é o segundo participante envolvido na ação].

Dessa forma, portanto, se explica formalmente a especificação semântica das frases (a) e (b): observando como os itens linguísticos de cada uma correspondem a *fillers* que preenchem determinados *slots*; e observando quais valores *default* podem ser inferenciados a partir do conhecimento sociocultural pertinente, bem como o contexto discursivo, da situação linguística em questão. A questão do conhecimento sociocultural precisa ser sempre reforçada, na medida em que, na Semântica de *Frames*, o conhecimento linguístico engloba o conhecimento enciclopédico do sujeito.. Esse conhecimento abrange, portanto, não apenas o que a semântica tradicional classifica como traços essenciais dos termos, mas também traços outros, justamente pelo fato de que a distinção entre tais traços não consegue ser eficientemente sustentada (Taylor, 2003a).

Afinal de contas, quais seriam os traços essenciais, suficientes e necessários de um verbo como “comprar”? Quais elementos entram na caracterização semântica desse verbo, e quais os limites a que essa caracterização atinge? Um conceito como ESTABELECIMENTO COMERCIAL entraria nessa caracterização? Para que a análise semântica não faça, portanto, uma distinção que corra o sério risco de ser arbitrária e injustificada com relação ao uso específico do verbo em certos contextos, a SF afirma que são justamente esses contextos que definem a pertinência de um ou outro elemento na caracterização do verbo. Portanto, “comprar” evoca uma gama de conhecimentos aberta e dinâmica para sua caracterização semântica, que é delimitada somente nos usos reais, situados e contextualizados em que o verbo aparece. Numa situação em que alguém enuncia, por exemplo, *O Pedro comprou um Porsche 2017 por R\$ 90.000,00 reais*, a especificação do nome do carro, do ano de fabricação e do valor monetário pago no ato da compra é focal para o acesso de conhecimentos sócio-econômicos-culturais adicionais sobre compra e venda de automóveis em determinada cultura, já que pode provocar desconfiança pelo valor abaixo do mercado.

Ainda, a realidade sociocultural entra como fator de importância na medida em que os próprios *frames* só têm existência quando situados num contexto comunicativo social específico (Fillmore, 1982). Assim, o mesmo verbo “comprar” só faz sentido numa sociedade em que a atividade comercial mediada pelo recurso monetário entre sujeitos voluntários é consolidada como uma atividade pertinente a um grupo social.

Em uma sociedade em que essa atividade é realizada de forma diferente da nossa, ou não realizada de qualquer maneira (como sociedades de produção comunal compartilhada, ou, historicamente, sociedades durante a época de regime feudal generalizado), o *frame* ou possui uma configuração completamente diferente da que estamos acostumados, ou sequer existe na cognição social. **A descrição semântica de uma língua é sempre mediada pela compreensão do linguista sobre o mundo em que essa língua existe.** Em Cuba, o *glamour* dado a carros como Porsche faz menos sentido que o valor dado ao mesmo carro no Brasil. Isso porque sabe-se que, em Cuba, os carros são conhecidos pelo modo como refletem a história do país. São, em geral, carros mais antigos ou clássicos<sup>26</sup>. A visão de mundo da sociedade socialista, nesse caso, entende que saúde e educação são prioridades e a aquisição de carros de luxo, não. Cuba é conhecida como o país que possui sistemas de educação e saúde universalmente acessíveis, financiados pelo Estado.

Entendida a formulação geral da Semântica de *Frames* e o que se entende por um *frame* propriamente dito, Fillmore (1976) e outros autores, como Taylor (2003a), Ziem (2014) e especialmente Duque (2015) observam certas distinções entre tipos de *frames*. Duque, em seu trabalho sobre o discurso ancorado em *frames*, distingue o conceito nos seguintes tipos dispostos e explicados brevemente no quadro a seguir:

**Quadro 1: tipos de *frames***

Tipos de <i>frames</i>	Filtro do <i>frame</i> -cultural
Esquemas-I	Diferentes perfis de um mesmo esquema-I tendem a ser focalizados em diferentes culturas
<i>Frames</i> Conceptuais Básicos	O mesmo item lexical pode acionar <i>frames</i> (ou partes de <i>frames</i> ) distintos em diferentes culturas
<i>Frames</i> Interacionais	Regras de interação variam de cultura a cultura
<i>Frames</i> -roteiro	A forma como eventos são organizados pode variar culturalmente, inclusive, afetando a noção de expectativa
<i>Frames</i> -eventos	A maneira como concebemos os eventos pode variar de cultura a cultura
<i>Frames</i> de domínio específico	Domínios específicos variam de cultura a cultura
<i>Frames</i> -sociais	Comportamentos sociais são orientados mais diretamente pela

<sup>26</sup> Informações como as que se observam neste link provam isso: <<http://causosdeviagens.com.br/os-carros-antigos-de-cuba/>>. Acesso: 08 ago. 2024.

	cultura
--	---------

**Fonte: adaptado de Duque (2015, p. 39)**

Conquanto a divisão não seja unânime entre os autores que fazem uso do conceito<sup>27</sup>, e seja mais uma distinção que convém à análise e metodologia do que uma distinção ontológica de fato entre os mecanismos cognitivos que entendemos por *frames*, os conceitos de *frames* de Esquemas-I (de Imagem), *frames* conceituais básicos, interacionais, roteiro, descritores de eventos, de domínio específico, e sociais, são pertinentes ao presente trabalho, por aparecerem nos dados. Ao leitor, portanto, cabe atentar-se a eles, mas não se preocupar com os termos específicos a cada um: trataremos todos por *frame*, uma vez que se constituem, em última medida, no mesmo mecanismo cognitivo.

Um último conceito importante para a SF é o conceito de metonímia, emergente dos estudos na LC a partir dos estudos de categorização de Lakoff (1987), de metáfora e metonímia de Lakoff e Johnson (1990), e de gramática de Langacker (1993). Nesses trabalhos, o conceito tradicional de metonímia é problematizado, a partir de sua formulação mais usual: metonímia é uma figura de linguagem, em que um termo substitui um outro termo contíguo. Por exemplo, o uso de “água” em “pegue uma água para mim” efetua uma metonímia com a expressão substituída “copo com água”. Partindo dessa noção tradicional, os autores mencionados a expandem para o campo da LC chegando a uma definição mais formal e completa: **metonímia é um mecanismo cognitivo em que um conceito serve como ponto de referência para o acesso de outro conceito** (Radden e Kövecses, 1999, p. 19).

Pelo mesmo exemplo acima utilizado, ao invés de dizermos que as expressões linguísticas “água” e “copo de água” estão em relação metonímica, dizemos que os conceitos ÁGUA e COPO DE ÁGUA estão relacionados. Essa relação é caracterizada pelo conceito ÁGUA, ou, na terminologia da SF, o *frame* ÁGUA servir como ponto de referência para que o *frame* COPO DE ÁGUA seja evocado. O resultado dessa operação cognitiva é uma relação complexa em que ambos os conceitos atuam na significação: o que

---

<sup>27</sup> Taylor (2004) fala apenas de *frames* e *scripts*, e, ainda, de uma forma que os mescla a conceitos adjacentes, como esquemas e modelos cognitivos idealizados (que serão abordados posteriormente nesta dissertação). O próprio Fillmore não se preocupa inteiramente com a distinção entre tipos de *frames*, mas menciona os *frames* cognitivos e os *frames* interacionais (Fillmore, 1976).

se quer, com o enunciado não é água, e também não é copo, mas um copo que contenha, em seu interior, água potável.

Os estudos de metonímia avançaram fortemente após essa formulação inicial, se tornando um campo de estudos próprio na LC (Radden e Panther, 1999). Atualmente, o mecanismo metonímico é tido por várias frentes da LC como um dos mecanismos mais fundamentais e essenciais para todo processo linguístico e cognitivo. Na linguagem, a metonímia é entendida como o processo fundador da relação entre forma linguística, significado linguístico e unidade simbólica linguístico (admitindo a terminologia de Langacker (1987)). Uma unidade simbólica exerce função justamente por permitir, através de sua forma, um acesso ao conteúdo conceitual que ocupa um de seus pólos. Portanto, a unidade “água” atua metonimicamente como ponto de referência que dá acesso, em última instância, ao conceito ÁGUA. Todas as unidades da língua existem como metonímias de conceitos acessados por ela, e, unindo esse entendimento à SF, é justamente isso que permite a evocação de um *frame*: um *frame* é evocado na medida em que o termo que o evoca o acessa metonimicamente.

Ainda, a metonímia é um dos mecanismos que permitem a construção específica de um conceito, oferecendo o ponto de vista do falante. Para entendermos melhor essa questão, pensemos nos termos classificados como xingamentos; um xingamento é um termo que “agride, por meio de palavras insultuosas, injuriosas; ofende, descompõe, destrata, afronta.” (Houaiss, 2019, p. 613). Mas como, de fato, um xingamento atua conceitualmente? Ele atua ao condensar, na representação cognitiva que o falante tem sobre a pessoa xingada, todas as características dessa pessoa sob o rótulo do xingamento.

Se, por exemplo, uma *fake News* qualifica o termo “esquerdista” através da expressão “incompetente fracassado”<sup>28</sup>, o que ela faz, de fato, é sintetizar a representação total do *frame* ESQUERDISTA através dos *frames* INCOMPETENTE e FRACASSADO, como se essa adjetivação subjetiva representasse o todo do conceito ao qual se refere. A *fake News* realiza, assim, uma conexão metonímica em que o *frame* ESQUERDISTA serve como ponto de acesso aos *frames* caracterizadores. Essa metonímia é chamada por Radden e Kövecses (1999, p. 35) como a metonímia *Característica-por-Categoria*, e efetua uma caracterização totalizante de um grupo, que faz emergir um juízo de valor negativo: “categorias tipicamente evocam alguma de suas características definidoras ou essenciais e,

---

<sup>28</sup> *Fake News* n° 19 do corpus.

metonimicamente se passam por elas. Por outro lado, **uma característica definidora ou essencial pode evocar ou se passar pela categoria que define**” (ibidem).

É também por meio de um mecanismo metonímico que nomes próprios funcionam como evocadores das pessoas aos quais se referem. O entendimento de metonímia é fundamental para o campo da onomástica cognitiva, uma vez que proporciona um estudo sistematizado do significado dos nomes próprios (Radden e Kövecses, 1999; Reszegi, 2023). Essa categoria de nomes é entendida como termos que se referem a um ente específico de mundo, ao invés de uma classe de entes: “João”, por exemplo, utilizado em contexto, se refere a uma pessoa real do mundo que atende pelo nome<sup>29</sup>. Esse processo de referenciação é essencialmente metonímico, não apenas pelo mecanismo geral apontado nos parágrafos anteriores, mas porque, nessa situação, uma pessoa real do mundo é imediatamente evocada pelo símbolo linguístico correspondente.

Assim, um conjunto conceitual que constrói a representação total de uma pessoa é evocado pelo nome próprio. É desse modo que “Bolsonaro” evoca o *frame* BOLSONARO, e que “Lula” evoca o *frame* LULA, integrando os nomes próprios ao conjunto de termos estudados pela Semântica de Frames. Falaremos, portanto, ao longo das análises, dos modos como os termos dos textos das *fake News* evocam metonimicamente certas representações, e condensam as imagens dos sujeitos em conjuntos cognitivos complexos.

Restam, ainda, questões pertinentes à SF, para que se afirme como um campo disciplinar bem orientado: O que, teoricamente, distingue um *frame* de um **domínio cognitivo** (Langacker, 2010), e de um **modelo cognitivo idealizado (MCI)** (Lakoff, 1987)? Como, de fato, estabelecemos um *frame*, seus *slots* e seus valores *default*? Passaremos, agora, a essas questões.

#### 1.2.2.1 *Frames* e os conceitos de domínio cognitivo e MCI

Inserido num contexto de ampla difusão de estudos que culminaram na consolidação do campo de estudos da Linguística Cognitiva, o conceito de *frames* é amplamente relacionado às teorias de autores como Lakoff (1987) e Langacker (1987), responsáveis respectivamente pelos conceitos de **Modelos Cognitivos Idealizados** e **domínios cognitivos**. Os autores partem de preocupações semelhantes às de Fillmore,

---

<sup>29</sup> Há, entretanto, usos diferenciados de nomes próprios que modificam essa relação unívoca entre termo e referente; a pessoa referenciada pode, por vezes, se tornar exemplar de uma determinada característica que passa a ser sinalizada pelo nome (cf. exemplo de Radden e Kövecses (1999, p. 34) sobre como “OJ”, originalmente referindo-se a OJ Simpson, se tornou uma expressão convencional caracterizando atitudes de homens violentos contra mulheres).

quais sejam, a integração de um conceito amplo de cognição socialmente fundamentada aos estudos da linguagem e à reformulação dos níveis da sintaxe e da semântica, unindo-os num todo guiado pelas funções conceituais e representacionais da linguagem.

Nesse momento em que a semântica passa a ser encarada como o nível fundamental da linguagem, proposições diversas contrastam e dialogam entre si para chegar a pontos importantes à fundação disciplinar da LC. Nesse ínterim, George Lakoff, estudioso californiano com um histórico na Linguística Gerativa (Lakoff, 2017), rompe teoricamente com esta perspectiva científica, ao voltar seu interesse para os fenômenos linguísticos semânticos marginalizados pelos estudos essencialmente sintáticos do gerativismo. Dentre esses fenômenos, os que mais chamam sua atenção e guiam a maior parte de sua carreira como estudioso da LC, estão as noções de categorização e de metáforas conceituais.

Observando profundamente os processos cognitivos e linguísticos de interações cotidianas, Lakoff e Mark Johnson chegam a conclusões paradigmáticas sobre processos metafóricos, entendendo-os não mais como mecanismos literários de estilo e desalinhados com a gramática natural, mas como processos inerentes à constituição cognitiva dos sujeitos sociais (Lakoff; Johnson, 1980). As metáforas, agora, são tidas como uma relação cognitiva entre conceitos, em que um conceito mais abstrato é entendido e estruturado a partir de outro conceito, mais concreto, e essas relações são pervasivas na linguagem natural. Como exemplo clássico, os autores tratam da estruturação do conceito ARGUMENTO a partir do conceito GUERRA, de modo que a experiência que temos de um argumento, a forma como compreendemos esse conceito, as maneiras pelas quais falamos e pensamos sobre ele, tudo isso é organizado pela forma como entendemos e conceptualizamos o conceito GUERRA. Nos dizem os autores:

É importante observar que nós não apenas *falamos* sobre discussões em termos de guerra. Nós, na realidade, podemos vencer ou perder discussões. Vemos a pessoa com quem discutimos como um oponente. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e utilizamos estratégias. Se encontramos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e tomar uma nova linha de ataque. Muitas das coisas que *fazemos* em discussões são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Conquanto não haja conflito físico, há conflito verbal, e a estrutura de uma discussão — ataque, defesa, contra ataque, etc. — reflete isso. É nesse sentido que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA é uma pela qual vivemos nessa cultura; ela

estrutura as ações que performamos em discussões.<sup>30</sup> (Ibidem, p. 13, destaque do autor, tradução nossa).

Essa compreensão cognitiva e conceptual de metáforas é o que abre margem para Lakoff, em 1987, prosseguir com o estudo sobre categorização em geral; se apreendemos certos conceitos com base em relações sistemáticas estabelecidas com outros conceitos, baseados na experiência, o que isso nos diz sobre a forma como categorizamos o mundo? É essa questão que impulsiona o autor a compreender a cognição como um sistema distribuído pelo corpo individual e social, solidificando, na mente, conceitos sobre o mundo pautados em processos interacionais e representações construídas com base nesses processos.

Desse direcionamento, e em contato com os estudos de Fillmore (1982) e Langacker (1987), Lakoff propõe, em seu trabalho seminal *Women, fire and dangerous things* (1987), o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI)<sup>31</sup>: um modo de organização cognitiva do conhecimento, que estrutura a forma como os conceitos são representados e armazenados pelos sujeitos. Estudando a categoria “mãe”<sup>32</sup> e os efeitos de prototipicidade de categorias cognitivas (fenômeno que será explicado detalhadamente na seção 1.2 desta dissertação), Lakoff define o conceito acessado pelo termo como uma **rede relacional de diferentes representações** do que se entende por “mãe”. Fazendo uso do conceito de *frames*, relacionando-se, portanto, diretamente com os estudos de Fillmore (1982), Lakoff (1987) considera “mãe” como uma evocação complexa de, pelo menos, 5 *frames* distintos que colaboram para o entendimento do conceito na sociedade norte americana:

- o *frame* PARTO;
- o *frame* GENÉTICA;
- o *frame* NUTRIÇÃO;
- o *frame* CONJUGAL;

---

<sup>30</sup> Do original inglês: It is important to see that we don't just talk about arguments in terms of war. We can actually win or lose arguments. We see the person we are arguing with as an opponent. We attack his positions and we defend our own. We gain and lose ground. We plan and use strategies. If we find a position indefensible, we can abandon it and take a new line of attack. Many of the things we do in arguing are partially structured by the concept of war. Though there is no physical battle, there is verbal battle, and the structure of an argument — attack, defense, counterattack, etc. — reflects this. It is in this sense that the ARGUMENT IS WAR metaphor is one that we live by in this culture; it structures the actions we perform in arguing.

<sup>31</sup> Do original inglês “Idealized Cognitive Models” e a sigla “ICM”

<sup>32</sup> Originalmente a categoria linguística do inglês americano “mother”, traduzimos-na na medida em que os pontos levantados por Lakoff sobre a categoria foram percebidos como presentes também no português brasileiro.

- o *frame* GENEALÓGICO.

Para Lakoff, cada um desses *frames* contribui para o entendimento do conceito global e cada ato de fala localizado representa uma configuração distinta do sistema complexo formado pela relação entre os *frames*: sistema que corresponde ao MCI *mãe*. Uma expressão como “mãe adotiva”, por exemplo, salientaria *frames* como NUTRIÇÃO, com a estrutura particular que ele traz à expressão, e ofuscaria os demais *frames* pertinentes à configuração geral do conceito. Na posição do autor, as situações reais de aplicação do conceito raramente correspondem à totalidade do MCI, que, por isso mesmo, é **idealizado**.

É importante que apontemos certas críticas ao conceito de MCI, que justifica nossa adoção do conceito de *frame*, e que, ao mesmo tempo, não desmerece a importância fundamental dos estudos de Lakoff para a Linguística Cognitiva e para a Semântica de *Frames*. A maior crítica recai no fato de que é pouco clara a distinção entre um *frame* e um MCI, dado que o próprio autor utiliza o conceito de *frame* para ilustrar a noção de MCI:

Provavelmente o melhor jeito de oferecer uma ideia sobre o que são MCIs e como eles funcionam na categorização é por meio de exemplos. Vamos começar com o conceito de Fillmore sobre *frame*. Pegue a palavra do Inglês “Tuesday” [Terça-feira]. Terça-feira é definida apenas relativamente a um modelo idealizado que inclui o ciclo natural definido pelo movimento do sol, os meios padronizados de caracterizar o fim de um dia e o começo do próximo, e um ciclo mais largo de sete dias calendários — a semana. No modelo idealizado, a semana é um todo com sete partes organizadas em uma sequência linear; cada parte é chamada de dia, e a terceira parte é terça-feira. Similarmente, o conceito de fim de semana requer uma noção de uma semana de trabalho de cinco dias seguida por um descanso de dois dias, sobreposta sobre os sete dias calendários. Nosso modelo de semana é idealizado.<sup>33</sup> (Ibidem, p. 95-96, tradução nossa.)

Entretanto, Lakoff busca esclarecer de forma mais aprimorada a distinção, ressaltando o amplo escopo de aplicação do conceito de MCIs, em contraste ao de *frames*. Desse modo, para o autor, *frames* são apenas um modo de organização proposicional das estruturas cognitivas relacionadas diretamente com a linguagem, e aqui citamos Ziem, que afirma:

---

<sup>33</sup> Do original inglês: “Probably the best way to provide an idea of what ICMs are and how they work in categorization is to go through examples. Let us begin with Fillmore’s concept of a frame. Take the English word Tuesday. Tuesday can be defined only relative to an idealized model that includes the natural cycle defined by the movement of the sun, the standard means of characterizing the end of one day and the beginning of the next, and a larger seven-day calendric cycle—the week. In the idealized model, the week is a whole with seven parts organized in a linear sequence; each part is called a day, and the third is Tuesday. Similarly, the concept weekend requires a notion of a work week of five days followed by a break of two days, superimposed on the seven-day calendar. Our model of a week is idealized.”

É importante, entretanto, notar que Lakoff (1987:284) propõe quatro princípios estruturais adicionais para estruturas proposicionais: (i) cenas e scripts (com presumida referência a Schank e Abelson (1977)), (ii) feixes de características, (iii) taxonomias, e (iv) categorias radiais prototipicamente organizadas.<sup>34</sup> (Ziem, 2014, p. 21, tradução nossa)

Contudo, a aparente confusão terminológica não é plenamente resolvida com as distinções realizadas por Lakoff, na medida em que os termos são frequentemente utilizados, na literatura, de formas correspondentes. Assim, a predileção por uma ou outra noção acaba se devendo mais à orientação metodológica e teórica do cientista do que a uma diferença de natureza entre *frames* e MCIs. Taylor (2003b) faz um apontamento crítico sobre a confusão terminológica no tratamento da estruturas do conhecimento na LC:

A terminologia nessa área é confusa, parcialmente porque diferentes termos são usados por diferentes autores para referir ao que parece ser o mesmo construto, ou o mesmo termo é usado para referir a construtos muito deferentes. Ademais, não é nada claro que é possível realizar distinções conceituais claras nesse campo. No entanto, achei o termo ‘*frame*’ um termo teórico útil, detonando a rede de conhecimento que liga os múltiplos domínios associados a uma dada forma linguística.<sup>35</sup> (Taylor, 2003b, p. 89, tradução nossa)

Nesse excerto de Taylor, na medida em que admitimos sua preferência pelo conceito de *frames* em relação à MCI, compreendendo-os como fenômenos de mesma natureza cognitiva, teórica e operacional, vemos também a presença do segundo conceito a ser aqui analisado e comparado: a noção de **domínios** cognitivos, proposta originalmente por Langacker, em *Foundations of Cognitive Grammar* (1987). Para que possamos compreender esse conceito, é necessário retomar pontos principais da LC já apontados na seção 1.1, quais sejam: o caráter simbólico das unidades linguísticas e a base experiencial da linguagem e da cognição.

Langacker (1987) compreende os níveis de análise linguística (léxico, fonologia, morfologia, sintaxe) como unidades cognitivas compostas da relação entre dois pólos constitutivos, consistindo no pólo **fonológico** e no pólo **semântico**. O pólo fonológico é, segundo a Gramática Cognitiva, o nível de organização estrutural sonora e material dos

---

<sup>34</sup> Do original inglês: “It is important, however, to note that Lakoff (1987:284) proposes four additional structuring principles for propositional structures: (i) scenes and scripts (with reference presumably to Schank and Abelson 1977), (ii) feature bundles, (iii) taxonomies, and (iv) prototypically organized radial categories.”

<sup>35</sup> Do original inglês: “The terminology in this area is confusing, partly because different terms may be used by different authors to refer to what seems to be the same construct, or the same term may be used to refer to very different constructs. Furthermore, it is not at all clear that it is possible to make clean conceptual distinctions in this area. Nevertheless, I found the term ‘frame’ to be a useful theoretical term, denoting the knowledge network linking multiple domains associated with a given linguistic form.”

itens linguísticos. O pólo semântico consiste no nível de organização **conceitual** desses mesmos itens, correspondendo, portanto, ao conteúdo significativo construído pela cognição do sujeito.

Pela Gramática Cognitiva (doravante GC), por exemplo, a unidade linguística *gato*, na medida em que corresponde à palavra “gato”, é representada formalmente como [[GATO]/[gato]]; em que [GATO] corresponde ao pólo de manifestação fonológica da unidade. Já [gato] corresponde ao pólo de organização semântica e os colchetes externos, englobando os dois pólos, corresponde à unidade simbólica, em que uma forma se liga a um significado (ou a vários). Para o autor, todo componente linguístico, mesmo os padrões abstratos da gramática, são representados por unidades simbólicas que unem pólos fonológicos a pólos semânticos, com o princípio de que esses pólos podem ser mais ou menos concretos<sup>36</sup>.

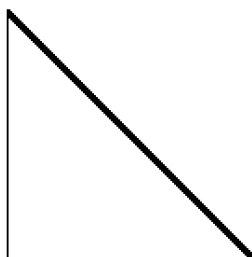
Concentrando-nos no pólo semântico, o significado de um item linguístico é construído pelo sujeito no momento da interação, tendo como base um conjunto de conhecimentos acessados e armazenados que permitem a elaboração do que se quer dizer. O significado, assim, é dinâmico, enciclopédico, e conceptual, pois emerge de construções cognitivas representativas que perspectivam e criam um mundo mental a partir da experiência do sujeito no mundo real. O significado específico de termo, assim, salienta um determinado aspecto de uma construção cognitiva complexa, que, por sua vez, é relacionada a diversas outras construções cognitivas, cada vez mais abstratas. Ao elemento salientado, Langacker dá o nome de **perfil**. À construção cognitiva imediata em que ele se encontra, é dado o nome de **base**. Às outras construções relacionadas, mais ou menos abstratas, que dão suporte à base, chamamos **domínios**.

Taylor (2003b) apresenta como exemplo o conceito de “hipotenusa”. O autor, seguindo a GC e os estudos de Langacker, explica que o significado do termo não pode ser entendido sem uma compreensão geral de uma estrutura cognitiva que o englobe. Essa estrutura seria a representação mental de um triângulo retângulo e, somente por essa representação, o significado de “hipotenusa” pode ser efetivamente apreendido. A figura abaixo pretende mostrar, assim, como esse significado é obtido: “hipotenusa” **perfila** a aresta oposta ao ângulo reto do triângulo retângulo.

---

<sup>36</sup> Um padrão sintático como a marcação da posição sintática de sujeito, por exemplo, pode ser representada como [[SUJEITO]/[sujeito]], em que o pólo fonológico admite um conjunto amplo e aberto de formas, e o pólo semântico admite uma estrutura conceitual semântica que caracteriza a noção de sujeito.

**Figura 3: representação do conceito de “hipotenusa”**



**Fonte: Taylor (2003b)**

A aresta destacada na figura, portanto, corresponde ao **perfil** demarcado pela expressão “hipotenusa”, sobre uma **base** conceitual representada cognitivamente, que corresponde ao conceito de triângulo-retângulo. Onde, afinal, entra a noção de **domínio**? Ora, a noção é posta em jogo, uma vez que o perfil e a base não são plenamente suficientes para a compreensão integral do termo e sua efetiva pertinência num contexto de linguagem em que ele se insere. Outros conceitos, ou melhor, **sistemas de conceitos**, são necessários para que isso ocorra. Taylor (2003b) sugere que noções mais amplas e abstratas como TRIÂNGULO, FIGURA GEOMÉTRICA, GEOMETRIA, MATEMÁTICA, ESPAÇO<sup>37</sup>, são também pertinentes à caracterização plena da expressão. A essas noções, que não são imediatas como a base e não são perfiladas pelo termo, chamamos **domínios cognitivos**. Taylor (2003b, p. 195) distingue base e domínio do seguinte modo:

É útil realizar uma distinção entre a base contra a qual uma entidade é perfilada e o domínio, ou domínios, contra os quais conceitos adquirem forma. A **base** de uma expressão é o conteúdo conceitual que é inerente, intrínseca e obrigatoriamente invocado pela expressão. Um domínio é uma configuração mais generalizada de conhecimento ‘pano de fundo’, contra a qual a conceitualização é alcançada.

Em uma situação comunicativa, cada palavra pode acionar um amplo conjunto de domínios, conforme o próprio exemplo de “hipotenusa” deixou claro. Esse conjunto não compreende domínios que estão necessariamente no mesmo nível de abstração, podendo conter domínios mais ou menos abstratos, que englobem um ou mais domínios. Basta olhar para TRIÂNGULO, FIGURA GEOMÉTRICA e ESPAÇO para que possamos enxergar um percurso ascendente de abstração, num esquema de relações hierárquicas entre si: ESPAÇO, mais abstrato e geral, engloba FIGURA GEOMÉTRICA, que engloba TRIÂNGULO, de modo que:

---

<sup>37</sup> O leitor atento perceberá que utilizamos a mesma notação de *frames* para representar os domínios; isso não é por acaso, e ficará claro ao longo do texto, conforme aproximemos os conceitos.

## ESPAÇO → FIGURA GEOMÉTRICA → TRIÂNGULO

As setas indicam uma relação de instanciação, ou seja, especificação, no sentido em que apontam, e, no sentido inverso, indicam uma relação de implicação: ou seja, TRIÂNGULO elabora, especifica o domínio FIGURA GEOMÉTRICA, que elabora ESPAÇO; pois um triângulo é uma especificação de uma figura geométrica, que por sua vez é uma região especificada do espaço. Um triângulo é sempre, portanto, uma elaboração de uma figura geométrica, e, portanto, contém todas as características de uma figura geométrica; por isso, dizemos que o domínio TRIÂNGULO implica o domínio FIGURA GEOMÉTRICA.

A essa rede complexa de conceitos que organizam o conhecimento que fundamenta uma palavra, chamamos de **matriz de domínios**. Aos domínios mais abstratos, ou seja, os que requerem uma menor matriz de domínios para sua caracterização, dizemos que são domínios mais básicos, e aos domínios que requerem uma maior matriz chamamos de menos básicos (Langacker, 2008, p. 44). Nesse sentido, ESPAÇO seria um domínio efetivamente básico, por ser conceitualmente irreduzível a outros domínios, e TRIÂNGULO seria menos básico<sup>38</sup>.

Essas considerações nos ajudam a estabelecer relações entre o conceito de **domínio**, conforme proposto pela GC, e o conceito de *frames*, conforme a Semântica de *Frames*: onde começa um conceito e termina o outro? São idênticos, distintos, familiares, contrários? De modo semelhante ao que observamos ao tratarmos de MCIs, a preferência por um ou outro conceito acaba se devendo mais à orientação metodológica e teórica dos estudiosos da LC do que a uma diferença de natureza propriamente, mas aqui a intercambialidade é menos evidente. Langacker (2008), ao refletir sobre os conceitos de *frames*, MCIs e domínios, atribui aos primeiros um maior grau de especificidade conceitual, correspondendo aos domínios não básicos, preferindo não utilizá-los ao tratar de domínios mais básicos. Segundo o autor:

Domínio tem a maior generalidade, uma vez que nem o *frame* nem MCI se aplicam muito bem a domínios básicos (por exemplo, tempo ou espaço de cores). Um *frame* pode ser aproximadamente comparável a um

---

<sup>38</sup> Langacker (2008) oferece alguns exemplos de domínios básicos, mas deixa claro que não pretende organizar uma lista exaustiva deles. Além de ESPAÇO, outros domínios básicos são: COR, TOM, TEMPERATURA, GOSTO, CHEIRO (ibidem, p. 44). Esses domínios são chamados por Langacker não como conceitos propriamente ditos, mas como “campos de potencial experiencial, dentro dos quais a conceitualização pode ocorrer e conceitos específicos podem emergir” (ibidem).

domínio não básico. Se as palavras ‘idealizado’ e ‘modelo’ forem levadas a sério, o Modelo Cognitivo Idealizado tem gama menor de aplicação. Não se aplicaria, por exemplo, ao discurso em andamento ou às circunstâncias físicas do evento de fala. (Langacker, 2008, p. 46-47. Tradução nossa.<sup>39</sup>).

Ainda, observamos que a preferência pelo tratamento de domínios em contraste a *frames* e MCIs parece indicar, pelo menos em Langacker, uma certa concentração teórica e aplicada dos estudos a facetas distintas de fenômenos. Segundo um estudo comparativo entre os conceitos realizado por Silva, Freitas e Feitosa (no prelo):

Langacker, com sua Gramática Cognitiva, está mais preocupado com a ordenação das bases experienciais dos conceitos e a organização do significado medida por essa ordenação hierárquica do que com a teoria maior do conhecimento humano, preocupação primordial tanto dos estudos de *frames* quanto dos estudos de MCI.

Ou seja, a noção de domínio é geralmente empregada quando nos interessamos na estrutura organizada e estratificada dos conceitos cognitivos, e no modo como a cognição organiza a experiência em maneiras diferenciadas, perspectivadas e distribuídas em matrizes de experiências. Em contrapartida, a noção de *frames*, bem como a noção de MCI, é frequentemente utilizada em estudos sobre fenômenos socioculturais específicos, observando a forma como uma determinada comunidade da fala organiza o significado de um determinado conceito, e o que isso nos diz sobre como essa comunidade estrutura seus conhecimentos.

Tal distinção não é unânime, entretanto. Autores, como Taylor (2003b, p. 203), abordam os diferentes conceitos sob uma compreensão geral e compartilhada, e a preferência por domínios, e não *frames* ou MCI, recai na inscrição teórica à GC, em contraparte à Semântica de *Frames* e aos estudos de metáforas conceituais, respectivamente. Como apontamos ao tratarmos de MCI, e seguindo Ziem (2014), adotamos o conceito de *frames*, por nos parecer idealmente adequado a tratar as estruturas cognitivas dos sujeitos tendo como visão os campos de conhecimento socioculturalmente compartilhados em comunidades de falantes determinadas.

Esperamos que ao fim desta longa subseção nossa posição teórica fique mais clara diante a aparente confusão terminológica encontrada na LC quando nos concentramos sobre os estudos semânticos. Esperamos também que esta revisão teórica sirva para reforçar pontos principais da LC que, independentemente da terminologia adotada, são

---

<sup>39</sup> Do original: *Domain has the greatest generality, since neither frame nor ICM applies very well to basic domains (e.g. time or color space). A frame may be roughly comparable to a nonbasic domain. If the words idealized and model are taken seriously, idealized cognitive model has the narrowest range of application. It would not, for example, apply to the ongoing discourse or the physical circumstances of the speech event.* (Langacker, 2008, p. 46-47).

aqui fortalecidos: o caráter relacional, conceitual, cognitivo e organizado do significado dos itens da língua.

#### 1.2.2.2 A construção de um *frame*

Sabemos no que consiste um *frame*, a nível de definição teórica: uma estrutura cognitiva que organiza, perspectiva e relaciona conceitos. Cada significado da língua é entendido por meio do *frame* que evoca, e, portanto, uma palavra é uma ativação específica do *frame* subjacente. Essa ativação se dá por meio da recuperação de conhecimentos *default*, e pelo preenchimento dos *slots* do *frame* por meio dos *fillers*. Sabendo disso, uma pergunta importante permanece: como encontramos os *slots* de um determinado *frame*? Se dá por meio da intuição do linguista, por meio de generalização empírica, por algum método de descrição e análise?

Aqui, seguiremos a proposta de Ziem (2014), que oferece um mecanismo operacionalizado de construção dos *slots* de um *frame*, partindo de uma compreensão lógica dos estudos sobre cognição e esquematização: a generalização hiperonímica. Ziem (ibidem) parte de uma observação semelhante a que fizemos na subseção anterior sobre domínios, em especial, no ponto em que afirmamos que cada domínio implica e elabora um domínio anterior, mais geral e abrangente; retomando o exemplo que utilizamos, retirado de Taylor (2003b), TRIÂNGULO elabora o domínio FIGURA GEOMÉTRICA, e, por isso mesmo, todos os aspectos que caracterizam FIGURA GEOMÉTRICA estão também presentes em TRIÂNGULO.

O ponto de Ziem, nesse sentido, é de que se encontramos, portanto, os *slots* do domínio mais amplo (FIGURA GEOMÉTRICA), podemos encontrar os *slots* do domínio mais específico; a diferença entre eles recairá sobre quais valores *default* o domínio mais específico vai instanciar, em comparação com o domínio mais amplo/hiperônimo. Adotando a terminologia da SF, dizemos, então, que os *slots* de um *frame* correspondem aos *slots* do hiperônimo mais geral a que o *frame* pode ser associado.

O autor ainda traz, em sua obra, uma lista de hiperônimos mais gerais, inspirada em Konerding (1993), chamados por ele de *nomes-tipo*, que serviriam de base para a determinação da estrutura de *frames*:

- objeto;
- organismo;
- pessoa/actante;

- evento;
- ação/interação/comunicação;
- instituição/grupo social;
- arredores.
- parte/peça (de um todo)
- todo/conjunto
- estado/propriedade

Para Ziem (2014), todas as entidades da língua cognitivamente representadas podem ser generalizadas a algum dos nomes-tipo apresentados. Segundo o autor, “os nomes-tipo correspondem aos mais altos hiperônimos, em outras palavras, aqueles nominais dos quais é dito que todas as palavras nominalizáveis podem ser generalizadas<sup>40</sup>” (tradução nossa, *ibidem*, p. 269). Se TRIÂNGULO, portanto, pode ser generalizado a FIGURA GEOMÉTRICA, este pode, em última instância, ser ampliado a OBJETO, e, portanto, estruturado pelos mesmos *slots*: a distinção cairá na forma como esses *slots* são preenchidos por *fillers* e valores *default*.

Os *slots*, por sua vez, são definidos por meio de questionamentos relacionados à compreensão *gestalt* que os sujeitos possuem sobre os hiperônimos: como cada hiperônimo corresponde a uma compreensão mais esquemática sobre as facetas da experiência, organizadas em conjuntos holísticos perceptualmente salientes, cognitivamente registrados e armazenados, podemos aferir suas propriedades por meio de questionamentos sobre sua natureza. Desse modo, se determinado nome se amplia ao hiperônimo objeto, os seguintes questionamentos — e muitos outros possíveis, a ser elaborados de acordo com o contexto e cotexto em que a palavra se encontra — podem ser elaborados. A partir de tais questionamentos, certamente não exaustivos, os *slots* podem ser inferidos pelo linguista:

- Qual a forma (física) do objeto?
- Quais as dimensões do objeto?
- Qual o material de que se compõe o objeto?
- Qual a materialidade (no sentido do contraste material-abstrato) do objeto?
- Qual (ou quais) a função do objeto aos seres humanos?
- Qual (ou quais) contextos humanos o objeto realiza tal função?
- Onde geralmente se encontra o objeto?

---

<sup>40</sup> Do original inglês: “The noun types correspond to the highest hyperonyms, in other words, those nominals to which it is claimed that all other nominalizable words can be hyperonymically retraced.”

- Como se constrói o objeto?
- Quais as partes constitutivas do objeto?

Cada pergunta, pelo olhar de Ziem (2014), corresponderia a um potencial *slot* a ser preenchido ou não com valores estabelecidos socioculturalmente — valores *default* — e no curso da interação comunicativa — *fillers*. Para chegarmos à notação assumida para a representação dos *slots* de um *frame*, basta reformular as perguntas no âmbito da análise do *frame* específico que estamos descrevendo. A forma proposicional na qual aparecem os *slots* do *frame*, representados por perguntas, **não se iguala à forma dos frames de fato**. Constituem apenas um mecanismo metodológico de apresentação e viabilização da análise escrita. Assumimos a notação de Ziem (2014) por se mostrar eficiente para chegarmos aos constituintes dos *frames*, que, futuramente, podem ser representados de forma mais visual e computadorizada, através de mecanismos como o *FrameNet*, por exemplo. Para este trabalho, preferimos a forma proposicional.

Pensemos novamente no exemplo clássico de Fillmore (1982), do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL. Como operacionalizar esse *frame* e garantir uma via de análise que une intuição e experiência coletiva, cognição e sociedade?

Para isso, partimos primeiro da significação convencionalizada atribuída socioculturalmente à expressão “transação”, mais diretamente relacionada com o *frame*. Utilizamos, aqui, dois instrumentos: o Mini-Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e o Dicionário Online *Dicio Online*. O primeiro, um dicionário físico e legitimado pela ciência, apresenta significados convencionalizados de palavras da língua portuguesa. O segundo, acessado via internet, apresenta significados semelhantes, mas mais sujeitos à atualização imediata da mudança. Pela configuração própria de uma página de internet, as mudanças podem ser mais frequentes, o que não reduz em nada a importância do dicionário físico, mas apresenta uma nova tendência dos dicionários. Entendemos os dicionários, em geral, como repositórios importantes do léxico e da cultura de uma determinada língua; nunca exaustivos, porém suficientemente gerais e convencionais para que suas significações sirvam de base para a generalização hiperonímica. O dicionário Houaiss, num dos significados atribuídos a “transação”, assim define a palavra:

Datação: 1351

s.f.|substantivo feminino

3 ajuste em virtude do qual as pessoas realizam um acordo ou contrato; acordo, convenção.

3.1 negócio, operação ou ato comercial; operação de compra ou venda

Quanto ao dicionário *Dicio Online*, segue-se a seguinte definição:

s.f.|substantivo feminino

Negócio; processo, prática ou ação comercial: transações financeiras.

Acordo; compromisso através do qual uma negociação, um contrato é realizado: transação de jogadores de futebol.

Ação em que há transferência ou troca de valores: transação bancária.

Nas duas definições, “transação” é definida como um **evento** ou **processo** entre pessoas, ou seja, uma sequência de ações percorridas no tempo. Pela listagem de hiperônimos proposta por Ziem (2014) para análise de *frames*, portanto, “transação”, ao evocar TRANSAÇÃO COMERCIAL, evoca, também, EVENTO. Seguindo nessa mesma linha operacional e metodológica, podemos obter os questionamentos acerca do conceito EVENTO a partir das impressões e percepções *gestálticas* obtidas pela experiência em uma sociedade que faz uso do conceito. Assim:

- Qual o tipo de evento?
- Quem participa do evento (humanos, animais, objetos)?
- Quantos participantes participam do evento?
- Quais os papéis dos participantes no evento?
- Que instrumentos estão envolvidos no evento?
- Que ações estão envolvidas no evento?
- Que participantes (humanos, animais, objetos) estão envolvidos nas ações do evento?
- Como acaba o evento?
- Quem finaliza o evento?
- Qual o estado dos participantes ao fim do evento?
- Qual o estado dos instrumentos ao fim do evento?

Tais perguntas, como as relacionadas a OBJETO, não são exaustivas e fixas. Estão sujeitas às flexibilidades próprias da língua e das interações. Como aqui pretendemos observar o significado convencional do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, apenas valores *default* são inseridos como *fillers*. Os valores *default* devem ser compreendidos como valores prototípicos (conforme será explicado em 1.3), ou seja, valores ideais e mais consolidados cognitivamente; é essa prototipicidade que os qualifica como *default*, ou seja, valores-base de *frames*. De modo que:



quanto o *frame* VENDEDOR são evocados para o mesmo *slot*. O sinal de ponto-e-vírgula cumpre a mesma função, mas o utilizamos apenas nos *slots* em que aparecem relações de instanciação, para facilitar a leitura. De modo que:

DINHEIRO → COMPRADOR SEM DINHEIRO;

DINHEIRO → VENDEDOR COM DINHEIRO

é a mesma coisa que

DINHEIRO → COMPRADOR SEM DINHEIRO e DINHEIRO →  
VENDEDOR COM DINHEIRO

Acreditamos que a preferência pelo ponto-e-vírgula facilita a compreensão.

Vê-se, também, que um mesmo *frame* aparece como *filler* de mais de um *slot*. COMPRADOR, por exemplo, aparece em 5 *slots* distintos, bem como VENDEDOR. Para a SF, seguindo o próprio conceito de *frames*, isso não é um problema: um *frame*, como dissemos, é uma **rede relacional de conceitos**. Não se trata de uma estrutura linear, mas algo mais próximo de um diagrama em que os elementos internos se relacionam um com os outros de forma não unívoca. Um mesmo conceito, portanto, preenche diversos questionamentos de um *frame*.

Outro problema diz respeito às instanciações internas ao próprio *frame*: vemos como COMPRADOR encadeia ou **instancia** COMPRADOR COM OBJETO, algo observado, também, nos *frames* VENDEDOR, OBJETO e DINHEIRO. Isso é justificado pela natureza **dinâmica** de um *frame*, que, não sendo uma estrutura fixa e imutável, é construída e organizada ao longo da interação. Os elementos do *frame*, portanto, são dinamicamente evocados e transformados, relacionados entre si e desarticulados conferindo ao *frame* sua flexibilidade essencial. A forma proposicional condicionada pela distribuição das perguntas sequencialmente não se pretende passar pela forma de fato que o *frame* assume na cognição do falante: os elementos podem ser evocados de uma vez ou progressivamente, podem “colidir” uns com os outros e se transformar ao longo da interação. Assumimos a forma proposta por Ziem (2014) por ela proporcionar, para fins de descrição e análise, uma visão importante dos elementos constituintes do *frame*. Ao analista, cabe esclarecer ao leitor como tais elementos se relacionam, o que faremos no cap. 4.

Quanto ao exemplo, podemos proporcionar ao leitor uma visão mais completa sobre como um *slot* do *frame* se configura: o *slot* (Qual estado dos participantes ao fim do evento?) possui um estado inicial cognitivo, em que não está preenchido, sendo apenas

imediatamente evocado como parte da compreensão do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL. Como é um *slot* que diz respeito ao fim da interação, seu valor será preenchido somente neste momento, em que os *frames* COMPRADOR e VENDEDOR preenchem o *slot* e instanciam outros *frames*.

Numa dada configuração em que o ato de transação financeira em si é salientado, COMPRADOR instancia COMPRADOR SEM DINHEIRO e VENDEDOR COM DINHEIRO. Em outra configuração, em que o objeto de compra é salientado, os dois participantes instanciam COMPRADOR COM OBJETO e VENDEDOR SEM OBJETO. Como aqui estamos analisando o *frame* em sua forma convencional, apresentamos ambas as configurações no *slot* como possíveis.

O parágrafo anterior, como se viu, diz respeito apenas aos participantes COMPRADOR e VENDEDOR, observando suas relações e transformações; o mesmo pode ser aplicado a qualquer um dos *frames* e *slots* componentes do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, o que não será feito aqui. Basta esclarecermos ao leitor nosso procedimento operacional, fundamentado nas teorias de teóricos como Konerding (1993) e Ziem (2014), o qual será aplicado no capítulo de análise desta dissertação.

### **1.3 Relação de *frames* com categorização**

Um leitor que já possui contato com os estudos da cognição, em geral, e da LC, em particular, já deve ter estabelecido uma forte relação entre o que entendemos por *frame* e o que os estudos sobre categorização entendem por categorias cognitivas e esquematização. Agora, para que os demais leitores possam entender essa relação e verificar a utilidade do conceito de *frame* para demais áreas dos estudos da linguagem e da mente, explicaremos com mais profundidade as conexões entre os conceitos.

Primeiramente, um repasse histórico sobre o conceito de categorias é importante para a compreensão do conceito, e aqui retornamos a Aristóteles, em suas reflexões sobre a natureza das coisas do mundo e em como se classificam de acordo com seus próprios traços. Taylor (2003b), em um trabalho sobre a categorização na linguagem, reproduz os pensamentos de Aristóteles sobre o assunto ressaltando a distinção fundamental entre traços essenciais e acidentais, que separariam os entes do mundo em grupos discretos e intransponíveis entre si. Taylor (2003b, p. 20, tradução nossa) afirma que:

A essência é aquilo que faz a coisa ser o que é: essência são ‘todas as partes imanentes nas coisas que as definem e indicam sua individualidade, e cuja destruição causa destruição do todo’ (Metafísica

5.8.3, como traduzida em Aristóteles 1933). Acidentes são propriedades incidentais, que não atuam na determinação de uma coisa: “‘acidente’ significa aquilo que se aplica a algo e é verdadeiramente declarado, mas não de forma necessária ou geral’ (5.30.1). Tomando um dos exemplos de Aristóteles: a essência do homem (no sentido de “ser humano”), declara Aristóteles, é ‘animal de dois pés’; que um homem possa ser branco, ou culto, é acidental; esses atributos podem ser verdadeiros para um indivíduo, mas são irrelevantes para determinar se uma entidade é ou não é um homem.<sup>41</sup>

Os agrupamentos formados, portanto, pelos entes que compartilham traços essenciais uns com os outros, sem conter nenhum outro traço essencial em si que não sejam os traços compartilhados com os outros, seriam agrupamentos denominados **categorias**. Uma categoria é composta portanto por uma abstração definitiva do que todos os membros possuem em comum, e somente o que possuem em comum, em se tratando de traços essenciais; define-se, assim, o princípio dos **traços necessários e suficientes**, que permeia a maior parte da compreensão sobre categorias desde Aristóteles até estudos recentes do século XX.

O pensamento aristotélico, transposto à ciência linguística — conforme inaugurada enquanto disciplina científica por Saussure (2006) — marcou sua presença marcante já nos estudos estruturais iniciais das ciências da linguagem, como podemos ver, novamente segundo Taylor (2003b), nos estudos sobre fonologia, sintaxe e semântica. Isso, na medida em que as unidades da língua são entendidas como unidades discretas, bem separadas em categorias de limites definidos e caracterizadas por traços essenciais distintivos.

Vejamos, a fim de exemplo, como isso se dá em um dos níveis, qual seja, o da fonologia: uma unidade fonológica é entendida, no paradigma estrutural, como uma sequência de segmentos sonoros (fones) que definem uma diferenciação no sistema linguístico; ou seja, um fonema é uma unidade mínima distintiva no sistema formal da língua (Seara, Nunes; Lazzarotto-Volcão, 2011), e uma língua organiza um inventário limitado de fonemas. Cada fonema é uma abstração dos sons que possuem os traços

---

<sup>41</sup> Do original inglês: “The essence is that which makes a thing what it is: essence is ‘all parts immanent in things which define and indicate their individuality, and whose destruction causes the destruction of the whole’ (Metaphysics 5.8.3, as translated in Aristotle 1933). Accidents are incidental properties, which play no part in determining what a thing is: ‘Accident’ means that which applies to something and is truly stated, but neither necessarily nor usually’ (5.30.1). To take one of Aristotle’s examples: the essence of man (in the sense “human being”), Aristotle states, is ‘twofooted animal’; that a man might be white, or cultured, is accidental; these attributes might be true of an individual, but they are irrelevant to determining whether an entity is indeed a man.”

essenciais que os caracterizam, sendo, portanto, unidades discretas e rígidas<sup>42</sup>: a própria definição de categoria aristotélica.

A compreensão das categorias linguísticas como categorias aristotélicas, portanto, racionais, discretas, rígidas e separadas entre si, permaneceu relativamente inalterada até os movimentos da virada filosófica cognitivista e psicológica após a metade do século XX (Taylor, 2003b). Impulsionados pelo desejo de observar como o indivíduo naturalmente percebe, classifica e compreende os fenômenos do mundo natural, certos estudiosos que andavam pelos campos aproximados da linguística e da psicologia (aproximação efetuada pelo paradigma gerativista de Chomsky (1965)) começaram a propor uma flexibilização na compreensão das categorias linguísticas.

Mas essa empreitada nos campos da linguística e da psicologia foi, antes, antecipada por reflexões de filósofos como Wittgenstein (2014), que já questionava a validade de uma unidade essencial e discreta entre todos os membros de uma categoria de linguagem. Utilizando o clássico exemplo da categoria “jogos”, o filósofo aponta a ausência de uma possibilidade de caracterização essencial da palavra, sendo possível apenas agrupar uma série de semelhanças conectadas e dispersas entre fenômenos que podem ser considerados jogos:

Observe, por exemplo, os processos a que chamamos “jogos”. Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de carta, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos estes jogos? - Não diga: “*Tem que* haver algo que lhes seja comum, do contrário não se chamariam ‘jogos’” - mas *olhe* se há algo que seja comum a todos. - Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a *todos*, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles. (Wittgenstein, 2014, p. 51, grifo do autor)

A essas séries de semelhanças, que não podem ser reduzidas a um conjunto comum e restrito de traços essenciais onipresentes a todo e qualquer membro da categoria, Wittgenstein denomina de **semelhanças familiares**:

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras “semelhanças familiares”; pois assim se sobrepõem e entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, andar, temperamento etc. etc. - E eu direi: os “jogos” formam uma família (ibidem, p. 52)

---

<sup>42</sup> Seguimos, aqui, a ressalva de Taylor de que isso não pretende simplificar todos os estudos de fonologia concentrados no paradigma estrutural formalista: “I certainly do not wish to imply that all phonologists have subscribed to all the principles of categorization that are set out below. It is probably true to say, however, that most have subscribed to at least some of them, in some form or other.” (Taylor, 2003b, p. 22)

É a compreensão das semelhanças familiares que impulsiona Eleanor Rosch a integrá-la definitivamente aos campos da Linguística e Psicologia, como modo de compreensão das categorias naturais das línguas e a forma como os sujeitos falantes percebem os mecanismos linguísticos por meio dessa flexibilidade categorial. Essa visão surge como possível caminho de substituição à fixidez rígida da categorização clássica, bastante presente nos estudos Linguísticos até a metade do século XX (Taylor, 2003b), e inaugura uma verdadeira revolução nos estudos da Linguagem, gerando um impulso que culminaria, na década de 80, na fundação da Linguística Cognitiva.

A autora elabora, em 1978, o que se consolidaria como a Teoria dos Protótipos (Rosch, 1978), uma visão das categorias linguísticas como categorias cognitivamente situadas e guiadas por princípios de saliência, persistência e centralidade-afastamento com relação à construção de entidades conceituais denominadas **protótipos**: membros centrais de uma categoria, ou “casos mais claros de filiação à categoria, definidos operacionalmente pelos julgamentos das pessoas sobre adequação de pertencimento à categoria”.<sup>43</sup>

Um protótipo, portanto, seria uma estrutura conceitual cognitiva que corresponderia aos julgamentos mais precisos de pertencimento a uma determinada categoria, e as entidades linguísticas seriam julgadas como mais ou menos próximas do protótipo, e, portanto, mais ou menos pertencentes à categoria; contraponto decididamente a noção aristotélica clássica de pertencimento ou não pertencimento definitivo, em que um ente do mundo é ou não membro de uma categoria. Na noção de categorias guiadas por prototipia, a rigidez é abandonada por uma aproximação orientada por cadeias de similaridade orientadas pelas *semelhanças de família* de Wittgenstein (2014). Isso gera a consequência de que membros próximos do(s) protótipo(s) da categoria compartilham mais características com os demais membros, e menos com os membros mais periféricos, menos representativos da categoria:

Em suma, protótipos parecem ser apenas aqueles membros de uma categoria que mais refletem a estrutura redundante da categoria como um todo. Isto é, se categorias se formam para maximizar o conjunto rico em informações dos atributos em um ambiente, e, portanto, a validade indicativa ou reconhecimento da categoria dos atributos das categorias, protótipos de categorias parecem se formar de maneira a maximizar tais

---

<sup>43</sup> Do original, em Rosch (1978, p. 36): “(...) the clearest cases of category membership defined operationally by people’s judgments of goodness of membership in the category.”

conjuntos e validades ainda mais profundamente nas categorias.<sup>44</sup> (Rosch, 1978, p. 37)

Devemos, antes de ilustrarmos com exemplos, responder a uma questão fundamental à Teoria dos Protótipos de Rosch (1978), que a autora já aborda em seu trabalho inicial e que é retomada por autores que seguem o caminho de Rosch, como Fillmore (1982), Lakoff (1987), e Taylor (2004), dentre outros. A questão é: como se formam protótipos?

A questão é respondida pelo que Rosch, em seus estudos sobre psicologia, cognição e linguagem, denomina **nível básico de categorização**. Segundo Rosch (1978), o aparato perceptual humano confere aos sujeitos uma maneira relativamente uniforme de percepção<sup>45</sup>, uma maneira que percebe os elementos do mundo de maneira desigual e guiada por princípios de saliência perceptual e cognitiva, bem como modos de atuação e conceptualização. Os seres humanos, assim, tendem a “juntar”, cognitivamente, aspectos físicos das coisas reais do mundo em conjuntos uniformes e relativamente discretos, com base na forma como observam, sentem, tocam, e atuam sobre essas coisas do mundo. É dessa maneira que podemos, por exemplo, separar um objeto do outro, como separar uma árvore do chão em que ela se ergue, um copo da mesa em que se posiciona, ou uma pessoa inteira do ambiente em que ela se encontra. Os mecanismos gestálticos da cognição humana (Taylor, 2003b) permitem que esses todos sejam conceptualizados e compreendidos, bem como abstraídos e armazenados na memória, permitindo a emergência de categorias.

As categorias básicas, nesse eixo de estudo, correspondendo às categorias formadas de maneira mais imediata e natural a partir da experiência, são inseridas em eixos taxonômicos de modo que se posicionam como mais concretas em relação a categorias mais abstratas e gerais, chamadas **superordinadas** ou, na linguagem, **hiperonímicas**; e como menos concretas em relação a categorias mais específicas, chamadas **subordinadas**, ou **hiponímicas**. A sugestão da autora (Rosch et al, 1976), como se disse, é que as categorias básicas são mais imediatamente construídas cognitivamente, e, ao mesmo

---

<sup>44</sup> Do original inglês: In short, prototypes appear to be just those members of a category that most reflect the redundancy structure of the category as a whole. That is, if categories form to maximize the information-rich cluster of attributes in the environment and, thus, the cue validity or category resemblance of the attributes of categories, prototypes of categories appear to form in such a manner as to maximize clusters and such cue validity still further within categories.

<sup>45</sup> No que tange à fisiologia, é fundamental destacar: os mecanismos perceptivos da espécie humana, em geral, são distribuídos de maneira relativamente homogênea, ainda que as exceções causadas por distúrbios fisiológicos (como cegueira e surdez) devam ser consideradas, e ainda que fatores culturais impactem profundamente essa distribuição, como se verá ao longo do texto.

tempo, mais inclusivas e mais distintivas, com relação às superordenadas e subordinadas; pense-se, por exemplo, nas categorias “animal”, “cachorro”, “rotweiler”, respectivamente superordenada, básica, e subordinada.

O que Rosch observou é que o chamado nível básico de categorização consiste em categorias que reúnem objetos com o maior grau de similaridade entre si e, ao mesmo tempo, o maior grau de distinção com objetos de outras categorias, ou seja, objetos de maior distinção perceptual e conceitual. Diz a autora:

uma suposição operacional da pesquisa de objetos básicos é que (1) no mundo percebido, feixes ricos em informações de atributos perceptuais ou funcionais ocorrem de tal maneira que formam descontinuidades, e que (2) cortes básicos na categorização são feitos nessas descontinuidades.<sup>46</sup> (Rosch, 1978, p. 31, tradução nossa)

As categorias mais naturais à cognição humana, e, conforme observa a autora em experimentos, à linguagem humana, tendem a se concentrar nesse conjunto de objetos organizados com base nas saliências perceptuais e funcionais observadas pelos sujeitos, saliências que se constituem em feixes informacionais filtrados pelos mecanismos de percepção e atuação humanos. A proposta da Teoria dos Protótipos é que uma das maneiras de se formar protótipos advém das conceitualizações que fazem emergir as categorias de nível básico; ou seja, certos protótipos correspondem às abstrações efetuadas pela experiência do sujeito com o mundo, a partir das características mais salientes percebidas e armazenadas na cognição do sujeito.

Para que possamos compreender isso, pensemos em exemplos retirados da própria experiência cotidiana, e estudados por Rosch em experimentos anteriores (Rosch et al., 1976), como a taxonomia de móveis domésticos. Os estudiosos envolvidos encontraram os resultados de que categorias como “cadeira”, “mesa”, “lâmpada”, de nível básico, são categorias mais facilmente percebidas, acessadas e armazenadas pelos sujeitos, e, ainda, categorias que correspondem aos itens mais representativos da categoria superordenada “móvel”. Essa facilidade de acesso, percepção e armazenamento, bem como a representatividade na categoria mais abstrata, confere às categorias básicas o *status* de categorias prototípicas, sendo, portanto, mais recorrentes, salientes, e funcionalmente presentes em certos contextos de experiência humana.

---

<sup>46</sup> Do original inglês: a working assumption of the research on basic objects is that (1) in the perceived world, information-rich bundles of perceptual and functional attributes occur that form natural discontinuities, and that (2) basic cuts in categorization are made at these discontinuities.

Cada instância de experiência humana, e, nos situando à Linguística, cada manifestação das estruturas da linguagem, são aproximadas ou afastadas das estruturas conceituais cognitivas consolidadas na forma de categorias prototípicas.; categorias centralizadas em abstrações conceituais construídas pela percepção, atuação, e armazenamento de informações salientes encontradas na experiência com o mundo. Não se deve, entretanto, hipervalorizar o aspecto fisiológico da captação cognitiva de saliências em detrimento de aspectos sociais: a cultura exerce, pela própria existência como uma estrutura na qual o sujeito se encontra imerso, uma série de conceitualizações historicamente fundadas que podem se sobressair à experiência puramente fisiológica. Conforme Rosch (1978), categorias básicas e protótipos em determinadas culturas podem ser superordenadas, subordinadas, periféricas ou menos centrais em outras culturas.

A partir do que foi discutido, a integração entre a Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames*<sup>47</sup> torna-se mais evidente, na medida em que podemos entender um *frame* como uma estrutura conceitual cognitiva prototípica, ou seja, abstraída dos elementos mais salientes da experiência do sujeito no mundo. Todas nossas reflexões sobre categorias prototípicas podem ser aplicadas, sem grandes constrangimentos ou limitações, à Semântica de *Frames*, propiciando um ganho precioso de integração teórica e científica da LC, culminando num passo à frente rumo a um estudo firme e consolidado das estruturas da linguagem.

O próprio Fillmore (1982) faz relação entre a proposta da semântica de *frames* e a teoria dos protótipos, analisando casos mais prototípicos e menos prototípicos de categorização por *frames*. A aplicação dessas noções teóricas à ciência jurídica revela o quanto é útil acessar a rede de conhecimentos acionada por uma palavra. O protótipo de *assassino*, por exemplo, para Fillmore (1982) é o de que uma pessoa A tem a intenção de matar uma pessoa B e o faz. Esse protótipo não inclui os casos menos prototípicos em que uma pessoa A tem o propósito de matar B, mas mata C. O Direito resolve isso aplicando o conceito de *transferência de intenção*, segundo o qual a intenção de A de matar B é transferida fatalmente para C, de modo que a definição de *assassino* pode se ajustar à ação de A matar C.

A relação entre o estudo de categorias prototípicas e a Semântica de *Frames* é também proposta por Kovácses (2010, p. 746), ao observar os procedimentos de

---

<sup>47</sup> Não por acaso, o próprio Charles Fillmore menciona os trabalhos de Rosch em seus estudos iniciais sobre *frames*.

estabelecimento de categorias naturais, que, segundo o autor, são de dois tipos: categorização por semelhança, e, o que nos interessa, categorização por funcionalidade, ou por *frames*. Os procedimentos de categorização por semelhança partem da observação de similaridades entre os objetos percebidos no mundo (a partir da captação dos agrupamentos informacionais mencionados por Rosch (1978)), gerando categorias que agrupem tais objetos semelhantes; por exemplo, a partir da observação de laranjas, maçãs, limões, etc., forma-se a categoria FRUTA.

A categorização por funcionalidade, entretanto, leva em consideração as situações localizadas em que os objetos do mundo são percebidos e assimilados pela cognição do sujeito, e gera categorias em que esses objetos relacionam-se entre si, em cenas abstraídas da experiência: por isso, categorização por *frames*. Como exemplo, podemos pensar na forma como um sujeito, ao observar a atuação de uma enxada sobre a terra, o sujeito que a utiliza, o processo de colhimento de vegetais, dentre outros possíveis detalhes, gera a categoria TRABALHO AGRÍCOLA; que, diferentemente das categorias por semelhança, não advém de uma relação de similaridade entre objetos percebidos, mas da abstração de uma cena observada na realidade.

Vejamos, até então, o que entendemos por protótipos e categorias prototípicas para que possamos vê-las pela ótica dos *frames*:

- As categorias linguísticas não seguem **necessariamente** a estrutura clássica aristotélica, ou seja, não são necessariamente rígidas, perfeitamente horizontais e discretas;
- As categorias linguísticas se guiam por centros prototípicos, abstrações dos aspectos mais salientes da experiência;
- Os membros das categorias são mais ou menos representativos na medida em que se aproximam dos centros prototípicos; “pardal”, por exemplo, é um membro mais representativo (mais prototípico) da categoria “ave” do que “pinguim”, na medida em que o pardal corresponde mais fielmente às abstrações dos aspectos salientes acima mencionados;
- As categorias são formadas mais naturalmente a partir de níveis básicos da experiência, níveis de captação e conceptualização imediata das informações obtidas experiencialmente.

Agora, vejamos o que entendemos por *frames* cognitivos:

- *Frames* são estruturas conceituais que organizam o conhecimento do sujeito;
- Um *frame* é construído a partir da abstração que um sujeito faz a partir de sua experiência com o mundo, unindo os conhecimentos num todo organizado;
- *Frames* são evocados por elementos linguísticos postos em uso, e sua estrutura abstrata organizada em *slots* é preenchida por elementos do contexto (*fillers*) e socioculturalmente armazenados (*default*).

Como unir esses conhecimentos num todo organizado? Um *frame* é uma estrutura conceitual cognitivamente situada, que emerge a partir da abstração dos aspectos salientes da experiência humana. Esses aspectos salientes são organizados numa construção organizada e prototípica, uma vez que emergem das informações mais salientes, recorrentes e funcionais da experiência. Um uso específico da linguagem, numa interação social situada, adequa-se ao *frame* de modo mais ou menos representativo, de modo que os usos de termos linguísticos são mais ou menos prototípicos<sup>48</sup>. *Frames*, portanto, são categorias cognitivas que agrupam os conhecimentos que o sujeito e a sociedade possuem de um determinado conceito. Essas categorias são dinâmicas, podendo alterar-se ao longo das experiências individuais e coletivas. Justificamos essa integração a partir de Fillmore (1982, p. 117-118), que diz:

Uma generalização que pareceu válida é que frequentemente o *frame*, ou o pano de fundo contra o qual o significado da palavra é definido e entendido, é um recorte relativamente grande da cultura circundante, e essa compreensão de pano de fundo é melhor entendida como um ‘protótipo’, ao invés de um corpo genuíno de suposições sobre como o mundo é. É frequentemente útil, quando se tenta declarar as condições de verdade para a adequação da predicação de uma palavra, construir uma simples definição da palavra, permitindo que a complexidade do ajuste entre os usos da palavra e as situações reais do mundo seja atribuída aos detalhes do *frame* de pano de fundo prototípico ao invés de detalhes do significado da palavra.<sup>49</sup>

Cada instanciação de um *frame* é uma articulação complexa dos conhecimentos armazenados e prototípicos sobre o conceito, que geram um significado que não pode ser

---

<sup>48</sup> Daí emerge o fenômeno da polissemia, extensamente observado por Taylor, nos capítulos 7, 8, 9 e 10 de *Linguistic Categorization* (2003).

<sup>49</sup> Do original inglês: “One generalization that seemed valid was that very often the frame or background against which the meaning of a word is defined and understood is a fairly large slice of the surrounding culture, and this background understanding is best understood as a ‘prototype’ rather than as a genuine body of assumptions about what the world is like. It is frequently useful, when trying to state truth conditions for the appropriateness of predicating the word of something, to construct a simple definition of the word, allowing the complexity of fit between uses of the word and real world situations to be attributed to the details of the prototype background frame rather than to the details of the word’s meaning.”

reduzido exclusivamente a uma coleção de características necessárias e suficientes. Os elementos *default*, conforme explicados na seção anterior e mencionados acima, são justamente os aspectos prototípicos do *frame*, que podem ou não ser correspondentes à situação localizada, de modo que essa correspondência relativa aproxima ou não a situação do protótipo.

Finalmente, é importante constatar a pertinência da noção de protótipos à compreensão de fenômenos culturais, na medida em que a cultura reúne uma coleção de conhecimentos socialmente e historicamente distribuídos num grupo de sujeitos. É pela organização prototípica e por *frames* desses conhecimentos que são formadas as estruturas sólidas de valores, julgamentos e opiniões, que fixam, socialmente, os panos de fundo cognitivamente organizados que justificam a persistência e permanência de práticas sociais. Se se retoma o exemplo do *frame* TRANSAÇÃO COMERCIAL, da seção anterior, esse *frame* corresponde a uma estrutura prototípica consolidada pelas práticas sociais culturalmente fundamentadas, que atribuem ao *frame* seus valores *default* e o estabelecem como uma prática pertinente à cultura que o possui.

Dentre as concepções eminentemente culturais, ou no mínimo socialmente compartilhadas por pequenos grupos, são as manifestações ideológicas as que mais nos interessam no âmbito deste trabalho, na medida em que expõem a forma como certas concepções de mundo valorativas e opinativas são organizadas por *frames* e expõem visões prototípicas de sociedade. Por isso, na esteira do que foi dito até então, seguiremos às relações possíveis entre a Semântica de *Frames* e a análise ideológica.

#### **1.4 Relação de *frames* com a noção de ideologia**

O conceito de ideologia possui grande complexidade e promove debate nos campos em que se insere. Nasce nas ciências política e econômica com Destutt de Tracy (2015, apud Emediato, 2022, p. 71) e depois avança nas discussões de Karl Marx em suas considerações sobre o capitalismo industrial emergente (Marx, 2007). Alcança a sociologia, antropologia e, enfim, a linguística e os estudos do discurso.

Caminhando de uma noção que pretendia sistematizar os “estados de consciência e de percepção do indivíduo sobre si e sobre o mundo, o ambiente que o cerca” (Emediato, 2022, p. 71), numa proposição mais global e menos orientada à crítica, o conceito, após Marx (2007), passou por uma reconfiguração que abarcava as representações socialmente impostas por grupos dominantes no âmbito econômico e político. Nessa fígada crítica,

inserida no contexto das primeiras movimentações proletárias conscientes de si mesmas, ideologia passou a se tornar um termo pejorativo, que se referiria a falseamentos representativos disseminados pela classe dominante:

“Marx recusará a definição de ideologia como ciência das ideias, propondo uma definição crítica da ideologia como representação do mundo social, como falsa consciência da realidade e como instrumento de mascaramento das relações sociais voltado para a dominação legítima. A classe dominante possuiria o monopólio da produção intelectual e cultural e utilizaria esse controle para manipular as classes subalternas, julgar e valorar os fatos à sua maneira.” (Emediato, 2022, p. 71)

A noção marxista de ideologia ainda hoje persiste em muitos círculos de estudos e pesquisas sobre fenômenos sociais, ainda que de forma mais moderada e menos totalizante, numa visão que entende a ideologia não necessariamente como um sistema único de conceitos impostos mas como uma gama diversa de sistemas representacionais distribuídos entre grupos sociais que dialogam, chocam-se e respondem uns aos outros. É uma visão que, de acordo com Emediato (ibidem, p. 72), aproxima-se da reformulação weberiana, e que é uma visão compartilhada por diversas frentes de estudos sociais atuais.

Nos estudos da linguagem, a noção de ideologia acompanha essencialmente o pensamento marxista na integração proposta por Mikhail Bakhtin, em que a linguagem é vista como um *medium* entre humano e realidade, atravessada necessariamente pelos recortes ideológicos mediados pelas relações sociais de classe. Pela visão bakhtiniana, que influenciaria fundamentalmente os estudos da Análise do Discurso, a língua é sempre um construto que ideologiza o mundo na medida em que o significa. Não existe, portanto, língua sem ideologia e, mais importantemente, não há ideologia sem língua:

Para ele [Bakhtin], tudo que é ideológico possui um valor semiótico, sem signo, não há ideologia. Para o exercício comum da linguagem, nomeamos os seres e objetos, os qualificamos e os inserimos em nossa realidade simbólica, semiotizada. Como se pode notar, a ideologia é definida como uma representação globalizante e inerente a tudo, uma espécie de matriz da própria significação. A relação do homem com a realidade, relação esta mediada pela linguagem, é de natureza intrinsecamente ideológica. (ibidem, p. 73-74)

É a integração dessa compreensão intrínseca de ideologia aos estudos do discurso que se ancoram no marxismo, sem desprezar a complexidade e nuances que o fenômeno assume nas sociedades multifacetadas humanas, que dá origem ao campo denominado Análise Crítica do Discurso (ACD). Explicitamente ancorada numa postura crítica e parcial, e impulsionada por autores como Norman Fairclough, Teun Van Dijk, Paul Chilton, entre outros a ACD toma o partido dos sujeitos submetidos ao abuso de poder

estruturado socialmente e sustentado simbolicamente pelo discurso; especialmente nas formas discursivas da mídia e das elites políticas. Van Dijk, teórico da ACD que a integra aos estudos da cognição (como veremos posteriormente), sobre o tema específico da reprodução de racismo e xenofobia pelas mídias conservadoras britânicas, diz o seguinte:

A ACD não apenas se engaja em análises sociais e políticas do contexto de texto e fala, mas mais especificamente toma uma posição explícita (e também uma ‘perspectiva’) sobre o abuso de poder que uma grande organização midiática pode ter ao manipular as atitudes dos leitores sobre imigração. Ela explica o quê e como as elites políticas simbólicas e os meios de comunicação de massa são capazes de controlar o discurso e atitudes públicas e portanto contribuir para a reprodução de racismo e xenofobia no país.<sup>50</sup> (Van Dijk, 2018, p. 27, tradução nossa)

A ACD, portanto, dedica-se à elaboração de métodos de análise que permitam não apenas diagnosticar, descrever e analisar os modos de organização ideológica de discursos dominantes, como assume a posição de enfrentar esses discursos na esfera dos estudos científicos da linguagem. Conquanto sua postura declaradamente parcial seja criticada e contestada por outros campos da Análise do Discurso, Emediato (2022) oferece pertinentes críticas à ACD em sua obra *Análise do Discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática*. Adotamos, aqui, certas contribuições da ACD ao estudo da ideologia. Especificamente, nos ancoramos nos estudos de Van Dijk, inseridos no que ele chama de Estudos Sociocognitivos do Discurso (ESD), frente da ACD que integra entendimentos da cognição social à observação da interface entre sociedade e discurso (Van Dijk, 2018, p. 28).

A preocupação cognitiva de Van Dijk parte do entendimento de que as estruturas sociais e as estruturas discursivas são de natureza muito distintas. A sobreposição equivalente das duas naturezas é impossível por si só, sem um nível medial que sirva de interface entre as formas sociais mais amplas e as manifestações discursivas específicas, bem como entre os grupos sociais específicos e as estruturas discursivas amplas. Essa interface, para o autor, corresponde ao nível **sociocognitivo**, ou seja, às estruturas de conhecimento social cognitivamente organizadas, que permitem aos sujeitos que o social seja representado mentalmente, para então ser reproduzido discursivamente.

Outro problema fundamental é que estruturas sociais e estruturas discursivas são de tipos muito diferentes e, portanto, não podem

---

<sup>50</sup> Do original inglês: “CDS not only engages in social and political analyses of the context of text and talk, but more specifically takes an explicit stand (also a ‘view’) on the abuse of power a large media organization may have by manipulating the attitudes of readers on immigration. It explains that and how the symbolic elites of politics and the mass media are able to control public discourse and attitudes and thus may contribute to the reproduction of racism and xenophobia in the country.”

imediatamente entrar numa relação causal. Uma teoria sociocognitiva assume que estruturas sociais devem ser interpretadas e representadas cognitivamente e que tais representações mentais afetam os processos cognitivos envolvidos na produção e interpretação do discurso<sup>51</sup>. (Van Dijk, 2014, p. 124, tradução nossa)

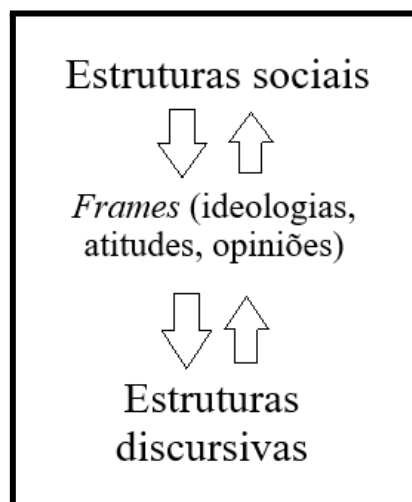
As representações cognitivas, para a ESD, são vistas como agrupamentos de **modelos mentais**, estruturas que permitem a organização, categorização e interpretação da experiência. Cada momento de atuação do sujeito sobre o mundo e pelo mundo colabora para a construção desses modelos, que, à uma semelhança significativa ao conceito de *frames*, são categorias que dividem a experiência de acordo com eventos, ações, participantes, elementos, etc. Conquanto Van Dijk não faça uso da categoria de *frames* propriamente dita, não vemos motivo para estabelecer uma diferença de natureza entre o que o autor chama de modelos mentais e o que Fillmore chama de *frames*; portanto, chamaremos ambos conceitos como *frames*.

Um *frame*, portanto, para a ESD, é uma estrutura mental que permite a integração das estruturas sociais às estruturas discursivas. Eles são construídos a partir da experiência do sujeito com o mundo social, e dão origem à significação dos termos da língua, bem como à possibilidade de encadeamentos discursivos coerentes e organizados. Por outro lado, as estruturas discursivas, ao serem representadas cognitivamente, exercem também influência nas estruturas sociais, estabelecendo, assim, uma relação plenamente dialética, em que o social atua no discursivo, o discursivo atua no social, e tudo isso é mediado pela cognição. Podemos representar essa relação da seguinte forma:

---

<sup>51</sup> Do original inglês: “Another fundamental problem is that societal structures and discourse structures are of a very different kind and hence cannot enter in a causal relationship in the first place. A socio-cognitive theory assumes that social structures need to be interpreted and represented cognitively and that such mental representations affect the cognitive processes involved in the production and interpretation of discourse.”

**Figura 4: representação da interface sociedade-cognição-discurso**



**Fonte: elaborada pelo autor**

A imagem nos permite alcançar o principal ponto desta seção, que é a localização das ideologias no nível de organização cognitiva do sujeito: ideologias, para Van Dijk e para a ESD como um todo, são representações cognitivas mais abstratas, ou seja, *frames* mais gerais socioculturalmente fundamentados e compartilhados por grupos específicos de pessoas. Esses *frames* definem o grupo em que se inserem com relação a outros grupos, no que tange a suas crenças específicas, seus valores, ações, etc. São *frames* mais profundamente incrustados na individualidade do sujeito e na relação que esse sujeito tem com os outros, portanto. Conforme o autor,

há muitas diferentes atitudes racistas ou sexistas sobre diferentes questões sociais, mas elas devem, num nível mais abstrato, ser baseadas em ideologias racistas ou sexistas subjacentes. Tais ideologias são os autoesquemas cognitivos básicos de um grupo e seus interesses, e definidas por categorias gerais como identidades, ações, objetivos, normas e valores, relações com outros grupos e com os recursos (de poder) de outros grupos. Em outras palavras, juntamente com o conhecimento de grupo socialmente compartilhado, elas são o núcleo cognitivo do grupo social.<sup>52</sup> (ibidem, p. 132)

O conhecimento do sujeito é portanto dividido em dois grandes tipos (mas não somente eles): **o conhecimento social geral**, não necessariamente ideológico, compartilhado entre o corpo social integralmente (conhecimentos sobre leis, disciplinas

---

<sup>52</sup> Do original inglês: “Thus, there are many different sexist or racist attitudes about different social issues, but they may at a more abstract level be based on underlying sexist or racist ideologies. Such ideologies are the basic cognitive self- schema of a group and its interests, and defined by such general categories as the identities, actions, goals, norms and values, relations with other groups and the (power) resources of a group. In other words, together with socially shared group knowledge, they are the cognitive core of social groupness.”

específicas, comportamentos, etc.), e o **conhecimento ideológico**, ambos construídos na forma de *frames*. Os *frames* ideológicos, mais abstratos, definem *frames* situados com relação a questões e situações específicas, que correspondem a atitudes; o *frame* RACISMO, assim, permite a emergência de *frames* como PESSOA NÃO-BRANCA, que organiza não somente um aspecto referencial (uma pessoa de mundo que corresponde ao *frame*), mas a forma como os sujeitos do grupo devem agir com relação aos referentes (como os racistas devem agir às pessoas correspondentes ao *frame*).

Por sua vez, as atitudes permitem a emergência de atitudes individuais específicas, uma vez que a organização de *frames* e atitudes não é determinista. Os componentes do *frame* ideológico não é necessariamente preenchido em totalidade por todos os sujeitos, ou tampouco formulado de maneira exatamente igual por todos os sujeitos. Como os *frames* são baseados na experiência, até mesmo os ideológicos são sujeitos à imensa variabilidade de experiências sociais, e essa variabilidade é manifesta na forma de opiniões específicas dos sujeitos ideológicos.

Van Dijk (2018, p. 10) atenta para o fato de que não é suficiente atestar que a cognição serve de interface entre sociedade e discurso, mas mostrar como, efetivamente, as representações cognitivas são discursivamente manifestas. Ou seja, mostrar na descrição e na análise da língua a forma como as ideologias são inscritas em atitudes, que, por sua vez, são manifestas em opiniões. O autor aponta o caráter pervasivo das representações cognitivas ideológicas em todos os níveis da língua, desde o nível fonológico (como nos aspectos de entonação e acento), passando pelo léxico e pela sintaxe, até os níveis da pragmática e discurso. Assim, o estudo das estruturas materiais das manifestações linguísticas permitem a visualização das estratégias de organização ideológicas, mostrando a forma como a interface cognitiva atua.

Interessa para o nosso estudo, concentrado na evocação lexical de *frames* cognitivos e nas estratégias ideológicas que aí emergem, os seguintes apontamentos: (i) a forma como a seleção de termos e sua ordenação na sentença implicam em uma perspectivização da realidade, e (ii) o modo como essa perspectivização indica uma separação ideológica que valoriza positivamente o grupo do sujeito falante na medida em que negativiza grupos externos.

Ao primeiro ponto, extensivamente abordado nas seções anteriores deste capítulo, não há necessidade de elaborarmos em profundidade aqui; importa apenas ressaltar que a evocação de um *frame* implica em uma configuração perspectivada do mundo, na medida

em que salienta determinados aspectos em detrimento de outros, gerando uma imagem gestáltica (Lakoff e Johnson, 1980) significativa por si só e indicativa de certas visões socioculturais e ideológicas (Confira Freitas (2021) em seu exemplo do contraste entre “vacina chinesa”, “vacina comunista” e “vacina Coronavac”<sup>53</sup>).

Com relação ao segundo ponto, utilizamos uma categoria de análise discursiva que Van Dijk (2018, p. 12) chama de **polarização ideológica**. A polarização, conforme indicada em (ii), corresponde a estratégias linguísticas (diversas e distribuídas em vários níveis da linguagem) de valorização do grupo a que o locutor faz parte, e desvalorização de um ou mais grupos externos, com valores, normas e objetivos contrastantes. Essa polarização, manifesta numa estrutura que autor chama de **Nós vs Eles**, é caracterizada pelo autor da seguinte forma:

A **polarização ideológica** em todos os níveis do discurso, enfatizando as Nossas (grupo interno) características Boas e as características Ruins Deles (grupo externo), expressa atitudes (e.g. em imigração ou aborto) e ideologias subjacentes (e.g. racismo ou sexismo), através de modelos mentais pessoais, particulares, de eventos específicos, por exemplo como tópicos polarizados, léxico, metáforas, imagens, etc.” (ibidem)

A nós, portanto, interessa mostrar como a seleção, organização e configuração de *frames* específicos nas *fake News* permite a emergência de opiniões e atitudes ideológicas, na medida em que segue a estratégia *Nós vs Eles*, perspectivando o mundo de acordo com ideologias subjacentes.

Creemos que a exposição da relação do conceito de *frames* com o conceito de ideologia, encerrando a exposição teórica da LC utilizada neste trabalho, é suficiente para que o trabalho seja compreendido nas análises que traremos posteriormente. Concluimos este capítulo com o reforço do caráter relacional e integrativo da noção de *frames* para os estudos da Linguística, da Cognição e do Discurso: o conceito de *frames* permite uma observação concreta da estruturação do significado dos itens da língua; permite também a visualização dos processos de categorização, e como eles se dão na língua natural; e

---

<sup>53</sup> Situando brevemente esse exemplo, ele indica um recorte linguístico e cognitivo que salienta diferentes aspectos de uma mesma situação. A utilização de “chinesa” põe em evidência uma significação étnica que produz efeitos xenofóbicos e racista, ao passo em que “comunista” seleciona significações políticas e ideológicas que implicam em efeitos de repulsão por parte de leitores específicos. “Coronavac”, nesse sentido, é o termo mais cognitivamente “neutro”, por corresponder ao nome técnico da vacina, que num primeiro momento não evoca concepções ideológicas com a força que “comunista” ou “chinesa” invocam (ainda que se possa dizer, atualmente, que “Coronavac” passou a conter, em sua significação, essas concepções ideológicas, pela associação repetida do termo a contextos de uso que situam a vacina em representações negativas. Como a frequência contextual implica numa reconfiguração de *frames*, essa repetição pode ter provocado uma incrustação de aspectos ideológicos ao termo).

permite a análise crítica dos processos de organização e estruturação ideológica, por serem as estruturas mediadoras entre discurso e cognição.

Assim, seguiremos, no próximo capítulo, à formulação teórica das *fake News*.

## CAPÍTULO 2

### *FAKE NEWS E INTERFACES*

Este capítulo tem o objetivo de revisar brevemente estudos teóricos sobre *fake News*, definindo claramente o conceito e problematizando-o de acordo com os propósitos do trabalho. Para esse trabalho de revisão teórica, utilizaremos os autores Freitas (2021) — trabalho do qual originou-se essa dissertação —, Lazer et al (2018), Dourado (2020) Alves e Maciel (2019), Gonçalves-Segundo (2021) e outros.

#### **2.1 Contextualização e definição de *fake news***

Tratamos extensamente, no capítulo anterior, da natureza cognitiva do significado, explicando a forma como a experiência humana molda a forma da língua, e como essa forma, por isso mesmo, manifesta aspectos dessa experiência. O sujeito, imerso num contexto sociocultural específico e localizado historicamente, se vê em contato com diversas formas discursivas que permitem a visualização sobre os modos como essa sociedade organiza seus conceitos, suas significações, seus valores e suas ideologias. A língua, nessa realidade, enquanto interação dinâmica entre sujeitos, organiza-se em diversos textos e gêneros, orais e escritos, concretizando fenômenos comunicativos que, se estudados pelo viés cognitivo, permitem uma importante visão sobre os sujeitos, as sociedades, e as relações entre sujeitos e sociedades.

Neste trabalho, conforme apontado na introdução, tratamos de um tipo específico de manifestação linguística, emergente das convulsões políticas, sociais e históricas que serão brevemente apontadas nessa seção: as *fake News*, textos cuja importância precisa ser destacada, por sua manifestação, influência e desinformação no contexto da sociedade brasileira e mundial. Nesta seção, buscaremos situar essa forma de interação comunicativa no contexto sociocultural e histórico brasileiro, para, assim, definirmos de fato esse objeto. O que, afinal, é uma *fake News*? Em que contextos elas surgem?

##### **2.1.1 Contexto histórico e político de emergência da categoria *fake News***

Seguimos, aqui, os apontamentos de Dourado (2020), bem como os de Alves e Maciel (2019) acerca do contexto em que emerge o fenômeno específico categorizado como *fake News*. Para situar esse contexto, é importante, inicialmente, distinguir a

categoria como um fenômeno linguístico próprio, ou seja, não-sinônimo de outros fenômenos semelhantes, tais como a mentira ou a desinformação. Entendemos as *fake News* como um fenômeno irreduzível a outros tipos de interação comunicativa, e, por isso mesmo, justificado como objeto de análise particular e cognitiva.

Conquanto eventos como a mentira jornalística, o boato, ou a sátira, dentre outros, sejam fenômenos tão ou mais antigos do que a própria prática jornalística (Dourado, 2020), a interação particular que chamamos *fake News* é um fenômeno recente, cuja emergência e popularização pode ser alocada na segunda metade da década de 2010. Mais especificamente, o termo *fake News* começou a ser utilizado popularmente, atuando portanto como uma categoria linguística armazenada cognitivamente pelos sujeitos, a partir das eleições presidenciais estadunidenses de 2016, que culminaram na vitória de Donald Trump, candidato de extrema-direita (Alcott e Gentzkow, 2017).

*Fake News*, nesse contexto, foi utilizado como um termo que significava a **divulgação de informações falsas por meio de redes sociais, pretendendo se passar por verdades verificadas e frequentemente construídas à semelhança de notícias jornalísticas propriamente ditas** (Lazer et al., 2018. Grifo nosso. Essa definição será problematizada e estendida nas seções posteriores). Uma *fake News*, para um sujeito imerso no contexto sociocultural estadunidense da época e ciente das flutuações discursivas caóticas e polarizadas, seria, para estes autores, uma ferramenta de fortalecimento ideológico na medida em que atuava em prol de um ou outro lado na corrida eleitoral. Desde esse surgimento da expressão, portanto, pode-se ver um importante elemento para a caracterização do fenômeno: a localização num contexto de embate político e ideológico.

Outro aspecto que merece maior discussão é apontado por Dourado (2020), em sua discussão sobre a proliferação das *fake News* e o modo de atuação desse fenômeno: as redes sociais de internet, cuja caracterização é de suma importância para entendermos como as *fake News* conseguem se espalhar entre sujeitos, grupos e sociedades. Segundo a autora, bem como Alcott e Gentzkow (2017), as redes sociais funcionam por meio da concentração relativamente estável de “bolhas” sociais, agrupamentos de sujeitos que compartilham entre si valores, opiniões e ideologias aproximadas. Por meio de algoritmos que selecionam o que aparece ou não nas “linhas do tempo” — telas iniciais das redes sociais que apresentam publicações que o algoritmo entende como mais pertinentes ao

usuário —, as redes sociais tendem a concentrar os sujeitos em grupos de interesse compartilhado.

Uma rede como o *Facebook*, por exemplo, conforme apontado por Dourado (2020), constrói a linha do tempo do usuário com base na impressão que o algoritmo particular da rede adquire dos gostos e opiniões desse usuário, fazendo com que publicações mais alinhadas a esses gostos e opiniões apareçam com maior frequência e destaque, gerando, assim, um efeito de reforço e expansão das crenças particulares do sujeito. Se o sujeito tem menos contato com publicações fora de seu eixo ideológico e opinativo, há um maior fortalecimento desse mesmo eixo, e uma maior proximidade entre esse sujeito e outros sujeitos que compartilham de valores semelhantes.

Ainda, tal funcionamento algorítmico das grandes redes sociais encorajam o fenômeno conhecido como viés de confirmação (Dourado, 2020; Alcott e Gentzkow, 2017, Alves e Maciel, 2019), um fenômeno de ordem cognitiva que diz respeito à tendência dos sujeitos de confirmarem suas representações já armazenadas, ao invés de admitirem representações conflitantes com base em informações novas. Estudos no campo da LC que se concentram sobre as abstrações esquemáticas, mais abstratas e sólidas do que representações concretas, e que servem de base para a categorização de novas experiências (conforme vimos no capítulo anterior), justificam a realidade do viés de confirmação, na medida em que existe a tendência natural do sujeito de utilizar suas representações armazenadas para a compreensão de novas informações, e a aceitação ou não destas.

No nível ideológico, o viés de confirmação não poderia ser mais evidente: há uma maior tendência de aceitar informações que confirmem seu posicionamento ideológico, e uma tendência a ignorar ou desacreditar informações que desafiem esse posicionamento. É justamente nesse eixo complexo entre contexto político polarizado, redes sociais com funcionamento de bolha, e o mecanismo cognitivo de viés de confirmação, que o fenômeno das *fake News* surge como gênero comunicativo nos Estados Unidos: divulgadas por meio de redes sociais, orientadas a validar um ou outro lado no contexto de uma corrida eleitoral marcada pela emergência da extrema-direita (Dourado, 2020), as *fake News* efetivamente “explodiram” a partir das eleições estadunidenses, atuando como um fenômeno importante para o resultado eleitoral (Alcott; Gentzkow, 2017).

Em um ambiente comunicativo que mescla o real ao virtual de maneira complexa, a popularização global da categoria *fake News* se deu numa velocidade assustadora. Em menos de dois anos — se ainda considerarmos as eleições dos EUA de 2016 — a

prevalência do fenômeno se expandiu para além das fronteiras estadunidenses, alcançando os contextos comunicativos e discursivos brasileiros. Já nas eleições presidenciais de 2018, culminantes na eleição do candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro, pelo Partido Social Liberal, as *fake News* funcionaram de modo muito parecido à sua atuação nos EUA: como mecanismos propagados por meio de bolhas sociais virtuais e atuantes como instrumentos de embate ideológico, reforçando vieses opinativos e valorativos incrustados nas informações falsas divulgadas por sujeitos diversos.

O papel das *fake News* nas eleições brasileiras de 2018 foi amplamente estudado por Dourado (2020) e Alves e Maciel (2019), pesquisadores que, interessados na natureza e propagação virulenta do fenômeno, buscaram observar as tendências sociais e políticas por trás dessa movimentação discursiva. Ancorada numa visão admitidamente pró-democracia e crítica da crescente polarização política, Dourado (2020) observou as aparentes correlações entre a propagação descontrolada de *fake News* e as tendências antidemocráticas de extrema-direita: tendências marcadas pelo questionamento ao pensamento científico, à adesão ao obscurantismo anti-intelectual, e à desconfiança crescente nos meios de comunicação consolidados.

No que tange ao papel das redes sociais, se nos EUA o *Facebook* foi o instrumento maior de cristalização dos pólos ideológicos e da propagação de *fake News*, no Brasil, o *WhatsApp* cumpriu essa função (Neto et al, 2020), por suas características facilitadoras. Sendo uma rede de comunicação mais privada do que o *Facebook* ou o *Twitter*, o *WhatsApp* permite uma interação aparentemente mais direta e pessoal entre os usuários, seja em conversas um-a-um ou em grupo, construídos subjetivamente pelos próprios usuários, o que evidentemente apenas solidifica o caráter de bolha e reafirmação dos valores. Considerando-se, portanto, o viés de confirmação e a proximidade causada pela interação direta, uma *fake News* divulgada via *WhatsApp* seria menos criticada pelas pessoas que a receberam<sup>54</sup>, aumentando o potencial de replicação da *fake News*.

Tal configuração, no contexto brasileiro de crescente polarização ideológica e corrida eleitoral acirrada, impulsionou uma verdadeira máquina de produção de *fake News* que, até hoje, atua na propagação de informações falsas que pretendem ser verdadeiras. Incentivadas pela atuação de sujeitos de grande alcance público e político, como o próprio

---

<sup>54</sup> O *WhatsApp*, diferente de redes como *Facebook* ou *X/Twitter*, é uma rede de conversas diretas entre os usuários, sejam conversas um a um ou conversas em grupo. As mensagens são usualmente recebidas e respondidas em tempo real, através de notificações, o que estimula justamente essa proximidade entre os contatos. Portanto, é uma rede mais comumente utilizada entre pessoas de mesmos grupos sociais (sejam familiares, profissionais, acadêmicos, amigos, etc.).

candidato Jair Bolsonaro (Dourado, 2020), as bolhas sociais e ideológicas aceleraram a produção e republicação desenfreada de *fake News* que colocassem em xeque o caráter, os valores e a dignidade dos campos opostos — como se viu no afamado caso da “mamadeira de piroca<sup>55</sup>”.

Com o resultado das eleições de 2018, e o avanço das pautas de extrema direita, que enxergaram a validação de seus discursos no resultado, a propagação de *fake News* não desacelerou, mas, ao contrário, atualizou-se a partir dos novos contextos e acontecimentos sociais a partir de 2019. Nesse ponto, *fake News* já apareciam no discurso público como um gênero de comunicação à parte, aparentemente bem definido e distinto de outros, enquanto categoria linguística e metalinguística. As bolhas sociais continuaram a se desenvolver por meio das redes sociais, e a polarização política e ideológica não observou uma suavização, mas, pelo contrário, uma intensificação, a partir do governo controverso e polêmico do ex-presidente Jair Bolsonaro (Alves e Maciel, 2019). Em uma arena abstrata contínua de embates ideológicos, as *fake News* continuaram a ser produzidas e propagadas como instrumentos de desvalorização dos oponentes e valorização e reforço das próprias crenças — o que representa bem a estrutura ideológica NÓS X ELES, apontada por Van Dijk (2013, 2014, 2018) e elaborada no capítulo anterior.

No fim do primeiro trimestre de 2020, a pandemia do novo coronavírus COVID-19 constituiu-se como evento representativo da produção constante das *fake News*, contexto coincidente com as frequentes convulsões polarizantes sociais marcadas pelo governo Jair Bolsonaro. Numa junção ideológica entre o obscurantismo antidemocrático e anti-intelectualizante e a desconfiança nos meios de comunicação e nas autoridades reguladoras nacionais e mundiais, a polarização de 2018 culminou numa onda de *fake News* que, ainda políticas, agora miravam, também, a pandemia COVID-19 (Barcelos et al., 2021; Neto et al., 2020; Freitas, 2021). O sentimento antivacina, movimento conspiratório mais antigo do que o fenômeno de *fake News* (Barcelos et al., 2021), alinhado às posturas ideológicas conservadoras e reproduzidas pelos mesmos mecanismos de bolha, sustentou a produção de *fake News* que mentiam sobre o vírus, como seu contágio, sua gravidade, sua letalidade, sua cura pela vacina, e mesmo sua própria existência:

---

<sup>55</sup> Esse caso teve tamanha repercussão que se tornou um verbete próprio no site *Wikipédia*, maior enciclopédia virtual do mundo. A *fake News* afirmava que o Partido dos Trabalhadores e o candidato Fernando Haddad estavam distribuindo mamadeiras com bico no formato de pênis em creches pelo país. Mesmo 4 anos após o fim das eleições de 2018, a *fake News* continuava a ser republicada por canais de comunicação de direita, tal como noticiou a Folha de São Paulo em agosto de 2022: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/perfis-que-viralizaram-mamadeira-de-piroca-espalham-ate-hoj-e-fake-news-contra-o-pt.shtml>

De modo mais geral, observou-se que, no período de 2015 a 2019, os sentimentos de dúvida e desconfiança sobre a importância da vacinação foram impulsionados por informações de origem política disseminadas on-line, que colaboraram para o crescimento da pauta antivacina em vários países. Além disso, o conteúdo das fake news manipula valores individuais, no sentido de que as pessoas acreditam naquilo que convém aos seus interesses políticos, sociais e até religiosos, independentemente da escolaridade. Em situações de medo e incerteza, como na pandemia, as pessoas tendem a acreditar no que causa conforto, mesmo quando não há comprovação científica; um exemplo são as fake news sobre alimentos milagrosos para tratamento ou prevenção da COVID-19. Fato semelhante foi observado em um estudo que analisou 1 225 fake news e constatou três tipos comuns de desinformação relacionados à COVID-19: alegações falsas, teorias da conspiração e terapias de saúde pseudocientíficas, sendo a última acerca de métodos de prevenção e tratamento para a COVID-19 (31). (ibidem, p. 5)

Conforme a pandemia avançava e as discussões políticas na esfera pública e social se agravavam, o fenômeno das *fake News* continuou a se propagar firmemente. As *fake News*, na medida em que se mostravam um problema importante a ser enfrentado por várias frentes, provocaram um avanço dos estudos direcionados ao combate ao fenômeno. No campo dos estudos da comunicação, os trabalhos já mencionados de Alves e Maciel (2019), Dourado (2020), Lazer et al (2018), e Barcelos et al (2021) representam esforços dedicados a definir, diagnosticar e decifrar a estrutura do fenômeno no âmbito de sua reprodução comunicativa virtual. No que tange especificamente aos estudos da linguagem, trabalhos como Freitas (2021), Gonçalves-Segundo (2021) e Riebling e Wense (2024) servem como pilares teóricos que nos ajudam a compreender e definir mais concretamente o fenômeno, visando seu enfrentamento. Passaremos agora, portanto, à proposta de definição de *fake News* que orientou a seleção do *corpus* deste trabalho.

### 2.1.2 A definição de *fake News*

Para definirmos um determinado fenômeno que emerge da interação humana como uma categoria de linguagem, é preciso fazer observações pertinentes sobre a própria concepção de categorização. No capítulo anterior, já esclarecemos como a LC entende as categorias linguísticas, cognitivamente estabelecidas: categorias tendem a ser **graduais**, de **limites difusos** e **não necessariamente rígidos**, organizadas por meio de semelhanças de família entre membros considerados mais ou menos pertencentes, e organizados numa estrutura que parte de um centro mais prototípico (Fillmore, 1976; Rosch, 1978; Lakoff, 1987; Wittgenstein, 2014)

A consequência dessa postura cognitivista e flexível é a compreensão de *fake News* como uma categoria que não pode ser reduzida a um número de atributos necessários ou suficientes para sua caracterização, tal como concebia a categorização clássica de Aristóteles. Não existem, por essa visão, características específicas que apareçam em toda e qualquer manifestação real de uma *fake News*. Nossa definição, conquanto possa ser posta numa forma proposicional, não pode se pretender rígida e absoluta. Apresentaremos, assim, uma definição **aproximativa e prototípica**, que engloba o que se entende por *fake News* na mente da pessoa falante e na cognição social distribuída entre as pessoas. Abrangemos, ainda, seu caráter contextual, sendo uma categoria sempre sujeita a transformações e mudanças ao longo do tempo.

Dado que as categorias MENTIRA e *FAKE NEWS* (adotaremos, a partir de agora, a terminologia tradicional da Semântica de *Frames*, entendendo-se categorias = *frames*) apresentam pontos de aproximação (Freitas, 2021), nossa compreensão sobre a noção “mentira” é igualmente flexível, apesar de historicamente e culturalmente mais sólida. O fenômeno das *fake News* é essencialmente ligado ao que entendemos como verdade ou falsidade, então é preciso esclarecer tanto a categoria MENTIRA quanto a categoria *FAKE NEWS*, para que não corramos o risco de apresentar uma definição epistemologicamente vazia e infrutífera.

Pelo mesmo direcionamento cognitivista e partindo de Coleman e Kay (1982), Biondo (1990) e Freitas (2021), entendemos a categoria MENTIRA como estruturada pela relação dos seguintes fatores:

- I. Uma **proposição falsa**, com relação a um estado de coisas factualmente observável e verificável.
- II. Uma proposição falsa emitida por um **sujeito que tem conhecimento da falsidade**.
- III. Uma proposição falsa emitida **com a intenção de enganar sujeitos interlocutores**.

Tais fatores se relacionam de modo que o terceiro fator possui maior peso do que os demais, na sociedade brasileira segundo Biondo (1990), e os eventos de fala categorizados como *mentira* são tidos como mais ou menos mentirosos, mais ou menos prototípicos (Coleman e Kay, 1982). Não há, assim, um apontamento rígido e classicamente categórico sobre o que caracteriza uma mentira, fenômeno que se consiste, assim, numa categoria flexível, maleável e radial.

Feitas essas considerações sobre o modo como entendemos categorias linguísticas e comunicativas, podemos passar de fato à definição que aqui utilizamos, e que acarretará

implicações e consequências com relação ao entendimento do fenômeno: *entendemos fake News como informações falsas, divulgadas em redes sociais num contexto de polarização ideológica, que assume um dos lados polarizados, e que atua como uma ferramenta de combate político por meio da ativação de frames específicos.*

Essa definição não abrange todos os casos em que um determinado fragmento interacional linguístico é chamado de *fake News*: poder-se-ia dizer que a delimitação “em redes sociais” acarrete numa exclusão de textos falados, que potencialmente atuariam com o mesmo papel de *fake News* escritas virtuais. Além disso, nem todas *fake News* são necessariamente políticas<sup>56</sup>, e a própria falsidade também não é um aspecto igualmente necessário (como caracterizar uma informação descontextualizada, mas verdadeira, utilizada como instrumento de combate ideológico?). Sabemos das possíveis limitações da definição, mas reforçamos o que foi dito antes sobre a flexibilidade cognitiva natural de categorias linguísticas: **não pretendemos apresentar uma definição rígida e absoluta**, pretendemos, acima de tudo, apresentar o centro prototípico atualmente compreendido como a caracterização mais pertinente de *fake News*, conforme a revisão bibliográfica realizada. A partir dessa revisão, e da observação do fenômeno no mundo social e político, chegamos à definição mais aproximada atualmente, que, conquanto possa se transformar e modificar ao longo do tempo, nos parece adequada aos propósitos aqui almejados.

Cabe, agora, nos debruçarmos sobre partes constitutivas da definição, para esclarecer e especificar a natureza do fenômeno. Já falamos sobre o que entendemos por mentira e falsidade, cabendo, ainda, abordar os outros aspectos que aparecem na definição: o caráter virtual e a atuação como ferramenta de combate ideológico. Tais elementos foram abordados brevemente na seção 2.1.1, uma vez que se relacionam intimamente com o contexto histórico de produção e surgimento do fenômeno, cabendo apenas retomá-los.

O papel das redes sociais é importante na medida em que as entendemos como os maiores centros de produção e propagação de *fake News*. Por meio da organização algorítmica de redes sociais como *Twitter* e *Facebook*, e por meio da interação direta e em redes como *WhatsApp*, a reprodução de *fake News* é estimulada e evidenciada com maior intensidade (Dourado, 2020; Neto et al, 2020). Ainda, a coleta e o registro permanente de *fake News* é majoritariamente encontrado no campo das redes sociais, conforme observado

---

<sup>56</sup> Por exemplo, em julho de 2022 o portal *MONITOR7* declarou como falsa um suposto encontro de uma cobra gigante no pantanal brasileiro. Não há qualquer interpretação política a ser retirada do falso encontro, o que se afasta do protótipo de *fake News* aqui assumido. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/monitor7/falso-cobra-gigante-flagrada-no-pantanal-08072022/>>. Acesso em 12 dez. 2024

em trabalhos como Freitas (2021), Neto et al (2020) e Dourado (2020), de modo que o próprio papel da pesquisa científica acaba por modelar a forma como o fenômeno é compreendido. Admitimos, assim, o papel do pesquisador como alguém que atua na constituição do fenômeno, ao contrário de um papel puramente observador e analítico.

Ainda, o papel dos próprios portais de verificação de *fake News* não pode ser admitido como um papel neutro e desprovido de significado ideológico. Entendemos a mídia como um conjunto heterogêneo de agentes que possuem convicções e agem sobre elas. Por isso, tem-se ciência de que atribuir neutralidade ao jornalismo seria ignorar a perspectivização própria que esse campo da comunicação efetua sobre o que reporta. Ainda que o papel do jornalismo não entre como um ponto de análise e discussão nesta dissertação, isso não impacta negativamente nosso trabalho, uma vez que utilizamos tais portais somente para a coleta dos dados do *corpus*. Falaremos mais sobre esse processo no capítulo 3, mas acreditamos ser importante situar, aqui, nossa concepção de uma ciência participativa.

O aspecto da polarização política merece maior destaque, pois diz respeito diretamente à natureza do conteúdo de *fake News*, sendo, portanto, irremediavelmente ligado ao contexto de produção e ao momento histórico em que o fenômeno surge. Seguimos aqui a proposta de Alves e Maciel (2019), que entendem as *fake News* pela forma como estas atuam discursivamente num cenário de ampla polarização entre lados políticos e sociais. Afirmam os autores:

o fenômeno contemporâneo das fake News só pode ser devidamente compreendido nesse contexto como produção de “informação de combate”, voltada para corroborar narrativas pré-estabelecidas e fortalecer uma determinada posição, pouco importando a qualidade do trabalho de investigação ou de apuração dos fatos. Mais do que notícias falsas, o que temos são “mídias hiper-partidárias” fazendo circular informações em um mundo radicalmente polarizado. (Alves; Maciel, 2019, p. 151)

“Informação de combate”, nesses termos, diz respeito ao modo como as *fake News* organizam seu texto de forma estratégica e ideologicamente orientada, reforçando determinadas concepções atreladas a um ou outro grupo social ideologicamente posicionado. Por meio da propagação de certas representações discursivas, ideologias são postas na linha de frente dos embates entre frentes políticas e sociais, e atuam pela estratégia NÓS X ELES (Van Dijk, 2013), da qual tira sua eficácia particular. Esse caráter combativo, portanto, é entendido como constituinte e essencial, ao invés de acidental, de

modo que *fake News* mais prototípicas e usuais tendem a ser mais ideologicamente situadas.

O terceiro aspecto abordado, que dialoga diretamente com os pressupostos teóricos adotados por este trabalho, diz respeito aos *frames* mais usualmente utilizados em *fake News*, e, portanto, refere-se tanto à estrutura quanto ao conteúdo dessa categoria. Por ser um aspectos teóricos mais pertinente à dissertação, na medida em que objetivamos observar justamente as formas de organização ideológica das *fake News*, abordaremos esse aspecto separadamente na próxima seção.

## 2.2 *Fake news, frames cognitivos, conceptualização e modelos metafóricos*

Retome-se: um *frame* é um sistema cognitivo que organiza o conhecimento linguístico humano. Todo elemento de qualquer língua é constituído, em seu significado, por uma rede cognitiva semântica que organiza participantes, eventos e relações que dão sentido a esse elemento linguístico dentro da língua. Esse tipo de sistema cognitivo é localizado, ao mesmo tempo, no sujeito, na sociedade e na cultura: no sujeito pois ele armazena, em seu conhecimento particular, as redes semânticas da língua e é o responsável pela materialização desse conhecimento nas interações linguísticas; e na sociedade e cultura pois elas integram a cognição conjunta dos sujeitos nela imersos, motivando os significados que existem na língua desse meio sociocultural. É por isso, enfim, que falamos de cognição social, que nasce das experiências **compartilhadas** dos sujeitos.

A partir disso, uma implicação natural e essencial já se apresenta: as *fake News* são organizadas por meio de *frames* cognitivos, uma vez que emergem da experiência dos sujeitos entre si e com o mundo. Cada manifestação linguística evoca e concretiza *frames*, de modo que as *fake News*, por serem um fenômeno comunicativo, evocam e concretizam *frames*. Pesquisas anteriores, especialmente Freitas (2021), que originou o presente trabalho, buscaram levantar uma pergunta de pesquisa: há algum caráter sistemático dos *frames* evocados pelas *fake News*?

Os resultados que encontramos em Freitas (2021) apontam que, enquanto não seja ainda possível garantir uma sistematização entre os *frames* encontrados em 60 *fake News* obtidas a partir de *sites* de verificação, quais sejam, *Agência Lupa*, *É isso Mesmo?* e *UOL Confere* —, a recorrência de *frames* que evocam redes de significados ideológicos e que remetem à própria situação interacional foi tida como um resultado importante e potencialmente pertinente para a caracterização da categoria. Ou seja, as *fake News*

analisadas por mim em Freitas (2021) apresentaram alta frequência de *frames* ideológicos e emocionais, evocados por termos como “esquerda”, “comunismo”, “zomba”, “ataca”, sempre postos como características negativas de grupos ideológicos opostos; e também apresentaram alta frequência de marcadores pronominais de primeira e terceira pessoa do plural, como “nós” e eles, e as marcações sufixais “-amos”, “-emos”, “-imos”, bem como interjeições apelativas, que chamam a atenção do interlocutor ao conteúdo linguístico da mensagem, como “atenção!”, “urgente”. Segundo Freitas (2021, p. 55-56):

determinadas palavras selecionadas intencionalmente acionam esquemas cognitivos subjacentes que carregam significações potencialmente ideológicas. [...] De mesmo modo, situações específicas conduzem a *frames* interacionais que delineiam o que se espera da interação, como se vê na fake News (1) [*fake News* acerca do laudo balístico no caso do assassinato de Ágatha Félix], e termos que fogem a tais *frames* conduzem os interlocutores a determinadas compreensões que podem atuar na avaliação de confiabilidade e autoridade.

Ao fim, o autor conclui com apontamentos gerais sobre as características semânticas das *fake News* (que, pela LC, são também características que se manifestam em sua sintaxe), que, como anteriormente dito, se não são efetivamente definitivas e conclusivas, são padrões indicativos importantes e assumidos como constituintes da própria noção atual de *fake News*. Alguns desses apontamentos, presentes em Freitas (2021, p.58-59), são parafraseados a seguir:

- a organização gestáltica das representações construídas pelas *fake News* tendem a topicalizar e evidenciar com maior destaque grupos ideológicos opostos. Isso reforça as reflexões de Van Dijk (2013, 2014, 2018, 2022) sobre as tendências discursivas que manifestam a estrutura ideológica NÓS X ELES.
- Essa oposição ideológica é marcada pela negativização d’ELES, pela utilização de termos que evocam *frames* cuja significação é profundamente imbricada, socioculturalmente e em grupos ideológicos específicos, por representações negativas para um dos grupos..
- Através da evocação de *frames* interacionais e que posicionam explicitamente o interlocutor no corpo do texto, há tentativas de proximidade entre autor/compartilhador da *fake News* e o leitor a quem o texto é enviado.

Com isso, já temos uma compreensão sobre a utilização usual de *frames* e a organização representacional do significado nas *fake News*. Postas as contribuições do trabalho de Freitas (2021), podemos integrar à compreensão das *fake News* as contribuições já dadas no cap. 1 sobre a operacionalização de *frames*, contribuições de

Langacker (2017) sobre o evento de conceptualização, e contribuições de Lakoff (2016) acerca das tendências representacionais e metafóricas de dois grupos sociais específicos: progressistas e conservadores, que, adaptados à sociedade brasileira, se manifestam respectivamente na esquerda e direita política.

Pelos achados de Freitas (2021), unidos à operacionalização que adotamos no cap. 1, seção 1.2.2.2, podemos entender MENTIRA como um hipônimo de AÇÃO, que apresenta, dentre outros, as seguintes possíveis perguntas constitutivas de seus *slots*:

- No que consiste essa ação?
- Quem provoca a ação?
- Sobre quem a ação é exercida?
- A quem a ação beneficia?
- A quem a ação prejudica?
- Qual a duração da ação?
- Em que contexto a ação normalmente ocorre?
- Qual a natureza da ação (física, psicológica, comunicativa)?
- Quais as partes constitutivas da ação (início, meio e fim)?
- Quais os motivos por trás da ação?
- Quais os meios da ação?
- Quais as consequências da ação para quem comete?
- Quais as consequências da ação para quem sofre?

Tais perguntas/*slots* são respondidos interação a interação, sendo possível, neste momento, propor apenas valores *default* convencionalizados que se encaixem nos *slots*:

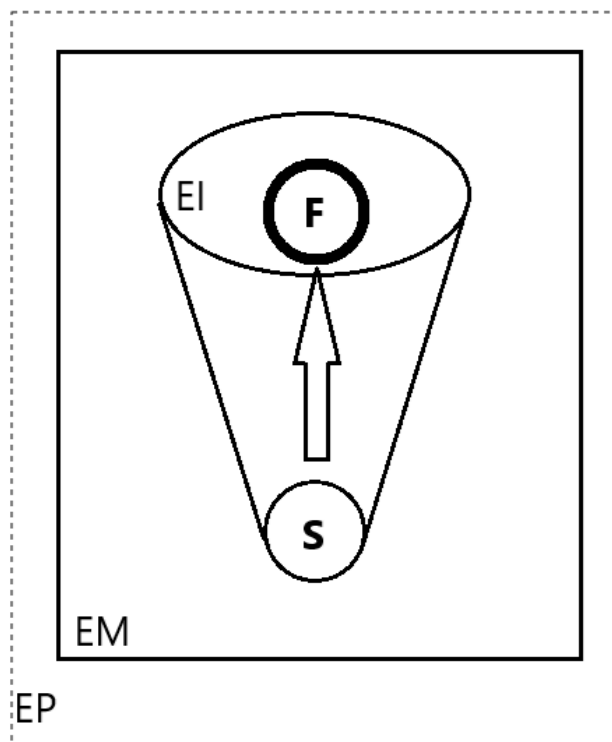
- No que consiste essa ação: ENGANO → MANIPULAÇÃO
- Quem provoca a ação: HUMANO → MENTIROSO
- Sobre quem a ação é exercida: HUMANO → VÍTIMA
- A quem a ação beneficia: MENTIROSO
- A quem a ação prejudica: VÍTIMA
- Qual a duração da ação: INTERAÇÃO
- Em que contexto a ação normalmente ocorre: INTERAÇÃO
- Qual a natureza da ação: INTERAÇÃO
- Quais os motivos por trás da ação: MENTIRA → ENGANO → MANIPULAÇÃO
- Quais os meios da ação: INTERAÇÃO

- Quais as consequências da ação para quem comete: MENTIROSO → VANTAGEM
- Quais as consequências da ação para quem sofre: VÍTIMA → ENGANO

Cada resposta dada aos *slots* é, como pontuamos no capítulo 1, um *frame* por si só, que requer uma semelhante rede de questionamentos que estabelecem seu significado convencional. O entendimento de MENTIRA, portanto, é dado caso a caso como uma especificação contextualizada de cada valor evocado, a partir do que é requerido (comunicativa, discursiva, social e cognitivamente) pela interação situada. Como o entendimento de MENTIRA é uma das bases para o entendimento de *FAKE NEWS*, a apresentação dos *frames* e das relações é útil para que compreendamos de maneira melhor o fenômeno estudado.

Em seguida, nos ancorando sobre a LC, em especial os estudos de Langacker (2017) sobre percepção e foco visual, podemos transplantar as falas do autor para o contexto das *fake News*. Langacker (ibidem) propõe um diagrama que mostra o funcionamento da percepção visual, em que um *sujeito da percepção (S)* direciona seu olhar para um *foco da atenção (F)*. Esse foco se encontra num *escopo imediato de visão (EI)*, ou seja, um recorte visual direcionado pela perspectiva do sujeito: ao observar um quadro numa parede em um quarto, por exemplo, o foco da atenção que é o quadro se encontra dentro de um escopo imediato de visão que é a parede. Ainda neste exemplo, as paredes adjacentes à parede EI correspondem ao *escopo máximo de visão*, sendo o que comumente chamamos de visão periférica. Ao restante do quarto, fora da visão, caberia o rótulo de *escopo potencial de visão*, ou seja, as partes que **podem** entrar como escopos ou foco, mas, no momento, não o são. Segue-se a figura ilustrativa do processo:

**Figura 5: Diagrama de percepção visual**



**Fonte: adaptado de Langacker (2017, p. 6)**

Langacker (ibidem), nessa proposta, transporta metonimicamente o fenômeno da percepção visual para o fenômeno da concepção linguística, que, para além da visão, abrange as concepções construídas pela língua. Aplicando o modelo de Langacker ao nosso objeto de estudo, as *fake News*, podemos dizer que elas oferecem um *escopo imediato de concepção* sobre um determinado fenômeno, incentivando o sujeito (S) a alcançar o foco pretendido pela manipulação. Essa *fake News* é necessariamente situada sobre um *escopo máximo* e um *escopo potencial de concepção*, que oferecem o pano de fundo conceitual que confere à *fake News* seu significado. É pelo recorte perspectivante da *fake News*, que situa o sujeito S diante de um foco F, que seus efeitos ideológicos são alcançados: o sujeito constrói as representações da *fake News* ao “recortar” o que se pretende ver, ao eliminar do foco de concepção, o que não é pertinente para os objetivos da mentira.

Esse diagrama, entendido conceitualmente, nos parece pertinente para a visualização da atuação da *fake News*. Através da observação de como a *fake News* constrói sua significação a partir da relação estabelecida com um sujeito que a conceptualiza, vemos como os efeitos ideológicos são produzidos e determinantes para a forma como a *fake News* recorta conceitualmente o mundo. Seguiremos, para melhor

compreensão e leitura, com a definição proposicional, sem retomar necessariamente o esquema de *frame* e o diagrama de conceptualização.

Dentro dos estudos de ideologia e metáfora, ancoramo-nos em George Lakoff, já mencionado no capítulo anterior. Um dos teóricos fundadores da LC, Lakoff se inclinou mais profundamente, após a virada cognitiva de fato, a fenômenos de ordem social e cultural, especificamente, as ideologias liberais e conservadoras<sup>57</sup> da sociedade Estadunidense (1994, 2009). Assumindo uma postura admitidamente parcial, Lakoff se preocupou em explorar as bases do pensamento conservador neoliberal a fim de contrapô-lo com propostas de *reframing* direcionadas aos liberais. Por *reframing*, Fillmore (1982) e Lakoff (2016) entendem a **recontextualização e o reenquadramento dos significados da língua**: reconfigurar, portanto, os *frames* para que eles assumissem diferentes significações e fizessem emergir diferentes efeitos.

Partindo de modelos culturais familiares e entendendo-os como bases do pensamento político dos EUA, Lakoff (2016, p. 21) propõe dois modelos vigentes e generalizados: o Modelo de Pai Autoritário e o Modelo de Pai Protetor<sup>58</sup>. Ambos os modelos são colocados como uma série de proposições que equalizam a compreensão de família com a compreensão da política, através de encadeamentos metafóricos entre um entendimento e outro. Tais modelos englobam *frames* familiares que passam a ser encarados como *frames* políticos através de metáforas, e chamamo-os, assim, respectivamente de PAI AUTORITÁRIO e PAI PROTETOR. Ao modelo/*frame* PAI AUTORITÁRIO, Lakoff atribui os seguintes pensamentos:

Este modelo postula uma família nuclear tradicional, com o pai tendo a responsabilidade primária de sustentar e proteger a família, bem como a autoridade para definir a política geral, para definir regras rígidas para o comportamento das crianças, e para fazer cumprir as regras. A mãe tem a responsabilidade diária de cuidar da casa, criar os filhos e manter a autoridade do pai. Os filhos devem respeitar e obedecer aos pais; ao fazer isso, eles constroem caráter, isto é, autodisciplina e autoconfiança. Amor e nutrição são, claro, uma parte vital da família vida, mas nunca podem superar a autoridade parental, que é em si uma expressão de amor e nutrição — amor duro. Autodisciplina, autoconfiança e respeito pela autoridade legítima são as coisas cruciais que as crianças devem aprender. Uma vez que as crianças são maduras, elas estão por conta própria e devem depender de sua autodisciplina adquirida para sobreviver. Sua autoconfiança lhes dá autoridade sobre seus próprios destinos, e os pais

---

<sup>57</sup> Nesse trecho traduzimos estritamente da forma como Lakoff apresenta em seu texto, mas, para a sociedade brasileira, a correspondência entre “liberais e conservadores” e “esquerda e direita”, respectivamente, não nos parece exata. Por isso, preferimos, ao longo do trabalho, trabalhar com a distinção “progressistas e conservadores”, por nos parecer mais exata ao contexto que nos inserimos.

<sup>58</sup> Traduções nossas. Dos originais Strict Father Model e Nurturant Father Model.

não devem se intrometer em suas vidas<sup>59</sup>. (Lakoff, 2016, p. 21 tradução nossa)

O pensamento conservador, aderindo ao modelo, o transforma num modelo de regimento político que atribui os aspectos de autoritarismo, disciplina, responsabilidades bem atribuídas e construção de caráter à forma como o governo deve lidar com a população. Isso, segundo o autor, se traduz em políticas de austeridade, de preferência por critérios meritocráticos em detrimento de políticas de bem estar social, e de rigidez policial e civil. Há, aqui, portanto, a conexão direta entre cognição, ideologia e linguagem, pois é pela língua que as ideologias são manifestas, e é na cognição que as ideologias assumem formas conceituais que as organizam e permitem que sejam transpostas entre domínios culturais distintos.

Com relação ao modelo PAI PROTETOR, Lakoff diz o seguinte:

Amor, empatia e cuidado são primordiais, e as crianças se tornam responsáveis, autodisciplinadas e autossuficientes por serem cuidadas, respeitadas e cuidarem dos outros, tanto na família quanto na comunidade. Apoio e proteção são parte do cuidado, e exigem força e coragem por parte dos pais. A obediência das crianças vem do amor e respeito pelos pais e pela comunidade, não do medo de punição. Uma boa comunicação é crucial. Se sua autoridade deve ser legítima, os pais devem explicar por que suas decisões servem à causa da proteção e cuidado. O questionamento das crianças é visto como positivo, já que as crianças precisam aprender por que seus pais fazem o que fazem e já que as crianças geralmente têm boas ideias que devem ser levadas a sério. No final das contas, é claro, os pais responsáveis têm que tomar as decisões, e isso deve ficar claro<sup>60</sup>. (Lakoff, 2016, p. 21 tradução nossa)

Aqui, portanto, há a transposição do modelo ao mundo político que conduz a uma ideia de governo que prioriza políticas compassivas, de bem estar social, flexibilidade

---

<sup>59</sup> Do original: “This model posits a traditional nuclear family, with the father having primary responsibility for supporting and protecting the family as well as the authority to set overall policy, to set strict rules for the behavior of children, and to enforce the rules. The mother has the day-to-day responsibility for the care of the house, raising the children, and upholding the father’s authority. Children must respect and obey their parents; by doing so they build character, that is, self-discipline and self-reliance. Love and nurturance are, of course, a vital part of family life but can never outweigh parental authority, which is itself an expression of love and nurturance—tough love. Self-discipline, self-reliance, and respect for legitimate authority are the crucial things that children must learn. Once children are mature, they are on their own and must depend on their acquired self-discipline to survive. Their self-reliance gives them authority over their own destinies, and parents are not to meddle in their lives.”

<sup>60</sup> Do original inglês: “Love, empathy, and nurturance are primary, and children become responsible, self-disciplined and self-reliant through being cared for, respected, and caring for others, both in their family and in their community. Support and protection are part of nurturance, and they require strength and courage on the part of parents. The obedience of children comes out of their love and respect for their parents and their community, not out of the fear of punishment. Good communication is crucial. If their authority is to be legitimate, parents must explain why their decisions serve the cause of protection and nurturance. Questioning by children is seen as positive, since children need to learn why their parents do what they do and since children often have good ideas that should be taken seriously. Ultimately, of course, responsible parents have to make the decisions, and that must be clear.”

fiscal e participação ativa da população no que diz respeito às posturas governamentais. É incentivado o questionamento de políticas civis, econômicas e policiais, ainda que a autoridade governamental não seja abolida ou perfeitamente horizontalizada. É evidente, pelos escritos de Lakoff, que o autor faz uma relação direta entre os modelos e os círculos sociais conservadores e liberais: aos conservadores há a prevalência do modelo PAI AUTORITÁRIO, ao passo que nos liberais o modelo PAI PROTETOR é predominante.

Conquanto entendamos os propósitos do autor, na medida em que ele admite explicitamente uma tomada de posição em seus estudos, atentamos ao leitor o cuidado de não se deixar levar por uma posição determinista e fixa com relação às ideologias: não cremos que há uma correlação necessária entre grupos conservadores, de direita, e ideologias polarizantes mais autoritárias, ou entre grupos progressistas, de esquerda, e ideologias polarizantes mais liberais. Ideologias, como vimos ao tratarmos de Van Dijk, e ao concebermos os *frames* como estruturas necessariamente dinâmicas e flexíveis, são mutáveis, diversificadas, distribuídas e reproduzidas de modos diversos e conflitantes.

A língua se efetua por interações complexas e únicas no tempo e no espaço, junto às complexidades próprias dos interactantes e dos fluxos ideológicos culturais garante uma realidade cognitiva e linguística não previsível e reducionista. Não cremos que Lakoff defenda tal reducionismo, mas acreditamos ser importante reforçar que este trabalho não assume uma concepção unívoca e fixa de ideologias e suas relações com a língua e sociedade.

As observações de Lakoff são especialmente importantes se observarmos a **tendência** de produção de *fake News* relacionadas a grupos ideológicos: há uma maior recorrência de *fake News* ideologicamente alinhadas à direita política, conforme visto em estudos de Alves e Maciel (2019) e Dourado (2020). Um ponto, porém, precisa ser colocado e destacado: a observação da associação recorrente entre a produção de *fake News* e as tendências ideológicas de direita **não implica** numa relação sólida, causal e fixa entre essa produção e essas ideologias. Ou seja, não afirmamos aqui que as *fake News*, enquanto categorias de gênero comunicativo, são essencialmente associadas a um grupo ideológico específico; em nossa definição, como se pode ver, não há essa relação. Há *fake News* produzidas por tendências ideológicas progressistas e de esquerda, pelo próprio fato de que as categorias e as interações, pela ótica da LC, não são rígidas, discretas e perfeitamente diferenciadas. Os níveis de gradação devem ser observados e destacados, e,

se apontamos, a associação entre *fake News* e grupos ideológicos, é apenas para reforçar o caráter geral e mais recorrente, porém não determinista.

Exemplos de que não há uma determinação exata entre os modelos familiares e as vertentes ideológicas podem ser vistos no *corpus* construído por Freitas (2021), em que, apesar da tendência associativa apontada no parágrafo anterior, há *fake News* de viés progressista, ou de esquerda, que criticam a direita através de conceitualizações que remetem positivamente ao modelo de PAI AUTORITÁRIO. A *fake News* nº 35, segundo o anexo da pesquisa de Freitas (2021), afirma que o ex-presidente Jair Bolsonaro bateu recorde de gastos do cartão corporativo, associando, portanto, ao gastos do cartão uma conotação negativa:

**Figura 6: *fake News* retirada de trabalho anterior**



**Fonte: anexo de Freitas (2021)**

Segundo Lakoff (2016), essa representação negativa de gastos governamentais e pessoais remete a uma visualização de despesas que se enquadram metaforicamente no modelo familiar de PAI AUTORITÁRIO: gastos excessivos se relacionam com ausência de autocontrole e austeridade financeira, um aspecto extremamente valorizado e fortalecido pelo modelo cultural apontado (ibidem, p. XX). Dessa forma, a *fake News*, que critica Jair Bolsonaro e se alinha à esquerda petista, traz o suposto fato de gastos excessivos de Jair Bolsonaro como um aspecto negativo e que compromete sua imagem, alinhando-se, de forma aparentemente contraditória às expectativas dos pensamentos de Lakoff (2016) e de Dourado (2020), ao modelo PAI AUTORITÁRIO.

Entretanto, a situação é mais complexa do que parece: essa aparente associação ao modelo, que de fato é manifesta linguisticamente na medida em que a *fake News* representa o fato como moralmente negativo, atua de forma a criticar a direita, associando a ela o modelo PAI AUTORITÁRIO. A mensagem da *fake News* pode ser parafraseada pelo seguinte: “o presidente de direita está agindo em desacordo com os valores da própria direita”. Portanto, mesmo que o modelo PAI AUTORITÁRIO apareça positivamente representado, ele é associado às vertentes ideológicas que de fato esperaríamos ser associadas a ele, e ao mesmo tempo, às vertentes ideológicas progressistas; vê-se que a tentativa de descredibilizar Jair Bolsonaro é acompanhada da tentativa de valorizar o atual presidente Lula, pelo mesmo modelo: Lula gasta menos do que afirmam, e Bolsonaro gasta mais do que afirmam.

Com essas divagações, pretendemos apenas ilustrar o modo como a teoria de Lakoff (2016) é amplamente interessante ao estudo e descrição do funcionamento de *fake News* no que tange à organização ideológica, pois permite criar uma ponte entre os *frames* evocados linguisticamente e as vertentes ideológicas socialmente construídas. Neste capítulo, assim, mais breve mas não menos importante do que o anterior, esperamos esclarecer a sustentação teórica por trás da definição adotada de *fake News*, que orientará toda a construção do *corpus* dessa dissertação e os procedimentos metodológicos adotados para sua descrição e análise, conforme se verá nos próximos capítulos.

## CAPÍTULO 3

### METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos, instrumentos, técnicas e critérios metodológicos adotados por este trabalho, inscrito na linha de estudos da LC e da Semântica de *Frames*. Inicialmente, esclarecemos a natureza da pesquisa, que definirá os pontos acima colocados.

#### 3.1 Natureza da pesquisa

A presente dissertação é uma **pesquisa aplicada**, pois desenvolve conhecimentos teóricos do campo da Semântica de *Frames* e os aplica em análise de material empírico, as *fake News*, avançando a construção da ciência linguística, em geral, e da LC, em particular. Ao mesmo tempo, busca gerar novos conhecimentos através da descrição e análise de *fake News*, uma vez que incide olhar sobre um fenômeno específico ainda não contemplado pela visão teórica aqui sustentada. Através da reprodução bibliográfica do material estudado, no campo da LC e da Semântica de *Frames*, e na delimitação do conceito de *fake News*, a pesquisa irá contribuir para uma integração entre a linguística e preocupações sociais, colaborando, assim, para o progresso da ciência.

Quanto aos objetivos do trabalho, centrados na verificação de como *fake News* organizam e estruturam suas ideologias por meio dos *frames* cognitivos CRIME, LULA e BOLSONARO, a pesquisa possui um caráter **descritivo e exploratório**. Descritivo, pois visa movimentar o conhecimento teórico apresentado nos capítulos anteriores para descrever o funcionamento linguístico e cognitivo das *fake News*, constituindo, portanto, uma descrição linguística pela perspectiva da LC. Exploratório, pois a pesquisa visa abrir novos caminhos de estudos, pesquisas e verificações científicas sobre o objeto de estudo, as *fake News*, e colaborar para o desenvolvimento progressivo da Semântica de *Frames*.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, a pesquisa é **bibliográfica e documental**, uma vez que faz seleção, leitura e revisão de material teórico produzido sobre o conceito de *frames* cognitivos, bem como conceitos relacionados, e sobre o fenômeno das *fake News*. Esse trabalho bibliográfico fez uso de livros, artigos e ensaios, reunindo uma coleção bibliográfica plenamente apresentada nas referências da dissertação. O trabalho bibliográfico foi acompanhado de uma revisão crítica dos conceitos, a fim de aprimorá-los e adequá-los à realidade dos fenômenos observados, e visou uma

interdisciplinaridade que, à luz dos princípios teóricos aqui admitidos, é fundamental para a análise mais global do fenômeno. Assim, para o conceito de *frames*, por exemplo, apresentamos brevemente estudos do campo da antropologia e da sociologia, além da linguística; de mesmo modo, para a compreensão das *fake News*, visamos estudos dos campos da ciência política, da sociologia, da análise do discurso, e da linguística.

Com relação aos preceitos da pesquisa documental, a dissertação organiza um *corpus* de análise que ainda não foi sujeito à análise semântica pela LC e pela Semântica de *Frames*. Isso condiz com a pretensão descritiva e exploratória da pesquisa, buscando um desenvolvimento bem conduzido de uma análise linguística que permita trabalhos futuros.

Pela proposta de análise descritiva dos mecanismos linguísticos movimentados pelas *fake News* na sua organização ideológica, e pela interpretação crítica desses movimentos, o trabalho possui um caráter qualitativo. Busca-se, pois, entender e explicar um aspecto do fenômeno das *fake News*, qual seja, a construção dos *frames* e sua relação com as ideologias subjacentes. Espera-se gerar um entendimento profundo sobre como *frames* cognitivos específicos organizam representações ideológicas, avaliando, criticamente, essa relação e essas representações.

Tal metodologia foi organizada na forma de etapas de trabalho, que serão esclarecidas posteriormente.

### **3.2 O *corpus* e critérios de inclusão e exclusão**

O trabalho tomou como objeto de estudo *fake News* políticas publicadas ao longo do período eleitoral e pós-eleitoral de 2022. Pelo objetivo central do trabalho, de analisar três *frames* e suas organizações, certos critérios foram selecionados, no que diz respeito a:

- I. Número de *fake News* selecionadas
- II. Fonte das *fake News* selecionadas
- III. Conteúdo das *fake News* selecionadas
- IV. Data das *fake News* selecionadas

Com relação ao critério (I), o número de *fake News* para o *corpus* foi definido como 135 *fake News*. A quantidade foi definida pela pretensão de aumentar o escopo do trabalho anterior a este (Freitas, 2021), ampliando em mais que o dobro a quantidade do objeto (60 *fake News*), bem como garantir uma maior generalização dos resultados encontrados e uma maior abrangência temporal, relacionando-se ao critério (IV). O número de 135 foi

escolhido para que pudessem ser analisadas 45 *fake News* de cada veículo de comunicação selecionado (critério (III)), gerando uma consistência na seleção do corpus. Foram escolhidas 45 de cada site, para que pudessem ser escolhidas 15 de cada período estabelecido, número tido como satisfatório para a pesquisa.

Com relação ao critério (II), as *fake News* foram coletadas em 3 *sites* de verificação e checagem de fatos, agências especializadas na identificação de *fake News*: *Agência Lupa*, *Aos Fatos*, e *Projeto Comprova*. A seleção dos *sites* se deu pelos seguintes critérios: preferiram-se *sites* cuja organização das *fake News* estivessem em ordem de data de publicação; sites que contivessem o contexto de produção e reprodução das *fake News*, bem como a explicação de sua falsidade, conferindo maior confiabilidade ao site; sites que dispusessem imagens, em formato de print, das *fake News* verificadas, possibilitando a análise direta das mesmas em seu formato original; *sites* com maior frequência de recomendação em guias de agências de notícias verificadoras de *fake News*<sup>61</sup>; sites associados a grandes jornais consolidados na sociedade brasileira.

Para exemplificação da maneira como as *fake News* aparecem dispostas nos veículos de comunicação, seguem-se figuras correspondentes a prints retirados dos *websites*, ilustrando algumas *fake News* selecionadas<sup>62</sup>:

---

<sup>61</sup> Como se vê em <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/fact-checking-conheca-5-agencias-de-checagem-de-noticias>

<sup>62</sup> Por se tratar de um exemplo de como os prints são efetuados, e como a ferramenta de print screen engloba toda a tela do computador, os textos das *fake News* estão bastante pequenos nas imagens a seguir. Como não pretendemos, aqui, falar qualquer coisa sobre os conteúdos das *fake News*, não vemos isso como um problema nesta seção. Mantemos a imagem integral por esse motivo.

Figura 7: fake News nº 5

NOTÍCIA VELHA

## É ANTIGA NOTÍCIA DE QUE CLAUDIA LEITTE TERIA DE DEVOLVER R\$ 1,2 MILHÃO CAPTADOS PELA LEI ROUANET

03.05.2022 - 18h45

Nathália Afonso  
Rio de Janeiro - RJ

Twitter Facebook WhatsApp LinkedIn

Circula pelas redes sociais um post com a afirmação de que a cantora Claudia Leitte teria que devolver aos cofres públicos R\$ 1,2 milhão captados por meio da Lei Rouanet. A publicação parabeniza o presidente Jair Bolsonaro (PL) por essa atitude. Por meio do [projeto de verificação de notícias](#) usuários do Facebook solicitaram que esse material fosse analisado. Confira a seguir o trabalho de verificação da Lupa:



Além de ter as verbas da rouanet cortada para shows e rebolar a bunda no carnaval de Salvador, [Claudia Leitte] terá que devolver aos cofres públicos 1.200.000,00 ( hum milhão e duzentos mil reais), por não conseguir comprovar pra onde foi. E tem mais, tá dando chilique por aí e dizendo que a culpa é do BOLSONARO. Cá entre nós né? É dele mesmo. Parabéns meu Presidente

- Texto em imagem que, até às 15h do dia 26 de abril, havia sido compartilhada por 20 mil pessoas no Facebook

FALSO

A informação contida nesta imagem é falsa. A cantora mencionada em nenhuma circunstância deve devolver ao presidente Jair Bolsonaro nenhum valor em dinheiro.

Fonte:

<<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/05/03/verificamos-claudia-leitte-rouanet>>. Acesso: 15/04/2024

Figura 8: fake News nº 19

## Margaret Thatcher não disse que ‘todo esquerdista é um incompetente fracassado’

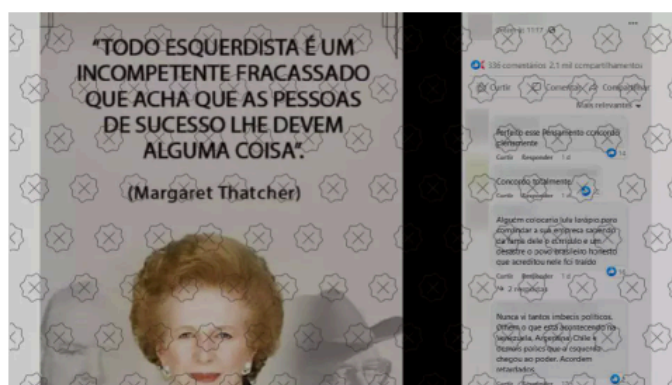
Por Marco Faustino  
13 de abril de 2022, 16h44

A ex-primeira-ministra do Reino Unido Margareth Thatcher (1925-2013) não é autora da frase “todo esquerdista é um incompetente fracassado, que acha que as pessoas de sucesso lhe devem algo”, como afirmam postagens (veja aqui). O biógrafo da política britânica e a fundação dedicada à memória dela desmentiram a autoria e **Aos Fatos** não encontrou registros da frase em discursos, cartas e entrevistas.

Postagens com o conteúdo enganoso acumulavam ao menos 4.300 compartilhamentos no Facebook nesta quarta-feira (13).



FALSO

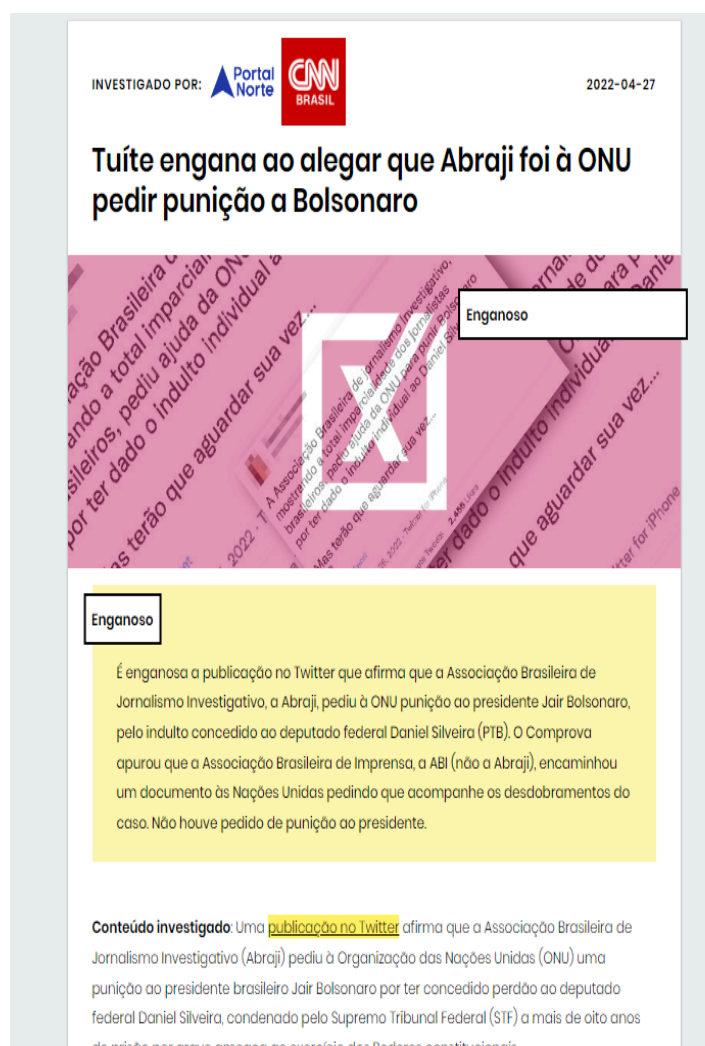


Não é de Margaret Thatcher, premiê do Reino Unido entre 1979 e 1990, a frase “todo

Fonte:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/margaret-thatcher-nao-disse-todo-esquerdista-incompetente-fracassado/>>. Acesso: 15/04/2024

Figura 9: fake News nº 43



**Fonte:**

**<<https://projetoconprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/tuite-engana-ao-alegar-que-abrajji-foi-a-onu-pedir-punicao-a-bolsonaro>>. Acesso: 15/04/2024**

Em *Aos Fatos e Agência Lupa* as *fake News* são postas diretamente no corpo do texto, enquanto o *Projeto Comprova* apresenta a *fake News* via hiperlink, destacado em amarelo na Figura (4). De todo modo, todos os três sites apresentam as *fake News* integralmente, mas com **marcas d'água que sinalizam sua falsidade**. Esse é um ponto relevante para a realização do trabalho: nas análises do capítulo 4, as *fake News* são apresentadas integralmente, o que gerou, durante o processo da pesquisa, dúvidas quanto a possíveis efeitos nocivos gerados pela reprodução das *fake News*. Consideramos, porém, que o problema é neutralizado a partir da permanência da marca d'água dos sites das agências, que sinalizam claramente que se trata de uma *fake News*, e que, portanto, não deve ser reproduzida acriticamente. Consideramos, também, que o processo de análise e

crítica foi suficiente para esclarecer ao leitor os problemas do material analisado. Mesmo que a análise sistemática dos *frames* procure recuperar os propósitos manipulativos do produtor da *fake news*, a todo momento utilizamos, na análise, indicadores linguísticos de que o texto trata de uma mentira. Dentre os indicadores, estão: verbos no futuro do pretérito (*estaria, teria dito*), advérbios de dúvida (*supostamente*), nomes e adjetivos qualificadores (*a mentira, a notícia mentirosa, a falácia*).

Para a seleção organizada e simétrica das 135 *fake News*, 45 *fake News* foram retiradas de cada *site*. Com relação à forma textual das *fake News*, todas consistem em textos curtos, construídos de maneira integral ou na forma de tuítes encadeados. Embora não tenha havido um critério sobre a presença ou não de uma estrutura multimodal, ou seja, integrada entre texto, imagem ou vídeo, tais *fake News* foram incluídas juntamente de *fake News* constituídas de apenas texto escrito.

O critério (II) ainda levanta uma última discussão, fundamental para o reforço da criticidade do trabalho: como confiar nos portais jornalísticos, e o que a escolha desses portais indica no que diz respeito às ideologias deles mesmos? Sabemos que, pelos capítulos 1 e 2, não há isenção ideológica no campo jornalístico, e toda seleção de objeto envolve uma postura participativa do autor. A demarcação sobre o que constitui uma *fake News*, portanto, percorre a metodologia desta dissertação, uma vez que, ao nos alinharmos com as definições dos portais jornalísticos, adotamos uma postura de confiança no trabalho destes, uma vez que, ao desmentirem as *fake news*, eles mostram evidências de outras fontes que podem ser consultadas.

Além disso, temos uma postura a demarcar: neste trabalho, não buscamos colocar em análise o próprio procedimento de determinação do que é ou não uma *fake News* por parte dos portais jornalísticos, pois não analisamos os textos destes portais. Ou seja, os pontos de vista e posturas dos portais aparecem somente na exposição da verificação, ou seja, no esclarecimento de que a *fake News* é, de fato, falsa. Não pretendemos, com isso, conferir aos portais a autoridade completa sobre a verificação e resolução do problema, mas, como tais portais foram os locais em que melhor encontramos o objeto, com relação ao critério (I), cedemos a eles, neste trabalho, sua legitimidade.

Indo ao critério (III), preferiram-se *fake News* de caráter político e ideológico, centradas na discussão polarizada eleitoral de 2022. Foram selecionadas *fake News* de temas políticos que contivessem os seguintes itens lexicais, bem como suas contrapartes flexionais que, por meio da Semântica de *Frames*, conduziram a representações políticas:

“eleição”, “candidato”, “governo”, “presidente”, “Lula”, “Bolsonaro”, “esquerdista”, “bolsonarista”, “urna”, “voto”.

A preferência por *fake News* políticas é justificada pelo objetivo do trabalho, que contém um pressuposto: notícias políticas acionam representações ideológicas polarizantes (conforme justificado por Van Dijk, 2013, e Lakoff, 2009), portanto, não se trata de provar se *fake News* políticas acionam ideologias que polarizam grupos sociais, mas **a forma como as acionam**. Desse modo, a seleção propositada de *fake News* políticas não apenas não envia os resultados do trabalho, como é um critério essencial para a observação do fenômeno pretendido. Foram excluídas, portanto, *fake News* que não se relacionam com nenhuma representação política no contexto eleitoral de 2022.

E, ao fim, em referência a esse mesmo contexto eleitoral, o critério (IV) delimitou a seleção de 45 *fake News* reproduzidas entre abril e junho de 2022, distribuídas na proporção 15-15-15, com relação aos portais do critério (II); 45 *fake News* reproduzidas entre agosto e novembro de 2022, na mesma proporção; 45 *fake News* reproduzidas entre dezembro de 2022 e março de 2023, na mesma proporção. Ao fim, o critério temporal conduz a uma delimitação de aproximadamente um ano de produção de *fake News*, englobando o período pré-eleitoral, eleitoral, e pós-eleitoral de 2022. Com essa divisão, pretendemos oferecer ao leitor abrangência representativa a partir das análises do cap. 4.

Com relação aos *frames* cognitivos, houve também critérios de inclusão e exclusão que definiram os *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO como os *frames* analisados:

Ib. Frequência no *corpus*

IIb. Abrangência e especificidade semântica

IIIb. Pertinência cultural e ideológica

Quanto ao critério (Ib), observamos que os três *frames* foram os mais recorrentes ao longo da análise das 135 *fake News*. O *frame* CRIME aparece em 38 *fake News* distintas do *corpus*. Desse total, 11 ativações ocorreram no período de abril a julho de 2022; 13 ocorreram de agosto a novembro de 2022; e 14 ocorreram de dezembro de 2022 a março de 2023. Do *frame* LULA, entre o período de abril a julho de 2022, foram verificadas 13 *fake News* que o continham; de agosto a novembro de 2022, foram verificadas 20 *fake News*; e de dezembro de 2022 a março de 2023, foram verificadas 14 *fake News*, totalizando, em todo o intervalo de delimitação do *corpus*, 47 *fake News* das 135. E do *frame* BOLSONARO, entre abril e julho de 2022, nos sites escolhidos para coleta de *fake News*, encontramos 18 *fake News* com BOLSONARO como *frame* principal; entre agosto

e novembro de 2022, encontramos 15 fake News; e entre dezembro de 2022 e março de 2023, encontramos 5 fake News. Ao fim, portanto, totalizam-se 38 fake News centradas em BOLSONARO.

O critério (IIb) diz respeito diretamente à seleção do *frame* CRIME lado a lado com LULA e BOLSONARO. CRIME, pelas propostas teóricas de Ziem (2014), seria um *frame* mais abstrato e abrangente, tratando de uma categoria cultural de AÇÃO. É um *frame* que não diz respeito a um evento ou sujeito específicos, mas que, no *corpus*, aparece sempre evocando os *frames* pessoais LULA e BOLSONARO, mais específicos.

Por fim, o critério (IIIb) abrange considerações sobre a presença e persistência dos *frames* escolhidos no contexto cultural de eleições presidenciais de 2022. CRIME, sendo a categoria cultural abrangente acima mencionada, tem implicações diretas na forma como pessoas são representadas socialmente através de *frames* pessoais: uma pessoa CRIMINOSA é estigmatizada pelo processo metonímico que a caracterização causa, totalizando a pessoa pela característica. Num contexto eleitoral, a alcunha CRIMINOSO é particularmente importante, na medida em que pode influenciar uma representação cognitiva de um candidato, e, assim, potencialmente influenciar o comportamento do eleitor.

LULA e BOLSONARO são, justamente, os *frames* que configuram as pessoas reais Lula e Jair Bolsonaro, candidatos eleitorais presidenciais que foram ao segundo turno nas eleições de 2022. Ainda, são os candidatos que, socialmente, mais claramente representaram a divisão ideológica polarizada entre os setores sociais, ocupando “lados” opostos na guerra ideológica em que as *fake News* tomaram parte. A consciência dessa importância social motivou a escolha dos *frames* para análise.

### **3.3 Fases da pesquisa**

Para a condução organizada do trabalho, a pesquisa foi dividida em fases consecutivas. Embora a divisão em fases proponha um certo percurso cronológico de realização da pesquisa, esse percurso não foi imutável e a divisão não pretendeu ser absolutamente rígida ou exclusiva. Certos momentos das fases se sobrepuseram, e, a depender das necessidades da pesquisa, o retorno a uma ou outra fase também foi importante. Ao fim, a pesquisa sofreu uma grande reformulação de seus objetivos e métodos, o que também será exposto nessa seção.

A **primeira fase** consistiu na seleção e leitura de literatura teórica sobre *frames* cognitivos (em especial os trabalhos de Fillmore (1976, 1982, 1992, 2006), Ziem (2014) e Duque (2015, 2017)), sobre categorização (em especial Rosch (1978), Lakoff (1987, 1996, 2004) e Lakoff e Johnson (1990)) e sobre ideologia (concentrados em Van Dijk (2013, 2014, 2018, 2022) e Lakoff (1996, 2008), no que tange aos fundamentos teóricos da LC. Também, seleção e leitura de literatura teórica sobre *fake News*, nos campos da ciência política, ciência computacional, e análise do discurso. A fase, portanto, é de revisão bibliográfica.

A **segunda fase** se concentrou na coleta dos dados. Nesse momento, houve a aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão das *fake News*. Esta etapa incluiu a leitura das verificações realizadas pelos *sites* e na organização das *fake News* em ordem numérica em arquivo digital, o que contribuiu para a sua classificação e análise global.

A **terceira fase** tratou-se da análise dos dados. Fez-se, nesta fase, a análise qualitativa, através da descrição e crítica do funcionamento de mecanismos linguísticos que viabilizaram a estruturação ideológica do material. A análise articulou os conhecimentos teóricos revisados na primeira fase, concretizando o objetivo do trabalho de demonstrar a aplicabilidade da Semântica de *Frames* na análise crítica de *fake News* em seu aspecto ideológico. Foram apresentadas, neste trabalho, 6 análises representativas do trabalho realizado sobre o *corpus*, na seguinte distribuição: 2 análises do *frame* CRIME, 2 do *frame* LULA e 2 do *frame* BOLSONARO, nessa ordem.

Na divisão das fases, não há uma específica voltada à produção da dissertação, produto definitivo da pesquisa. Isso se explica pelo fato de que a dissertação não teve um momento delimitado de produção. Ela ocorreu ao longo das três fases de pesquisa e englobou todos os momentos do trabalho. Desse modo, as fases se sobrepuseram em alguns momentos, conforme o andamento da produção da dissertação e das considerações que naturalmente foram surgindo ao longo do percurso de pesquisa.

A dissertação não analisará mais do que os 3 *frames* selecionados, mas tratá considerações gerais sobre os *frames* observados recorrentemente ao longo do *corpus*, na forma de um quadro que une cada *frame* à sua distribuição nos períodos definidos.

### **3.4 Instrumentos de pesquisa**

A realização da pesquisa, para garantir sua completude no que tange às fases dispostas acima, fez uso de uma série de instrumentos que possibilitaram sua efetividade.

Os instrumentos aqui mencionados, cabe dizer, são em maior parte de natureza digital, uma vez que a pesquisa fez uso de material coletado via internet e considerando que a coleta de dados e a produção da dissertação foram realizadas via computador.

Para a pesquisa bibliográfica, fez-se uso extenso da biblioteca digital do site de pesquisas Google, denominada Google Acadêmico<sup>63</sup>. A plataforma consiste num aparato de pesquisa de produções científicas e acadêmicas, como artigos, ensaios, resenhas e livros, todos disponíveis digitalmente. Na plataforma, foi possível ter livre acesso a material bibliográfico sobre *frames*, categorização, ideologia e *fake News*, facilitando imensamente a pesquisa. Para além do Google Acadêmico, livros físicos também foram utilizados na pesquisa, especialmente no que se refere à bibliografia da LC, bem como visitas à Biblioteca Central da UFG. Para a tomada de notas e fichamentos, foram utilizados cadernos físicos e instrumentos digitais, como o Bloco de Notas padrão do sistema operacional *Windows*, a plataforma de produção de documentos *Google Docs*, e, especialmente, o aplicativo *Notion*, voltado justamente para a organização de anotações e planejamentos acadêmicos e profissionais.<sup>64</sup>

Para a coleta de dados, fez-se uso dos portais jornalísticos digitais mencionados anteriormente e aqui retomados: *Agência Lupa*, *Aos Fatos*, e *Portal Confere*. Os websites oferecem uma disposição organizada cronologicamente das verificações e apresentam os textos integrais das *fake News*, que puderam então ser extraídos por meio da ferramenta *print screen* (captura de tela), do sistema *Windows*, para a apresentação nesta dissertação. Os *links* das postagens de verificação foram copiados e posicionados em ordem numérica em arquivo de *Google Docs*, divididos com relação ao *site* de obtenção e aos períodos demarcados na seção 3.2. Esse procedimento otimizou a composição do *corpus*.

Para a análise dos dados, foi gerado outro arquivo de *Google Docs*, em que foram transcritos trechos de todas as *fake News* coletadas, o que proporcionou uma visualização integral dos *frames* evocados. A partir da transcrição, fez-se uso dos mecanismos metodológicos de análise de *frames* propostos por Fillmore e Atkins (1992) e Ziem (2014), construindo a análise em arquivos de Bloco de Notas padrão do *Windows* e de arquivos do *website Notion*.

Ainda, para a análise, foi utilizado o Mini-Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, entendido como um dos mais tradicionais e convencionalizados trabalhos

---

<sup>63</sup> Acesso em: <https://scholar.google.com/>

<sup>64</sup> Acesso em: <https://www.notion.so/pt-br>

lexicográficos da língua portuguesa. Sua escolha, portanto, é representativa de nossa pretensão de expor, quando necessário, os significados convencionais dos itens linguísticos, utilizando um material robusto, importante e pertinente para o repositório linguístico de nossa língua. Além do dicionário físico Houaiss, utilizamos o dicionário online *Dicio Online* como material adicional, escolha motivada por contraste ao dicionário Houaiss: se o dicionário físico apresenta uma construção sólida, técnica, científica, o dicionário online *Dicio Online* (como muitos dicionários de internet) oferece uma visão mais também técnica e científica, com a vantagem de acesso imediato.

Pela própria forma de atualização de páginas de internet, os verbetes encontrados no *Dicio Online* podem ser editados ou modificados pelos proprietários de forma imediata, não requerendo uma republicação integral do dicionário. Esse caráter de possibilidade imediata de atualização nos motivou a colocá-lo como segundo material lexicográfico, auxiliar ao dicionário Houaiss. Ainda, o *Dicio Online* foi escolhido por ser o dicionário *online* imediatamente oferecido ao usuário que pesquise pela expressão “dicionário *online*” nas ferramentas de pesquisa de internet. Assim, o caráter acadêmico, técnico e científico do Mini-Dicionário Houaiss foi unido ao caráter prático do *Dicio Online*. Essa justaposição, entendemos, é bastante produtiva para a observação de como os significados da língua se encontram.

Quanto à dissertação, sua produção se deu pela plataforma *Google Docs*, em arquivo criado especialmente para isso e constantemente modificado ao longo do cronograma de pesquisa em interação com o orientador. O arquivo foi, também, constantemente salvo de maneira *offline*, para garantir a segurança da produção e para a observação do progresso de elaboração do trabalho.

### **3.5 Procedimentos e critérios de análise dos dados**

Quanto aos procedimentos e critérios de análise dos dados, o trabalho segue especialmente as reflexões de Ziem (2014) sobre o procedimento de caracterização dos *slots* e *fillers* de um *frame*. Esse procedimento parte do processo de generalização hiperonímica para obtenção dos questionamentos que permitem a delimitação dos *slots* dos *frames* e dos valores *default* e *fillers*, conforme posto no capítulo 1. O procedimento é realizado sobre os termos e expressões materializados linguisticamente nas *fake News* após a ativação de um dos três *frames* acima mencionados. Essa ativação se dá ou pela evocação

direta a partir de um elemento linguístico, ou a partir de um processo de inferenciação discursiva, fundamental para a efetividade e conexão entre as *fake News*.

A partir, portanto, da evocação de um *frame* como CRIME, a análise procedeu pela distribuição dos demais *frames* do texto aos *slots* de CRIME. Esses *slots*, por sua vez, foram obtidos pela generalização hiperonímica mencionada. No exemplo de CRIME, há a generalização ao hiperônimo AÇÃO, que, conforme Ziem (2014), é configurado por perguntas emergentes da experiência que correspondem aos *slots* do *frame*. Os *fillers* que entram nos *slots* são obtidos pelo texto ou inferencialmente, como dito acima, a partir do conhecimento sociocultural dos interlocutores e do contexto discursivo. Esse conhecimento cultural é obtido majoritariamente pelas especificações dicionarizadas dos termos encontrados nas *fake News*. Assim, uma expressão como “fraude eleitoral” evoca o *frame* FRAUDE ELEITORAL, encadeando ROMPIMENTO DE LEI, que entra no *slot* “Qual a natureza da ação?”. Os *frames* foram apresentados na forma de quadros, reunindo os *slots* e os *fillers*, progressivamente.

Para a apresentação dos resultados, fizemos uso dos estudos da LC mencionados e dos estudos sobre o fenômeno da ideologia. Acompanhamos, assim, a descrição linguística da exposição crítica das *fake News*, propondo, ao final de cada análise, dois quadros: um quadro da representação cognitiva dos *frames* e um quadro que sintetiza os efeitos ideológicos de cada *fake News*, montado seguindo as perguntas abaixo:

1. O que faz a fake News?
2. Quem (re)produz a fake News?
3. A quem a fake News visa atingir?
4. A que grupos a fake News serve?
5. De quem a fake News fala?
6. Quais consequências da fake News ao grupo NÓS?
7. Quais consequências da fake News ao grupo ELES?

As perguntas partem de considerações interpretativas gerais sobre as *fake News*, tomadas como um texto que fala sobre algo e assume uma postura sobre o que fala. Cada *fake News* constrói uma determinada imagem sobre o mundo, a partir da qual suas ideologias são organizadas e manifestas, daí a necessidade de desconstrução após a descrição dos *frames*. Isso parte de uma consideração metodológica acerca da responsabilidade do pesquisador ao tratar seu objeto científico, na medida em que, como falamos anteriormente, a pesquisa envolve necessariamente uma tomada de postura. A

descrição pura e técnica das *fake News*, sob essa visão, ganha valor real na medida em que oferece ao leitor a relação direta entre o resultado dessa descrição e o mundo social em que se encontra.

Enfim, a análise dos dados considerou os seguintes critérios para os procedimentos acima expostos:

- 1) Ativação direta ou inferencial dos *frames* selecionados.
- 2) Evocação dos demais *frames* do texto a partir dos termos linguísticos.
- 3) Adequação dos demais *frames* do texto aos *slots* dos *frames* selecionados.
- 4) Preenchimento dos *slots* com base nos *frames* adequados.
- 5) Preenchimento de *slots* não preenchidos pelos termos do texto a partir do conhecimento sociocultural convencional.
- 6) Desconstrução da *fake News* e associação com as ideologias.

Tais critérios, aliados ao procedimento de generalização hiperonímica, proporcionaram uma análise linguística e cognitiva devidamente operacionalizada e adequada ao material teórico. Posta a metodologia, passaremos agora às análises de fato, mostrando ao leitor a aplicação dos métodos e procedimentos acima mencionados, e reunindo e discutindo criticamente os resultados encontrados.

## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, analisamos e discutimos os dados encontrados, com base na Semântica de *Frames* e os estudos de ideologia de Van Dijk (2013, 2014, 2018, 2022) e Lakoff (1996, 2009). As análises condensam o conjunto teórico levantado para este trabalho, e representam, na medida em que são um trabalho extenso de descrição e crítica, o trabalho realizado ao longo de todo corpus.

Na próxima seção, apresentaremos uma visão geral dos *frames* encontrados nas *fake News*, listando-os num quadro que relaciona cada *frame* com a quantidade de vezes em que aparecem no *corpus*. Essa listagem será acompanhada de um breve apanhado geral sobre os dados, proporcionando uma visão dos *frames* comumente evocados. Após isso, partimos para a análise dos três *frames* selecionados: os *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO. Analisamos profundamente 6 *fake News*, sendo 2 de cada *frame*, com a intenção de mostrar como esses *frames* são construídos e como eles, por sua vez, constroem suas significações ideológicas nos *fake News*. Em seguida, seguiremos com uma discussão crítica dos resultados gerais encontrados nas 6 análises, sintetizando-os e oferecendo ao leitor o que pudemos observar pelo trabalho descritivo realizado.

#### 4.1 Observações gerais do *corpus*

Abaixo, dispomos um quadro de distribuição geral dos *frames* encontrados no *corpus*, em ordem decrescente de recorrência geral. A contagem de cada *frame* se deu pela presença ou não em cada *fake News*, bastando ser evocado lexicalmente uma vez para que tivesse sido contado. Segue:

**Quadro 2: *frames* evocados pelos termos encontrados**

<b><i>Frames</i> encontrados nos dados coletados, dentro do tema maior POLÍTICA</b>	<b>Frequência: abril a julho de 2022</b>	<b>Frequência: agosto a novembro de 2022</b>	<b>Frequência: dezembro de 2022 a março de 2023</b>	<b>Total:</b>
LULA	13	20	14	47
JAIR BOLSONARO	18	15	5	38
CRIME	11	13	14	38
ELEIÇÃO	9	18	3	30

NAÇÃO	3	9	9	21
JORNALISMO	6	11	3	20
SISTEMA JURÍDICO	4	6	10	20
SISTEMA GOVERNAMENTAL	8	5	7	20
PRESIDENTE	8	6	3	17
CRISTIANISMO	2	7	4	13
DOMINAÇÃO POLÍTICA	2	5	5	12
VIOLÊNCIA	-	5	6	11
ESQUERDA POLÍTICA	8	-	2	10
SISTEMA POLICIAL	1	7	1	9
FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS	1	1	7	9
PARTIDO DOS TRABALHADORES	2	4	1	7
MENTIRA	1	3	3	7
COMUNISMO	4	1	2	7
PETISMO	2	4	-	6
GÊNERO	1	3	2	6
EMPRESARIADO	-	5	-	5
MAU CARATISMO	-	4	1	5
BOLSONARISMO	-	3	1	4
LGBTQIA+	1	1	2	4
MUNDO	2	-	2	4
DROGAS	-	2	1	3
MST	1	2		3
SISTEMA DEMOCRÁTICO	1	1	1	3
CULPA	3	-	-	3

FAKE NEWS	3	-	-	3
LEI ROUANET	2	-	1	3
AGRONEGÓCIO	-	2	-	2
CIDADÃO DE BEM	-	2	-	2
GUERRA	-	1	1	2
PROFISSÃO	2	-	-	2
ABORTO	-	1	-	1
SINDICALISMO	-	1	-	1
CANDOMBLÉ	1	-	-	1
CHILIQUE	1	-	-	1
CHOQUE	1	-	-	1
ECONOMIA	1	-	-	1
EMOÇÃO NEGATIVA INTENSA	-	-	1	1
ESTUPRO	1	-	-	1
GOVERNO DOS EUA	1	-	-	1
IMPOSTOS	1	-	-	1
MAMATA	1	-	-	1
PANDEMIA DE COVID-19	-	-	1	1
QUESTIONAMENTO	1	-	-	1
REDE GLOBO	1	-	-	1

**Fonte: elaborado pelo autor**

Nesta seção, passaremos muito brevemente sobre frames recorrentemente encontrados nas fake News, ao longo do *corpus* coletado. Os três frames mais recorrentes, como já dito e repassado anteriormente, são os frames CRIME, LULA e BOLSONARO, o que motivou sua escolha para análise. Entretanto, entendemos como útil apresentar outros *frames* encontrados, para oferecer uma imagem geral das escolhas realizadas pelas *fake News* na construção de seus textos.

Encontramos *frames* relacionados a aspectos institucionais da sociedade brasileira de maneiras distintas ao longo dos períodos, como vemos nos frames JORNALISMO (evocado por termos como “imprensa”, “mídia”, “jornalistas”), SISTEMA POLICIAL (“polícia”, “policiais”), SISTEMA JURÍDICO (“STF”, “Ministro da Justiça”, “julgamento”, “prisão”) e, de modo destacado no comparativo de cada período, FORÇAS ARMADAS (“Exército”, “militares”, “general”), que é evocado com recorrência após a eleição de Lula (veremos o porquê disso nas análises ilustrativas).

Além de *frames* relacionados diretamente ao contexto das eleições e a instituições consolidadas na sociedade brasileira, *frames* socioculturais (Duque, 2015), ou seja, organizados mediante as convicções, valores e ideologias historicamente definidas, estão também bastante presentes nas fake News, como: COMUNISMO, NAÇÃO, ESQUERDA POLÍTICA, PETISMO, BOLSONARISMO, MAU CARATISMO, CRISTIANISMO, GÊNERO, MENTIRA. Tais *frames*, servem, como veremos, principalmente à qualificação e incrustação ideológica de outros elementos, como os mencionados candidatos Lula e Jair Bolsonaro. A mescla de *frames*, portanto, numa junção que estabelece uma configuração complexa de entidades cognitivas e discursivas, se mostrará uma das ferramentas de organização ideológica.

Isso dito, interessa observarmos a diferença das frequências de certos *frames* ao longo do período delineado, indicando uma certa inclinação social geral direcionada a aspectos do contexto político. Essa diferença é especialmente observada nos frames construídos em torno dos sujeitos protagonistas da corrida eleitoral de 2022: os então candidatos Lula e Jair Bolsonaro. O frame LULA sofreu um salto na frequência de evocação do primeiro período ao segundo período — que corresponde ao período das eleições de fato, enquanto o *frame* JAIR BOLSONARO sofreu uma queda de frequência de evocação nesse mesmo intervalo temporal. Isso indica uma maior perspectivização das *fake News* com relação a representações construídas sobre o candidato Lula, colocando-o em destaque em relação a Jair Bolsonaro no que diz respeito às mentiras construídas no período. Veremos, na seção 4.3, como esses *frames* são configurados ideologicamente, a partir da forma como são construídos, e como a frequência de evocação indica a recorrência dessas configurações, solidificando as estruturas ideológicas.

#### **4.2 Análise dos *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO nas *fake News***

Nesta seção, partindo dos pressupostos teóricos adotados e dos objetivos, analisamos a construção de três *frames* específicos, que foram os *frames* encontrados em maior número no *corpus*. As análises se pretendem como representativas dos resultados encontrados ao longo do *corpus* de 135 *fake News*, mostrando ao leitor nossos procedimentos de descrição e crítica.

#### 4.2.1 *Frame* CRIME

O primeiro *frame* a ser analisado é o *frame* que chamamos CRIME, com base no item lexical mais comumente utilizado para sua ativação (o substantivo “crime”). Num primeiro momento, observamos que o *frame* CRIME aparece em 38 *fake News* distintas do *corpus*. Desse total, 11 ativações ocorreram no período de abril a julho de 2022; 13 ocorreram de agosto a novembro de 2022; e 14 ocorreram de dezembro de 2022 a março de 2023. Isso já nos permite alcançar certas conclusões a respeito da pertinência do *frame* nos contextos de produção das *fake News* ao longo do período eleitoral presidencial de 2022: a quantidade significativa de ativações representa a recorrência, na cognição e na língua, da categoria correspondente ao *frame*, e dá indícios sobre as atitudes que as *fake News* tomaram com relação ao tratamento dos assuntos de que falam. Pode-se dizer que o *frame* CRIME é um conceito de alta preferência para a caracterização das ações e das pessoas envolvidas nos assuntos tratados. Pelo enquadramento da situação por CRIME, conotações negativas já são acionadas e já se espera uma tomada de posição por parte do interlocutor, qual seja: condenar o CRIME e o CRIMINOSO.

Observada brevemente a recorrência do *frame* no *corpus*, passamos para a descrição e análise do *frame* propriamente dito e como ele se constrói. Com base em Ziem (2014), inspirado em Konending (1993), conseguimos operacionalizar a construção do *frame* de modo mais técnico e consistente, atribuímos a CRIME o hiperônimo AÇÃO, a partir da listagem de hiperônimos proposta por Ziem (2014). Para que possamos chegar aos *slots* do *frame* tendo como base esse hiperônimo, cujo preenchimento concretizará as representações significativas do *frame*, adaptamos as perguntas apresentadas em 1.2.2.2 e chegamos aos seguintes *slots*:

- Em que consiste essa ação?
- Quem provoca a ação?
- A ação é transitiva (exercida sobre algo)?
- (*slot* dependente do anterior) Sobre quem a ação é exercida?

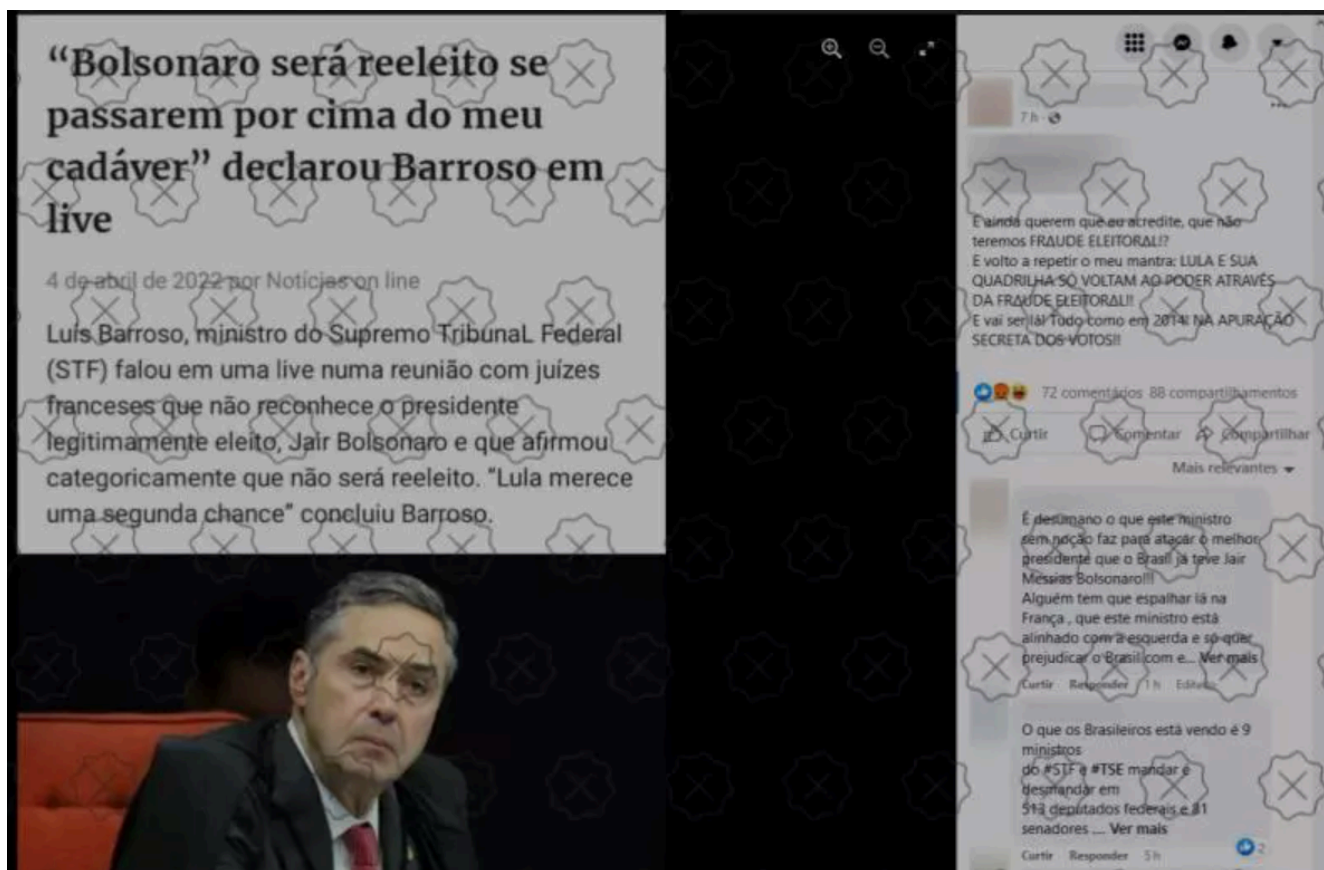
- A quem a ação beneficia?
- A quem a ação prejudica?
- Qual a duração da ação?
- Em que contexto a ação normalmente ocorre?
- Qual a natureza da ação (física, psicológica, comunicativa)?
- Quais as partes constitutivas da ação (início, meio e fim)?
- Quais motivos estão por trás da ação?
- Quais os meios da ação?
- Quais as consequências da ação para quem a comete?
- Quais as consequências da ação para quem a sofre?

Para responder a essas perguntas e chegar a uma configuração do *frame* CRIME, conforme aparece atualmente na sociedade brasileira, é preciso partir da materialidade da língua.

#### 4.2.1.1 *Fake News* n° 17

A primeira *fake News* a ser aqui apresentada e que instancia o *frame* geral CRIME é a *fake News* de número 17, cujo texto é apresentado no seguinte print, retirado do *site* Aos Fatos:

Figura 10: *fake News* nº17



Fonte:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/barroso-nao-disse-bolsonaro-so-sera-reeleito-por-cima-do-seu-cadaver/>> . Acesso: 15/11/2024

A falsidade da *fake News* recai no fato de que o ministro do STF Luís Roberto Barroso nunca proferiu as falas a ele atribuídas, transcritas na imagem. É, portanto, uma inverdade construída pelo autor da *fake News* com o objetivo de desacreditar a imagem do sujeito ao qual a fala é atribuída, uma vez que a fala aciona determinados *frames* por meio das representações e inferências que constrói. A *fake News* ativa o *frame* CRIME, por meio do texto-comentário posto ao lado da *fake News*, que consideramos, aqui, parte fundamental do objeto discursivo e linguístico. A união deste texto à imagem publicada é a construção principal das representações significativas da *fake News*.

Começaremos pelo texto-comentário, uma vez que o *frame* é evocado diretamente nele, pelo sujeito que publica a postagem. É, ainda, um texto que configura o caráter ilegal de certas *fake News*, na medida em que atribui ao ministro Barroso uma falsa imputação de crime de fraude eleitoral. O texto-comentário é o seguinte:

- (1) “E ainda querem que eu acredite, que não teremos **FRAUDE ELEITORAL!**?” (grifo nosso).  
(2) “**LULA E SUA QUADRILHA SÓ VOLTAM AO PODER ATRAVÉS DE FRAUDE ELEITORAL!**” (grifo nosso).  
(3) “E vai ser lá! Tudo como em **2014! NA APURAÇÃO SECRETA DOS VOTOS!**” (grifo nosso).

Para que possamos oferecer uma visualização da configuração do *frame*, partimos dos trechos em negrito, situados em contexto. Essa configuração, realizada dinamicamente no discurso, é preenchida por meio das respostas oferecidas às perguntas situadas acima, parafraseadas de Ziem (2014); ressalta-se, entretanto, que uma ativação específica de um *frame* não necessariamente responde a todas as perguntas, e, portanto, não necessariamente tem todos seus *slots* preenchidos. Aos *slots* não preenchidos, reforçamos que receberão valores gerais socioculturalmente motivados, por meio de inferências e conhecimentos dos sujeitos envolvidos na interação.

A expressão “FRAUDE ELEITORAL”, em maiúsculas, cria o efeito de ênfase e destaque. Essa expressão remete ao *frame* FRAUDE ELEITORAL, construção conceitual que diz respeito a uma ação específica efetuada por sujeitos e que, por meio de generalização hiperonímica e generalização, chega-se ao *frame* CRIME: assim, FRAUDE ELEITORAL é uma instância de CRIME, que é mais geral e menos situado. Interessante observar que a *fake news* ativa o *frame* CRIME ao mesmo tempo que comete crime ao atribuir a um ministro do Supremo a autoria de uma frase que ele não enunciou.

A relação de instanciação por meio do *frame* FRAUDE ELEITORAL é o que configura a realização do *frame* CRIME por meio dos elementos linguísticos colocados no texto. A partir disso, podemos começar a responder à primeira pergunta:

- No que consiste essa ação: FRAUDE ELEITORAL.

O uso de uma expressão como “FRAUDE ELEITORAL” atrai a atenção do interlocutor por meio da acusação de um crime previsto no Código Penal Brasileiro. Essa função de destaque remete à estrutura jornalística convencional de **manchete**, o que aproxima a *fake News* de uma notícia jornalística prototípica. Por se tratar de uma **notícia falsa**, entretanto, há aqui a emulação propositada de técnicas jornalísticas, tal como observado em Lazer et al (2018), com o intuito de validar a *fake News* e aproximá-la do discurso concebido como aquele que relata fatos e, por conseguinte, a verdade.

No que tange ao *frame*, os demais elementos de destaque correspondentes aos sujeitos responsáveis pela ação, aos motivos da ação e aos meios da ação são respondidos já no próximo trecho:

- Quem provoca a ação: LULA e QUADRILHA DE LULA;
- Quais os motivos da ação: VOLTA AO PODER;
- Quais os meios da ação: FRAUDE ELEITORAL;

Dessa forma, LULA é caracterizado por meio de uma generalização hiperonímica à PESSOA, que, por sua vez, volta a se especificar por meio do texto que situa a pessoa Lula como autor da ação CRIME: a relação entre os *frames* é, portanto, complexa, recursiva e constante. FRAUDE ELEITORAL, ao mesmo tempo em que instancia o *frame* geral CRIME, aparece como *filler* do meio pelo qual a ação é realizada: isso se dá pela estrutura relacional não-unívoca dos *frames*, conforme apontada por Fillmore (1976), Barsalou (1993) e Ziem (2014).

Em (2) podemos chegar a outro *filler* do *frame*, que responde ao *slot* da pergunta ‘a quem a ação beneficia?’ Dado o caráter específico de FRAUDE ELEITORAL como uma ação realizada com o intuito de VOLTAR AO PODER, os elementos beneficiados já são imediatamente evocados: LULA e QUADRILHA DE LULA, portanto, os supostos responsáveis pela ação. Sendo VOLTAR AO PODER um *frame* de evento que remete a um resultado positivo à pessoa que passa pelo evento (no caso, Lula), os responsáveis são ao mesmo tempo beneficiários.

Agora, considerando o dado (3), respondemos a outras duas perguntas, chegando a outros dois *fillers*: as perguntas ‘onde ocorre a ação?’ e ‘em que contexto ocorre a ação?’. Nesse caso, entretanto, há uma junção dos dois *slots* num só, por meio da construção metafórica TEMPO (=2014) É LUGAR (=LÁ) ou SITUAÇÃO [OCORRIDA NO TEMPO] É LUGAR. Essa metáfora organiza o contexto da ação através dos elementos linguísticos “lá” e “na”, indicativos de lugar. Tais elementos linguísticos, porém, referenciam não o lugar em si, mas o evento que nele ocorre. Nesse caso, APURAÇÃO SECRETA DE VOTOS é metaforicamente entendida como indicativos de situação ou contexto, de modo que:

- Qual o contexto/onde ocorre a ação: NA APURAÇÃO SECRETA DOS VOTOS.

Até então, a falsa notícia, efetuando um crime ao atribuir a ação de fraude eleitoral a Lula e à “quadrilha de Lula”, estabelece um eixo ideológico demarcado e posicionado: o texto visa ser compreendido e compartilhado pelos opositores de Lula, e, também, ‘converter’ novos leitores ao grupo ideológico opositor.

Essa demarcação explicita a estratégia NÓS X ELES, apontada por Van Dijk (2013, 2018, 2022). Por meio do texto-comentário, assim, é estabelecida a postura ideológica da pessoa que produz a postagem. Um leitor crítico, ao se atentar para expressões tais como “quadrilha de Lula”, dentre outras expressões que remetem à criminalidade, pode desconfiar que o texto apresenta um viés ideológico demarcado e que, por isso, deve verificar melhor o texto antes de repostá-lo. Até agora, *frame* CRIME possui a seguinte organização, posta em tópicos que, ao final, serão unidos em uma tabela:

- No que consiste a ação: FRAUDE ELEITORAL.
- Quem provoca a ação: LULA e QUADRILHA DE LULA.
- A quem a ação beneficia: LULA e QUADRILHA DE LULA.
- Onde/em que contexto ocorre a ação: NA APURAÇÃO SECRETA DE VOTOS.
- Quais os motivos da ação: VOLTA AO PODER.
- Quais os meios da ação: FRAUDE ELEITORAL.

Analisados os trechos do texto-comentário, passamos agora aos trechos do texto da imagem à esquerda, que constituem a falsidade da *fake News* e servem como elemento fundamentador do texto-comentário. É, por isso mesmo, o pilar central da acusação de crime efetuada pelo autor da publicação, de modo que os textos atuam em conjunto: o autor acusa a existência de um crime, e a imagem busca comprovar esse crime por meio de uma afirmação falsa e enganosa colocada entre aspas e atribuída a um Ministro do STF. Os trechos do texto-imagem são os seguintes:

(4) “ “Bolsonaro será reeleito **se passarem por cima do meu cadáver**”, declarou Barroso em live” (grifo nosso)

(5) “Luís Barroso, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) (sic) falou em uma live numa reunião com juízes franceses que **não reconhece o presidente legitimamente eleito, Jair Bolsonaro, e que afirmou categoricamente que não será reeleito.**” (grifo nosso)

(6) “ “**Lula merece uma segunda chance**” (sic) concluiu Barroso. (grifo nosso)

Em (4), o enunciado “se passarem por cima do meu cadáver”, colocado entre aspas no texto para demarcar discurso direto, é constituído a partir de uma oração condicional que dialoga diretamente com o texto-comentário na medida em que preenche alguns dos *slots* do *frame* CRIME, acima especificado: os *slots* correspondentes às questões “a quem a ação prejudica?” e “sobre quem a ação é exercida?”. Isso pode ser inferido através do item lexical “reeleito”, que, por sua vez, evoca o *frame* ELEIÇÕES, que compõe parte do *frame* FRAUDE ELEITORAL.

Portanto, o trecho implica que, mesmo após a suposta vitória de Jair Bolsonaro, sua reeleição seria prejudicada por atores entre os quais se encontra o Ministro Luís Barroso do STF. Isso se dá conforme expresso no trecho seguinte, “diz Barroso em live” — de maneira que “Barroso” é *filler* que preenche o *slot* “Quem provoca a ação”. Não apenas LULA e QUADRILHA DE LULA, mas também MINISTRO BARROSO está envolvido na construção esquemática do *frame* CRIME, conforme construído falaciosamente no discurso da *fake News*.

Mas como exatamente a cláusula condicional apresenta tom veemente atribuído ao agente da ação? Isso se dá por meio da solidez cultural e histórica da expressão “por cima do meu cadáver”, expressão idiomática hiperbólica que sinaliza uma completa inviabilidade da parte condicionada, por meio da associação que a expressão faz com a ideia de morte (Duarte; Monnerat, 2017): o que Barroso supostamente diz é que Bolsonaro nunca será reeleito. Se Bolsonaro nunca será reeleito, isso implica, no contexto do sistema eleitoral brasileiro, que o processo eleitoral será interrompido deliberadamente. Isso necessariamente leva ao suposto fato criminoso, porque não é esperado que um ministro do Supremo Tribunal Federal opine sobre eleições do executivo, muito menos fazendo uso de expressão idiomática hiperbólica indicativa de inviabilidade.

A contestação de instituições jurídicas sólidas e democráticas, como o STF, é outro aspecto que observa-se frequentemente no âmbito das *fake News* (cf. cap. 2). Essa contestação é realizada nesta *fake News* pela associação entre um integrante do STF e Lula, retratado como criminoso. Tais associações podem levar o interlocutor a questionar o sistema democrático, e, por vezes, negá-lo. Tal associação, efetivada pela falsa fala atribuída a Barroso, continua no percurso discursivo de reforço ideológico da *fake News*: enfraquecem-se grupos opositores pela suposta demonstração de associação criminosa, e os *frames* até agora construídos são os elementos responsáveis pelo enfraquecimento.

O *filler* BARROSO é reforçado e especificado em (5), através da reutilização do nome evocativo do sujeito representado e por meio do aposto “ministro do Supremo Tribunal Federal”, que acresce ao *filler* uma nova gama de conhecimentos e significados sociais e culturais. Ao agente BARROSO é acrescentada a carga jurídica, política, moral e as expectativas atribuídas culturalmente aos pertencentes à entidade STF. Espera-se, culturalmente, uma carga de respeitabilidade e responsabilidade correspondentes a ministros da maior entidade jurídica do país, e, principalmente, o cumprimento absoluto da

lei e das normas do processo democrático legal, não posicionamento político público e com tom agressivo e soberbo.

Ainda em (5), há *slots* que dizem respeito à ação e a sua natureza. O filler que preenche o *slot* da ação é o não reconhecimento do presidente Jair Bolsonaro e a sua reeleição. O filler que preenche a natureza da ação é o IMPEDIMENTO DA LEGITIMIDADE ELEITORAL. A utilização de instituições legais reconhecidas e de seus agentes é uma estratégia particularmente eficaz quando aliada à falsidade da *fake News*, que, aparentemente, comprova o referido crime. Segue-se sempre, portanto, a estratégia NÓS x ELES, com um NÓS representado pelo autor da *fake News*, e um ELES cuja principal característica é o crime (fato que justifica o destaque do *frame*).

A seguir, vê-se o preenchimento de outro *slot*, que diz respeito às consequências da ação. O preenchimento se dá por meio da segunda expressão em negrito em (5), que retoma sobre quem a ação é exercida (*slot* anteriormente preenchido) e confirmam as consequências da ação FRAUDE ELEITORAL: a não reeleição do candidato Jair Bolsonaro. Essa consequência é reforçada por meio do advérbio “categoricamente”, que confere modalidade deôntica à asserção que a segue, impedindo contradições e garantindo sua aplicação resoluto. Ao NÓS, alinham-se advérbios como *legitimamente*. Ao ELES, alinham-se advérbios como *categoricamente*. Logo, a afirmação supostamente feita pelo Ministro (representante do *eles*) sugere a prática de crime do judiciário, com o agravante de a afirmação ser *categórica*. Já, quando se trata do *nós* (tendo-se Jair Bolsonaro como representante), sugere-se a ideia de *injustiça*, uma vez que a especificação de Bolsonaro se mostra por meio da expressão *legitimamente eleito*.

Em (6), enfim, há o desenvolvimento de outro *slot* anteriormente apontado: quais os motivos da ação? Por meio do trecho em negrito, há o acréscimo de um componente moral e pessoal ao motivo anteriormente admitido (VOLTA AO PODER): uma suposta merecida segunda chance de Lula. A expressão “segunda chance”, outra expressão idiomática, constrói uma significação que retoma algum fato anterior avaliado como negativo. Portanto, Lula, vítima de derrota eleitoral, merece uma oportunidade renovada de vitória, o que justificaria sua suposta vitória fraudulenta.

Encerramos, aqui, a análise do material linguístico explícito. Porém, como dito no capítulo 1 e reforçado ao longo da dissertação, um *frame* não é preenchido apenas pelo texto explícito: no processo de construção de um *frame*, inferências e valores

socioculturais/conhecimentos gerais entram em jogo para uma maior concretização da ideia ativada, de modo que o interlocutor deixa poucos “espaços em branco” em seu percurso cognitivo interpretativo. As inferências e os conhecimentos gerais preenchem as questões não respondidas. O *frame*, assim, é o seguinte:

**Quadro 3: *Frame* CRIME em *fake News* nº 17**

<i>Slots do frame</i> CRIME	<i>Fillers do frame</i> CRIME em <i>fake News</i> nº17
No que consiste a ação?	FRAUDE ELEITORAL → IMPEDIMENTO DA LEGITIMIDADE ELEITORAL → DESCUMPRIMENTO DE LEI.
Quem provoca a ação?	LULA e QUADRILHA DE LULA e BARROSO → STF.
Sobre quem a ação é exercida?	JAIR BOLSONARO → DIREITA POLÍTICA → CONSERVADORES.
A quem a ação beneficia?	LULA e QUADRILHA DE LULA.
A quem a ação prejudica?	JAIR BOLSONARO → DIREITA POLÍTICA → CONSERVADORES
Onde/em que contexto ocorre a ação?	APURAÇÃO SECRETA DE VOTOS → ELEIÇÕES.
Quais os motivos da ação?	VOLTA AO PODER → SEGUNDA CHANCE → DERROTA ANTERIOR.
Quais os meios da ação?	FRAUDE ELEITORAL → IMPEDIMENTO DA LEGITIMIDADE ELEITORAL → DESCUMPRIMENTO DE LEI.
Qual a natureza da ação?	IMPEDIMENTO DA LEGITIMIDADE ELEITORAL → DESCUMPRIMENTO DE LEI.
Quais os motivos da ação?	VOLTA AO PODER → SEGUNDA CHANCE → DERROTA ANTERIOR → DERROTA EM 2016.
Quais as consequências da ação para quem comete?	VITÓRIA ELEITORAL → VOLTA AO PODER → SEGUNDA CHANCE.
Quais as consequências da ação para quem sofre?	IMPEDIMENTO DA LEGITIMIDADE ELEITORAL → DESCUMPRIMENTO DE LEI.

**Fonte: elaborada pelo autor**

O quadro acima expõe, portanto, a configuração cognitiva dos conceitos relacionados pelo *frame* CRIME na *fake News*. A complexa relação de *frames* aqui exposta, centrada em CRIME, pode ser desativada por meio de outros *frames* ou por meio de reenquadramentos, tais como os propostos por Fillmore (2009). A desconstrução dos *frames* falsos é uma ação necessária e constitui compromisso de todas as instituições democráticas e também do conhecimento científico, tal como o que está sendo aqui produzido. No caso específico desta *fake news*, o reenquadramento de *frames* pode ser realizado por meio de índices dados pelo próprio texto mentiroso, na medida em que o situam como uma *fake News*, servem, também, para sua identificação e enfrentamento da desinformação.

Apresentamos abaixo um quadro de desconstrução interpretativa do *frame*, através da relação entre o texto, a representação cognitiva que ele constrói e reproduz, e o mundo real compreendido através dessa relação. Ou seja, se no quadro anterior mostramos a representação cognitiva do *frame*, aqui propomos uma representação interpretativa, que faz emergir os efeitos ideológicos:

**Quadro 4: desconstrução crítica da *fake News* n° 17**

O que faz a <i>fake News</i> ?	Disseminação de uma informação falsa que atribui ao Ministro do STF Barroso suposta fala contrária à eleição de Jair Bolsonaro.
Quem (re)produz a <i>fake News</i> ?	Membros de grupos ideológicos alinhados à Jair Bolsonaro, e, portanto, à direita política brasileira.
A quem a <i>fake News</i> visa atingir?	Eleitores da eleição presidencial de 2022.
A que grupos a <i>fake News</i> serve?	Campanha presidencial de Jair Bolsonaro e direita política brasileira.
De quem a <i>fake News</i> fala?	Lula, Ministro do STF Luís Barroso, entidade STF, esquerda política brasileira.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo NÓS?	Influência positiva em campanha política, fortalecimento dos valores do próprio grupo ideológico.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo ELES?	Deturpação da imagem de Luís Barroso, intensificação de polarização ideológica, descrédito das instituições judiciárias, influência negativa em campanha política

**Fonte: elaborado pelo autor**

As estratégias gerais de organização ideológica se guiam pela estratégia maior NÓS x ELES, apontada por Van Dijk (2003, 2013, 2018), através da ponte proporcionada pelo *frame* CRIME. O *frame* situa o NÓS ideológico sob os *slots* de quem recebe o impacto da ação, correspondendo, portanto, às vítimas do falso crime, ao passo em que o ELES é colocado no papel ativo de responsável pelo crime. A partir dessa configuração, a *fake News* privilegia explicitar as supostas atitudes criminosas para oferecer ao interlocutor uma imagem clara de uma injustiça que deve ser remediada: há um crime prestes a ocorrer, e NÓS somos as vítimas DELES.

Há, portanto, uma organização gestáltica da *fake News* que, ao colocar sobre o plano principal de foco a própria ação do suposto CRIME, coloca os participantes ao redor desse foco como os componentes que o caracterizam. Com a atenção direcionada à ação, a *fake News* estabelece um campo potencial de influências a serem exercidas sobre os interlocutores, que podem ou não corresponder às expectativas da *fake News*: agir contra os criminosos, dentro e fora das eleições.

Quanto aos participantes envolvidos na *fake News*, há a marcação de Lula, sua campanha política e o STF — na figura de Barroso — como representativos do ELES ideológico; é a junção entre o judiciário brasileiro e uma frente de campanha específica que são colocados como criminosos, através da falsidade elaborada. Há, portanto, uma reverberação importante da *fake News*, que, ao unir Lula e STF, coloca sob ataque instituições judiciárias do Estado Democrático de Direito. O STF, para a *fake News*, não é uma entidade neutra, mas atua ativamente na consolidação dos interesses contrários a NÓS, que consiste, enfim, em Bolsonaro, sua campanha e seus eleitores. A função da *fake News*, assim, é estabelecer todos esses atores nas devidas relações antagônicas que fortalecem a polarização ideológica, e oferecer ao interlocutor o potencial de reformular suas próprias representações ou reforçá-las, caso já seja membro de NÓS.

Essa é a configuração geral dos efeitos ideológicos da *fake News*. Passaremos a seguir para a descrição e análise da segunda *fake News* centrada no *frame* CRIME.

#### 4.2.1.2 *Fake News* n° 60

Analisamos aqui a *fake News* de n° 60, que, como a *fake News* anterior, instancia o *frame* CRIME, porém, em contexto diverso, implicando em uma configuração diferente do *frame*. O texto da *fake News* é apresentado a seguir em forma de print, retirado do website Agência Lupa:

Figura 11: *fake News* n°60



Fonte:

<<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/10/03/ciro-gomes-apoio-a-bolsonaro>>. Acesso:  
10/11/2024

Republicada por meio do aplicativo de rede social WhatsApp, a *fake News* consiste numa imagem que reproduz um tuíte que teria sido feito pelo então candidato presidencial das eleições de 2022, Ciro Gomes, do Partido Democrático Trabalhista (PDT). A falsidade da imagem consiste no fato de que tal tuíte nunca foi publicado pelo candidato. É, portanto, uma montagem que apresenta uma suposta aliança entre o candidato do PDT e o candidato Jair Bolsonaro (PL). A *fake News*, se efetiva, geraria uma proximidade entre as massas eleitorais dos candidatos e uma possível transição de eleitores entre um candidato e outro, dado o contexto de eleições de segundo turno<sup>65</sup>. No que tange à nossa discussão, o *frame*

<sup>65</sup> O segundo turno das eleições presidenciais brasileiras ocorre quando nenhum candidato atinge a marca de > 50% dos votos computados, estendendo-se, assim, o período eleitoral por mais um mês, dessa vez com a participação de somente os dois candidatos mais votados. É muito comum, portanto, que candidatos excluídos do segundo turno prestem apoio formal e explícito a algum candidato de segundo turno, convocando seus eleitores a votar por esse candidato.

CRIME é ativado, no texto, pelos itens lexicais “roubalheira” e “quadrilha”, e é especificado pelo conjunto textual da *fake News* e pelas inferências e conhecimentos gerais movimentados pelos interlocutores na caracterização do conceito. Trabalharemos com o seguinte trecho da *fake News*:

(7) “*Apesar de várias divergências, nesse segundo turno apoiarei o Bolsonaro contra a volta de toda a roubalheira do PT e sua quadrilha.*” (Grifo nosso).

O trecho parte de uma expressão concessiva que instaura uma quebra de expectativa conforme as representações já esperadas e estabelecidas por parte de interlocutores. A expressão alerta o interlocutor, por meio de sua construção concessiva, de que o que será dito deve ser entendido como uma situação excepcional, não sendo, portanto, um fato corrente e corriqueiro. A situação excepcional de fato é esclarecida no trecho seguinte que instaura a atitude do sujeito falante, por meio da ativação do *frame* ELEIÇÕES por meio da expressão “segundo turno”, que contextualiza a suposta atitude de Ciro Gomes. Essa atitude consiste no apoio a um determinado candidato presidencial, cujo *frame* CANDIDATO PRESIDENCIAL é evocado por meio de “apoiarei” e preenchido em seu *slot* caracterizador por JAIR BOLSONARO.

O *frame* CRIME de fato, que aqui buscamos analisar, é evocado somente na sequência seguinte do texto da *fake News*, que expressa o motivo da atitude excepcional tomada por CIRO GOMES: “contra a volta de toda roubalheira do PT e sua quadrilha”. Nesse trecho, é “roubalheira” que atua como item evocador do *frame*, trazendo à mente do sujeito concepções socioculturais convencionalizadas. Desse modo, seguindo o padrão metodológico do trabalho, respondemos à primeira e mais pertinente pergunta que constitui um dos *slots* do *frame*:

- No que consiste a ação: ROUBALHEIRA.

“Roubalheira”, sendo uma expressão informal, traz à mente do sujeito uma especificidade com relação a suas características principais: a morfologia da palavra apresenta dois blocos de significação. Um morfema lexical que remete a *roubo* (*roub-*) e um sufixo que indica quantidade exagerada e repetitiva (*-alh-eira*). A palavra completa, então, significa uma grande quantidade de roubos. Um roubo, através de conhecimento geral do sujeito e registrado, por sua generalidade, em dicionários, pode ser definido como

“delito cometido por quem se apossa indevidamente de coisa móvel pertencente a outrem” (*Dicio Online*), e isso especifica sua natureza. Assim:

- Em que consiste a ação: ROUBALHEIRA → GRANDE CONJUNTO DE ROUBOS → POSSE INDEVIDA → DESCUMPRIMENTO DE LEI.

Imediatamente após, a ação é especificada quanto a seus causadores, através da ligação entre “roubalheira” e “PT e sua quadrilha”, mediada pela preposição “de”, nesse contexto, com sentido de atribuição causativa. Para chegarmos ao próximo *slot*, precisamos partir desses causadores explícitos e de conhecimentos armazenados sobre o mundo.

Na *fake News* n° 17, analisada na subseção 4.2.1.1, LULA e QUADRILHA DE LULA são postos como atuantes na concretização de FRAUDE ELEITORAL, especificando CRIME. Sabemos, ainda, que as *fake News* não existem isoladamente no mundo, independentes umas das outras, assim como sabemos que a pessoa real Lula candidatou-se pelo Partido dos Trabalhadores durante as eleições presidenciais de 2022. Um leitor que busca a compreensão integral do texto faz uso desses conhecimentos para estabelecer uma relação adicional que especifica os agentes acima. Desse modo, por meio do mecanismo cognitivo de metonímia, em que uma entidade cognitiva serve como referência para outra entidade com a qual se relaciona (cf. cap. 1, seção 1.2.1), chegamos ao seguinte:

- Quem provoca a ação: PARTIDO DOS TRABALHADORES e QUADRILHA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES → LULA e QUADRILHA DE LULA.

Aos sujeitos votantes, é igualmente aceitável se referir ao candidato por seu próprio nome ou pelo nome de seu partido, justamente pela concepção metonímica do funcionamento político, em que um sujeito partidário responde como representante do partido como um todo. É a partir dessa cadeia de entendimentos, proporcionada pela estrutura cognitiva organizada em *frames* e pelo fato de que o conhecimento linguístico do sujeito é essencialmente enciclopédico (conforme vimos no cap. 2, e por Langacker (2010), Ziem (2014), Fillmore (1976, 1982, 1991)), que podemos apontar a análise como empiricamente fundada.

Como o texto da *fake News* n. 60 é materialmente menor do que o da *fake News* n. 17, contendo, portanto, menos itens que explicitamente evocam elementos que preenchem os *slots* do *frame* CRIME, a maior parte desses *slots* é preenchida inferencialmente.

Sabemos, por exemplo, a partir de conhecimentos de mundo como escândalos de corrupção e trâmites jurídicos, que os supostos crimes atribuídos aos sujeitos marcados no texto envolvem crimes de esfera pública e política, recaindo, portanto, sobre a população em geral. Seguindo pelo raciocínio da *fake News*, consequências de um crime como roubo envolvem, pela sua própria definição (cf. definição dicionarizada acima) uma desvantagem material da pessoa roubada em favor da pessoa que efetua o roubo. E, enfim, a *fake News* se centra no contexto político, envolvendo elementos materiais como DINHEIRO PÚBLICO, recolhido por IMPOSTOS. Portanto:

- Sobre quem a ação é exercida: POPULAÇÃO.
- A quem a ação beneficia: PARTIDO DOS TRABALHADORES e QUADRILHA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES → LULA e QUADRILHA DE LULA.
- A quem a ação prejudica: POPULAÇÃO.
- Quais as consequências da ação para quem sofre: PERDA DE BENS → PERDA DE DINHEIRO
- Quais as consequências da ação para quem comete: GANHO DE BENS → GANHO DE DINHEIRO.

Destacamos, é claro, que esse desenvolvimento trata do que a própria *fake News* diz, e, portanto, se trata de uma mentira. A atribuição de ações, causadores e vítimas atua na montagem da representação ideológica da *fake News*, e não corresponde à realidade. A descrição acima apenas esmiúça a forma como a *fake News* organiza certos conceitos.

Com relação ao contexto, pela mesma relação com o *frame* ELEIÇÃO e com os conhecimentos socioculturais sobre o funcionamento de um sistema governamental como o brasileiro, chegamos a mais uma configuração *frâmica*:

- Em que contexto a ação normalmente ocorre: MANDATO POLÍTICO

Esse *filler* acrescenta ao interlocutor uma concepção alarmante que se relaciona diretamente com o contexto eleitoral e com o falso tuíte atribuído a Ciro Gomes: para que não haja mais “roubalheira”, o que consistiria falsamente na tomada de dinheiro público indevidamente por parte do PT e de Lula, fato que só pode ocorrer durante um mandato eleitoral de Lula, é preciso que se apoie o candidato oposto, ou seja, Jair Bolsonaro.

Os meios da ação, como o contexto em que ela ocorre, é obtido por meio dos mesmos conhecimentos socioculturais circulantes no meio social. O falso crime em

questão, consistindo no descumprimento de lei por meio da ação específica da posse indevida de bens públicos por sujeitos políticos investidos de mandatos governamentais, se encaixa na definição usual do termo “corrupção”, evocando, portanto, o *frame* CORRUPÇÃO, que serve como *filler*. Nos diz a definição do website *Dicio Online*:

Ação ou efeito de corromper, de adulterar o conteúdo original de algo.  
Ação ou resultado de subornar, de oferecer dinheiro a uma ou várias pessoas, buscando obter algo em benefício próprio ou em nome de uma outra pessoa; suborno.  
Utilização de recursos que, para ter acesso a informações confidenciais, podem ser usados em benefício próprio.  
Alteração das propriedades originais de alguma coisa: corrupção de um livro.  
Ação de decompor ou deteriorar; putrefação: corrupção das frutas.  
Desvirtuamento de hábitos; devassidão de costumes; devassidão.

E, no Houaiss (p. 174):

corrupção

Datação: 1344

86|s.f.|substantivo feminino

1 deterioração, decomposição física de algo; putrefação

Ex.: c. dos alimentos

2 modifica o, adulteração das características originais de algo

Ex.: c. de um texto

3 depravação de hábitos, costumes etc.; devassidão

Deriva o: fig.|sentido figurado

4 ato ou efeito de subornar uma ou mais pessoas em causa própria ou alheia, ger. com oferecimento de dinheiro; suborno

Ex.: usou de c. para aprovar seu projeto

5 uso de meios ilegais para apropriar-se de informações privilegiadas, em benefício próprio

Ex.: grande a c. no país

CORRUPÇÃO, é ao mesmo tempo, a natureza da ação em si e os modos pelos quais ela ocorre, dado que constitui uma ação estratégica de alocação indevida de benefícios:

- Quais os meios da ação: CORRUPÇÃO

- Qual a natureza da ação: CORRUPÇÃO → REPASSE INDEVIDO DE BENS → AÇÃO FÍSICA.

Os motivos da ação, nesse caso, se mesclam diretamente com as consequências da ação para quem sofre, pois a consequência é o objetivo visado pelos agentes aos quais é atribuída a responsabilidade do crime:

- Quais os motivos da ação: GANHO DE BENS → GANHO DE DINHEIRO.

Cabe observar a distinção dos motivos entre o suposto crime inventado por essa *fake News* e a anterior: na *fake News* nº17, como vimos, os motivos envolvem a tomada de poder por um participante e partido políticos, caracterizando, portanto, um objetivo mais abstrato do que o da *fake News* nº60. Entretanto, se entendemos as *fake News* como relacionadas entre si, constituindo um todo discursivo que abrange a totalidade das interações comunicativas ideologicamente alinhadas, o motivo da *fake News* nº 60 pode muito bem ser entendido como a continuidade do motivo da *fake News* nº 17: VOLTA AO PODER → GANHO DE BENS → GANHO DE DINHEIRO. Conquanto essa relação não esteja explicitamente materializada no nível linguístico das *fake News* até aqui estudadas, a LC, por considerar a cognição como social e imersa nos contextos e discursos que circulam na sociedade, podemos afirmar, de fato, que as *fake News* se relacionam nas representações que ativam.

A partir de todas essas considerações, chegamos enfim à estrutura do *frame* CRIME conforme evocada, ativada, organizada e representada pelo material linguístico da *fake News* e pelos processos inferenciais sustentados pelo contexto sociocultural geral em que ela se encontra:

**Quadro 5: *Frame* CRIME em *fake News* nº 60**

<i>Slots do frame</i> CRIME	<i>Fillers do frame</i> CRIME em <i>fake News</i> nº60
Em que consiste a ação?	ROUBALHEIRA → GRANDE CONJUNTO DE ROUBOS → POSSE INDEVIDA → DESCUMPRIMENTO DE LEI.
Quem provoca a ação?	PARTIDO DOS TRABALHADORES e QUADRILHA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES → LULA e QUADRILHA DE LULA → CRIMINOSOS.
Sobre quem a ação é exercida?	POPULAÇÃO.

A quem a ação beneficia?	PARTIDO DOS TRABALHADORES e QUADRILHA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES → LULA e QUADRILHA DE LULA.
A quem a ação prejudica?	POPULAÇÃO.
Onde/em que contexto ocorre a ação?	MANDATO POLÍTICO
Quais os meios da ação?	CORRUPÇÃO
Qual a natureza da ação?	CORRUPÇÃO → REPASSE INDEVIDO DE BENS → AÇÃO FÍSICA.
Quais os motivos da ação?	GANHO DE BENS → GANHO DE DINHEIRO.
Quais as consequências da ação para quem comete?	GANHO DE BENS → GANHO DE DINHEIRO.
Quais as consequências da ação para quem sofre?	PERDA DE BENS → PERDA DE DINHEIRO

**Fonte: elaborada pelo autor**

Posto o quadro frâmico das correspondências entre *slots*, *fillers* e *defaults* relacionados em CRIME nesta *fake News*, colocamos, na esteira da análise em 4.2.1.1, o quadro de conexões ideológicas efetivadas pela *fake News*.

#### **Quadro 6: desconstrução crítica da *fake News* n° 60**

O que faz a <i>fake News</i> ?	Disseminação de uma mensagem falsa atribuída a Ciro Gomes, afirmando que apoiaria Bolsonaro no segundo turno das eleições.
Quem (re)produz a <i>fake News</i> ?	Criadores e disseminadores de fake news, grupos ideológicos da direita política, redes de desinformação interessados em influenciar o voto dos eleitores no segundo turno.
A quem a <i>fake News</i> visa atingir?	Eleitores que votaram em Ciro Gomes e também em eleitores indecisos.
A que grupos a <i>fake News</i> serve?	Campanha eleitoral de Bolsonaro, pois pode levar os eleitores de Ciro a votarem em Bolsonaro.
De quem a <i>fake News</i> fala?	Ciro Gomes e Jair Bolsonaro.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo NÓS?	A ação pode ter ajudado Bolsonaro a conquistar votos. Se descoberta a fake news, seus elaboradores podem perder credibilidade e sofrer sanções legais
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo ELES?	Ciro Gomes teve o seu posicionamento deturpado, polarização política, confusão entre os eleitores;

**Fonte: elaborado pelo autor**

Essa *fake News*, como a anterior, situa os atores políticos envolvidos em uma relação antagônica correspondente à marcação ideológica NÓS x ELES, e, através dos mecanismos linguísticos e cognitivos explicitados, faz emergir efeitos ideológicos profundos.

Aqui, como na *fake News* anterior, o NÓS ideológico segue contendo Bolsonaro, sua campanha e seus eleitores, mas, agora, acolhe um membro importante, através da falsidade que desenvolve: Ciro Gomes, então candidato presidencial que, após exclusão no segundo turno, supostamente decide apoiar Bolsonaro. Esse apoio é justificado, novamente, pela centralidade do *frame* CRIME, com a diferença de que, aqui, o CRIME não é o que a *fake News* narra em si, mas a justificativa do falso apoio de Ciro Gomes. Ou seja, se na primeira *fake News* o CRIME é justamente o que está sendo denunciado, aqui é um elemento contextual, que dá sentido às atitudes das pessoas envolvidas: por conta de crimes passados, certos atores políticos tomam certos lados.

O ELES ideológico segue sem alteração, consistindo em Lula, sua campanha e seu partido, colocados como os responsáveis por uma série generalizada de crimes, e que, portanto, devem ser combatidos. As eleições são sempre vistas como uma arena em que NÓS enfrentamos ELES, um enfrentamento que vai além da política e adentra os campos da lei e da moral, e a *fake News* é o material de reforço e reprodução desse cenário.

A seguir, partiremos para o *frame* LULA, observando suas diferentes formas de configuração.

#### 4.2.2 *Frame* LULA

Seguindo os mesmos métodos de análise articulados na subseção anterior, nesta seção analisamos duas *fake News* que evocam o *frame* pretendido, que, nesse caso, é o *frame* LULA. A escolha por esse *frame*, justificada na introdução e no capítulo metodológico desta dissertação, é aqui retomada: sendo um *frame* mais específico, por se tratar de uma representação sobre um sujeito real, acreditamos poder retirar observações importantes sobre o modo como sujeitos interactantes constroem o mundo e os elementos do mundo em sua cognição. Ainda retomando aspectos já mencionados, traremos aqui *fake News* que tratam a pessoa referenciada pelo *frame* de duas maneiras distintas, uma negativa e outra positiva.

Com relação à frequência do *frame*, fator que justifica sua seleção para análise neste trabalho, observamos a seguinte distribuição: entre o período de abril a julho de

2022, foram verificadas 13 *fake News* que continham o *frame* LULA; de agosto a novembro de 2022, foram verificadas 20 *fake News*; e de dezembro de 2022 a março de 2023, foram verificadas 14 *fake News*, totalizando, em todo o intervalo de delimitação do *corpus*, 47 *fake News* das 135. Operacionalizando o conceito de *frames* para que possamos analisar de forma consistente e coerente a organização cognitiva do conceito, fizemos uso, novamente, dos estudos de Konendirg, segundo elaborados por Ziem (2014), atribuindo a LULA o hiperônimo PESSOA/ACTANTE. De modo que as seguintes perguntas foram elaboradas para que pudéssemos chegar aos *slots* e *fillers* do *frame*:

- Quem é a pessoa?
- Essa pessoa é real ou fictícia?
- Quais as características físicas da pessoa?
- Quais os traços da personalidade da pessoa?
- Quais os traços morais dessa pessoa (moral ou imoral)?
- O que essa pessoa faz?
- Como essa pessoa age?
- Quais as crenças dessa pessoa?
- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa?
- Com quem essa pessoa se relaciona?
- A que grupos sociais essa pessoa pertence?
- O que a pessoa quer?

Acima estão as questões pertinentes à caracterização conceitual prototípica sobre uma determinada entidade de mundo classificada como PESSOA. Ressalta-se, novamente, o caráter não-totalizante dos questionamentos no que diz respeito à correspondência exata entre conceito e pessoa real: o conceito, atualizado num *frame* que se constitui pelas perguntas e pelas respostas às perguntas, é um construto cognitivo que preza pela maximização do conhecimento por meio da seleção de aspectos mais ou menos salientes percebidos pelo falante em sua experiência com o mundo. Desse modo, o *frame* é fundamental para que possamos lançar luz à forma como os sujeitos caracterizam o mundo, sem necessariamente pontuar aspectos objetivos sobre o mundo em si. Essas observações, conquanto ressaltadas várias vezes ao longo deste trabalho, não podem ter sua importância diminuída.

É interessante apontar, ainda, que algumas dessas perguntas apresentam valores *filler* tão consolidados social, cultural ou experiencialmente que não são de fato pertinentes

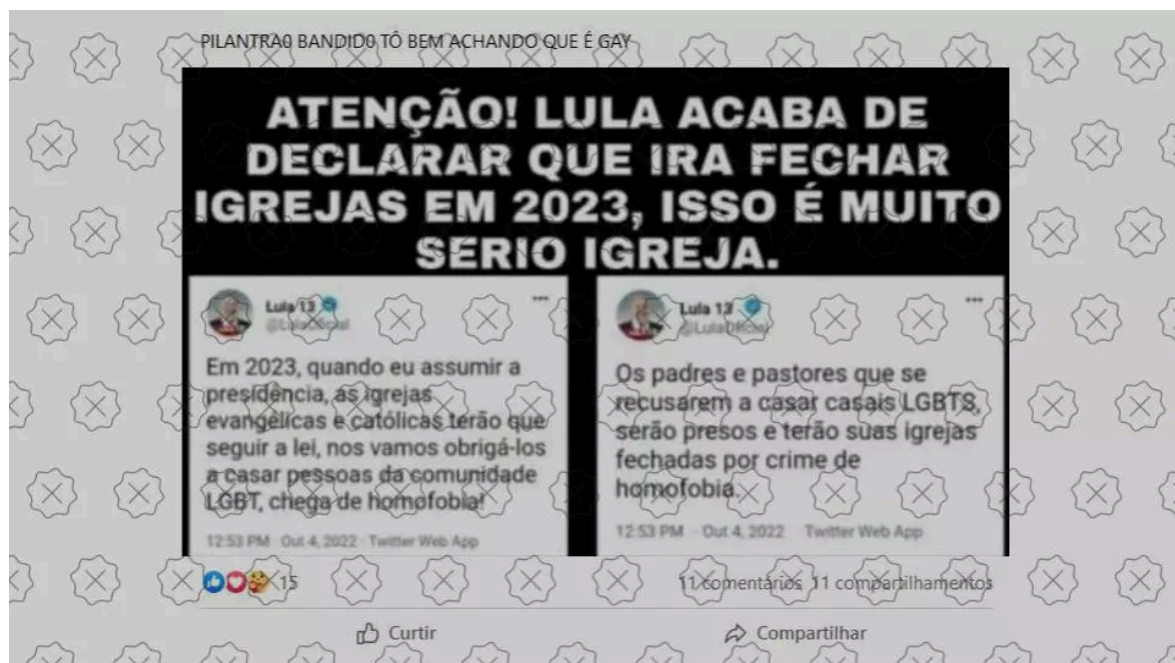
às reflexões sobre os modos de construção conceitual, como as duas primeiras perguntas acima listadas (Qual o nome da pessoa? Essa pessoa é real ou fictícia?). Não obstante, veremos que, em determinados textos tais perguntas podem receber valores distintos, propositalmente ou não, que colaboram para a elaboração específica do conceito segundo as intenções do autor. Com isso, trataremos, como na seção 4.2.1, todas as perguntas, sem ocultar qualquer uma delas, considerando a pertinência de todas na configuração do conceito.

Em seguida, tendo como base o esqueleto proposicional geral sobre o que esperamos de um *frame* como LULA, traremos as análises realizadas de *fake News* selecionadas que iluminem os aspectos mais detalhados desse *frame*.

#### 4.2.2.1 Fake News nº 69

A primeira *fake News* a ser analisada é a de nº 69, apresentada na íntegra a seguir:

**Figura 12: fake News nº 69**



**Fonte:**

<https://www.aosfatos.org/noticias/tuites-atribuidos-a-lula-sobre-fechamento-de-igrejas-sao-falsos/> . Acesso: 11/11/2024

A primeira *fake News* a ser analisada neste item consiste em uma publicação na rede social *Facebook*, e se compõe de um texto escrito pelo autor da postagem e de uma imagem que contém um texto de título e dois tuítes supostamente publicados pela conta

oficial do então candidato Lula, nas eleições de 2022. A postagem foi publicada em 4 de outubro de 2022 e desmentida pelo portal *Aos Fatos* em 7 de outubro de 2022, que, em contato com a assessoria do candidato, comprovou que tais tuítes nunca foram publicados, sendo, portanto, forjados. Para que possamos melhor visualizar e analisar os elementos da *fake News*, reproduzimos os trechos do texto. Inicialmente, o texto do autor da postagem, anteriormente chamado texto-comentário:

(8) “**PILANTRÃO BANDIDO TÔ BEM ACHANDO QUE É GAY**” (Grifo nosso)

Em sequência, o texto-título da imagem da postagem:

(9) “**ATENÇÃO! LULA ACABA DE DECLARAR QUE IRÁ FECHAR IGREJAS EM 2023, ISSO É MUITO SÉRIO IGREJA.**” (Grifo nosso)

E, por fim, trechos dos tuítes falsos:

(10) “**Em 2023, quando eu assumir a presidência, as igrejas evangélicas e católicas terão que seguir a lei, nos vamos obrigá-los a casar pessoas da comunidade LGBT, chega de homofobia!**” (Grifo nosso)

(11) “**Os padres e pastores que se recusarem a casar casais LGTBs, serão presos e terão suas igrejas fechadas por crime de homofobia.**” (Grifo nosso)

Percorremos no cap. 1 o problema da inferência, trabalhado em Ziem (2014), Fillmore (1982), Lakoff (1996), dentre outros, e que, retomando o que dissemos, diz respeito aos conhecimentos articulados pelo **interlocutor** em seu trabalho de processamento e compreensão textual na situação em que se encontra. Desse modo, vemos que (8), por esse processo inferencial, em que o interlocutor tem consciência das condições de produção por trás do texto em que lê — uma vez que, na rede social *Facebook*, os usuários estão imersos em bolhas ideológicas, conforme discorrido extensamente no cap. 2 —, já seria possível a evocação do *frame* LULA.

É através dessa movimentação inferencial que os termos destacados em (8) garantem sua efetividade no papel de preenchimento conceitual do *frame*. O primeiro termo, “PILANTRÃO”, traz consigo uma significação negativa enraizada no conhecimento social comum sobre pessoas de má índole. Segundo o dicionário *Dicio Online*, “pilantra” traz consigo os seguintes significados:

*adjetivo*

- Pessoa pretensiosa cuja maneira de se apresentar ou de se vestir não corresponde às suas possibilidades financeiras.
- Característica de quem é desonesto; mau-caráter.
- Que possui as características acima citadas: aquela pessoa é muito pilantra.

E, segundo o Dicionário Houaiss (p. 463):

Data o: sXX

7|adj.2g.s.2g.|adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

1 diz-se de ou pessoa mal trajada, mas pretensiosa

2 diz-se de ou pessoa de mau caráter; desonesto

90|s.m.|substantivo masculino

3 entre ladrões, vagabundo de baixa categoria, reles

Sinônimos/Variantes

orig.duv.

Esse conhecimento de cunho comum, somado ao sufixo aumentativo “-ÃO”, cuja função é a de intensificar o efeito do significado a que se anexa, gera uma construção em que os significados de pretensão dissimulada, desonestidade e mau-caratismo são superdimensionados . O resultado é uma atribuição metonímica do adjetivo à entidade a que se refere: esta passa a ser entendida como a condensação das características de “PILANTRÃO”, e esse é o ponto de partida pelo qual se compreende o sujeito representado.

“PILANTRÃO”, entretanto, não vem sozinho: acompanhado ao primeiro termo, há o adjetivo “BANDIDO”, cuja significação converge para a representação negativa iniciada pelo primeiro termo. “BANDIDO”, cujos sentidos abrangem a interpretação figurativa de “trabalhar de bandido (contra alguém), procurar prejudicar (alguém).”, acresce à figura metonímica do sujeito que é entendido como somente “PILANTRÃO”, e passa a formar a figura “PILANTRÃO BANDIDO”, uma metonímia que condensa, de forma ainda mais intensificada e exacerbada, qualidades avaliadas negativamente sobre o sujeito em questão, tratando-o como reduzido aos sentidos negativos evocados.

Assim, propomos como *filler* de alguns dos *slots* propostos acima o seguinte, reforçando que tais valores são os atribuídos pela própria *fake News*, ou seja, pela mentira, não sendo valores objetivos retirados da realidade:

- Quais os traços de personalidade da pessoa: PILANTRÃO BANDIDO
- Qual a moralidade dessa pessoa: IMORAL

Através dos conhecimentos movimentados pelos qualificadores “PILANTRÃO”, “BANDIDO”, e a expressão “PILANTRÃO BANDIDO”, certos *frames* são ativados, e, como *frame* principal que aqui nos interessa, o *frame* CRIMINOSO, que participa da construção do *frame* CRIME, como vimos em 4.2.1. O *frame* CRIMINOSO traz consigo implicações que dizem respeito ao sujeito CRIMINOSO e suas atitudes, crenças e grupos

sociais a que pertence. Possibilita, portanto, inferências com relação à forma como o sujeito representado age, faz, acredita e participa.

Importantemente, os modos de ação e atuação advém de interações como as que analisamos em 4.2.1; uma vez que, como dissemos antes, as *fake News* se encontram num campo discursivo dialógico, suas representações dialogam entre si. Assim, a rede de significação ativada pelo *frame* aumenta, tal como se observa a seguir:

- Quais os traços de personalidade da pessoa: PILANTRÃO BANDIDO → CRIMINOSO.
- O que essa pessoa faz: CRIME → DESCUMPRIMENTO DE LEI.
- Como essa pessoa age: CORRUPÇÃO/FRAUDE ELEITORAL → DESCUMPRIMENTO DE LEI.
- Com quem essa pessoa se relaciona: CRIMINOSOS.

Quanto à expressão inicial de (8), pudemos explorar em profundidade as representações que ela permite construir. Na sequência, ainda no mesmo trecho, o comentário do autor termina com uma expressão informal expressiva de sua própria opinião: “BEM TÔ ACHANDO QUE É **GAY**”. “GAY”, nesse contexto, atua também como um *filler*, através das significações próprias que contém e das inferências que permite construir. Quanto ao significado dicionarizado, “GAY” é definido como uma pessoa que possui atração sexual ou/e emocional por pessoas do mesmo sexo (Houaiss, 2019, p. 303), algo inócuo, em sua literalidade. “GAY”, no contexto da *fake News*, só adquire valor discursivo na medida em que evoca representações negativas, ou seja, que desmerece o sujeito a que se atribui a qualidade, reduzindo-o, seguindo a linha GAY → IMORAL.

Esse sentido advém do contexto sociocultural em que a *fake News* se encaixa, qual seja, um contexto marcado pelo fenômeno da homofobia, que, através de conexões metafóricas e metonímicas, atribui à homoafetividade conotações negativas de imoralidade, pecado e mau comportamento. Sendo assim, a significação é ampliada:

- Quais os traços de personalidade da pessoa: PILANTRÃO BANDIDO → CRIMINOSO → IMORAL;  
GAY → IMORAL.
- Qual a moralidade dessa pessoa: CRIMINOSO e GAY → IMORAL.

O dado (9) é um texto já na forma de imagem, e que funciona como a parte mais destacada do conjunto textual da *fake News*:

(9) “ATENÇÃO! LULA ACABA DE DECLARAR QUE IRÁ FECHAR IGREJAS EM 2023, ISSO É MUITO SÉRIO IGREJA.”

Aqui temos a atribuição definitiva da identidade do sujeito, confirmando as vias inferenciais possíveis acima representadas: “LULA”, aqui, evoca diretamente o *frame* LULA, que conceitualiza o sujeito real Luiz Inácio Lula da Silva. Rapidamente já há uma transformação no *frame*, que é colocado em destaque através da configuração de seus *fillers*:

- Quem é a pessoa: LULA.
- Essa pessoa é real ou fictícia: REAL.
- Quais as características físicas da pessoa: [CONJUNTO DE *FRAMES* CORPO DE LULA]

Ao leitor cabe perceber que o terceiro *slot*, dizendo respeito às características físicas do sujeito, é preenchido por um conjunto holístico de informações que compõem a imagem perceptual da pessoa representada. A depender do texto, certos aspectos da pessoa podem ser salientados, funcionando como metonímias (Cf. *Fake News* 83 e 123), mas, aqui, não há mais elaborações nessa parte do *frame*.

Na sequência do trecho, há dois verbos que atribuem a Lula ações específicas que buscam incitar, no interlocutor, sentimentos específicos através de inferências culturais. Há, juntamente de DECLARAÇÃO, o *frame* FECHAMENTO, que, contextualmente relacionado a IGREJAS, traz o efeito de imposição e firmeza governamental. IGREJA, aqui, é o *frame* de maior importância, por remeter a uma base significativa conceitual de imensa dispersão e reprodução social. Por IGREJA, o *frame* RELIGIÃO é evocado, e, mais especialmente, o *frame* CRISTIANISMO, bem como *subframes* deste, CATOLICISMO e PENTECOSTALISMO, de maior pertinência ao contexto brasileiro.

A pessoa real Lula é, por meio desse conjunto representativo, classificado como INIMIGO DA IGREJA, ou INIMIGO DO CRISTIANISMO, o que se soma ao valor IMORAL anteriormente atribuído, dado que a própria noção de moralidade é intrinsecamente relacionada aos conceitos religiosos cristãos, o que amplia os elementos de *frame*:

- Quais os traços de personalidade da pessoa: PILANTRÃO BANDIDO e GAY e INIMIGO DA IGREJA → CRIMINOSO.
- Qual a moralidade dessa pessoa: CRIMINOSO e GAY e INIMIGO DA IGREJA → IMORAL.
- O que essa pessoa faz: CRIME → DESCUMPRIMENTO DE LEI.  
FECHAMENTO DE IGREJA → PECADO → CRIME.
- Como essa pessoa age: CORRUPÇÃO/FRAUDE ELEITORAL → DESCUMPRIMENTO DE LEI.  
DECRETO GOVERNAMENTAL → DESPOTISMO.
- Com quem essa pessoa se relaciona: CRIMINOSOS e INCRÉDULOS → IMORAL.
- Quais as crenças dessa pessoa: INIMIGO DA IGREJA.
- A que grupos sociais essa pessoa pertence: INIMIGOS DA IGREJA.

Os valores PECADO e INCRÉDULOS emergem do *frame* RELIGIÃO e compõem LULA como *fillers* que especificam os *slots* de forma negativa. O sujeito real LULA, assim, passa a ter esses valores em sua caracterização, o que colabora para a representação holística de Lula nos discursos que reverberam tais construções. O valor *filler* DECRETO GOVERNAMENTAL é evocado por meio do verbo “DECLARAR” em associação com o *frame* GOVERNANTE associado à figura de Lula, enquanto candidato das eleições presidenciais de 2022. Ainda, se associa com a própria ação representada, evocada por “IRÁ FECHAR IGREJAS”, concretizando uma representação autoritária que remete a valores culturais como os associados aos *frames* PAI AUTORITÁRIO (Lakoff, 2010).

Podemos, agora, analisar os trechos falsos da imagem, que ilustram os supostos tuítes atribuídos a Lula. Interessa apontar que, sendo tuítes, tais trechos se pretendem como falas da própria pessoa, ou seja. Retomemos-os:

(10) “Em 2023, quando eu assumir a presidência, as igrejas evangélicas e católicas terão que seguir a lei, nos vamos obrigá-los a casar pessoas da comunidade LGBT, chega de homofobia!”

(11) “Os padres e pastores que se recusarem a casar casais LBGBTS, serão presos e terão suas igrejas fechadas por crime de homofobia.”

Em (10), o primeiro trecho destacado já serve para realçar um dos *slots* do *frame* por meio da inferência que ele possibilita realizar com relação ao contexto social de produção do tuíte. Consolida-se Lula como uma figura pública participante das eleições

presidenciais, cujo pronunciamento tem um valor maior do que o de um cidadão comum. Assim sendo:

- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa: CANDIDATO PRESIDENCIAL → PESSOA PÚBLICA → PESSOA IMPORTANTE.

Há outro encadeamento que deve ser feito, provocado pela relação desse *slot* com os demais: Lula, até aqui, é construído pelo *frame* LULA como uma pessoa composta por valores negativos, contrários à religião, à moral e à lei. Esse conjunto de valores implica na noção de perigo, que, somada às supostas declarações públicas de um candidato presidencial, o constrói como uma PESSOA PERIGOSA:

- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa: CANDIDATO PRESIDENCIAL → PESSOA PÚBLICA → PESSOA IMPORTANTE → PESSOA PERIGOSA.

Lula, nessa lógica construída pela mentira da *fake news*, não é qualquer pessoa: é alguém perigoso, cujo perigo deve ser reforçado cognitivamente nas mentes dos interlocutores. O restante do trecho colabora para o reforço de *slots* já preenchidos ao mesmo tempo em que proporciona novos valores: “terão que seguir a lei” e “nós vamos obrigá-los a casar” são trechos que solidificam DESPOTISMO, e, igualmente, reforçam PESSOA PERIGOSA, especialmente, os modalizadores deônticos como *terão que* e *vamos obrigá-los*. Na sequência, “pessoas da comunidade LGBT” e “chega de homofobia!” reforça GAY e proporciona um novo *filler*, ALIADO LGBTQIA+, *frame* cultural de emergência recente, que encadeia valores negativos de IMORALIDADE em certos nichos ideológicos como o da *fake News*:

- Quais os traços de personalidade da pessoa: PILANTRÃO BANDIDO → CRIMINOSO  
(GAY e ALIADO LGBTQIA+ e INIMIGO DA IGREJA) → IMORAL
- Qual a moralidade dessa pessoa: (CRIMINOSO e GAY e INIMIGO DA IGREJA e ALIADO LGBTQIA+) → IMORAL.
- O que essa pessoa faz: CRIME → DESCUMPRIMENTO DE LEI.  
(FECHAMENTO DE IGREJA e ALIADO LGBTQIA+) → PECADO → CRIME.

- Com quem essa pessoa se relaciona: (CRIMINOSOS e INCRÉDULOS e LGBTQIA+) → IMORAL.
- A que grupos sociais essa pessoa pertence: LGBTQIA+ e INIMIGOS DA IGREJA.

Esses valores *fillers*, associados a PESSOA PERIGOSA e à noção de Lula como candidato presidencial fazem da *fake News* um instrumento de manipulação ideológica em contexto político: Lula é tido como um candidato que **não** deve ganhar as eleições, uma vez que, caso se torne presidente, seus valores negativos passam a ser valores que influenciarão de forma direta o funcionamento social, político e religioso do país. Se vê aí, em perfeito exemplo, a atuação da *fake News*, que, não sendo somente postagens inócuas, representam um mecanismo de influência, manipulação e atuação política.

Ao fazer isso, os opositores do então candidato Lula procuram ‘macular’ a sua imagem e idoneidade com o público evangélico e católico e, conseqüentemente, influenciar este público específico a não votar no candidato que supostamente apresenta valores contrários aos valores cristãos. A *fake news*, portanto, tenta direcionar o escopo imediato da visão e fundamentalmente da concepção do leitor/interlocutor, tal como foi visto anteriormente em Langacker (2017), focalizando o texto num dado mentiroso. Diante desta análise, temos a seguinte configuração de *frame*:

**Quadro 7: Frame LULA em fake News nº 69**

<i>Slots do frame CRIME</i>	<i>Fillers do frame CRIME em fake News nº17</i>
Quem é a pessoa?	LULA.
Essa pessoa é real ou fictícia?	REAL.
Quais as características físicas da pessoa?	(CONJUNTO DE <i>FRAMES</i> CORPO DE LULA).
Quais os traços de personalidade da pessoa?	(PILANTRÃO BANDIDO e GAY e ALIADO LGBTQIA+ e INIMIGO DA IGREJA) → CRIMINOSO.
Qual a moralidade dessa pessoa?	(CRIMINOSO e GAY e INIMIGO DA IGREJA e ALIADO LGBTQIA+) → IMORAL
O que essa pessoa faz?	CRIME → DESCUMPRIMENTO DE LEI. (FECHAMENTO DE IGREJA e ALIADO LGBTQIA+) → PECADO → CRIME.

Como essa pessoa age?	CORRUPÇÃO/FRAUDE ELEITORAL → QUEBRA DE LEI.
A que grupos sociais essa pessoa pertence?	LGBTQIA+ e INIMIGOS DA IGREJA.
Quais as crenças dessa pessoa?	INIMIGO DA IGREJA.
Qual o grau de pertinência social dessa pessoa?	CANDIDATO PRESIDENCIAL → PESSOA PÚBLICA → PESSOA IMPORTANTE → PESSOA PERIGOSA.

**Fonte: elaborado pelo autor**

Eis, no quadro acima, o conjunto dos *slots* e *fillers* que compõem o *frame* LULA a partir da *fake News*, mostrando, assim, como a representação negativa do sujeito Lula é efetuado em um exemplo de *fake News* coletada. No que tange ao quadro interpretativo das relações ideológicas emergentes da *fake News*, segue, abaixo, o que pudemos extrair e desconstruir criticamente o texto mentiroso:

#### **Quadro 8: desconstrução crítica da fake News nº 69**

O que faz a <i>fake News</i> ?	Disseminação de imagens falsas que atribuem a Lula ataques verbais contra igrejas evangélicas e católicas, geração de uma imagem negativa de Lula.
Quem (re)produz a <i>fake News</i> ?	Criadores e disseminadores de <i>fake news</i> , grupos ideológicos da direita política, redes de desinformação interessados em influenciar o voto dos eleitores no segundo turno.
A quem a <i>fake News</i> visa atingir?	Participantes votantes das eleições de 2022, com foco em opositores de Lula.
A que grupos a <i>fake News</i> serve?	Campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, opositores de Lula, direita política brasileira.
De quem a <i>fake News</i> fala?	Lula, Partido dos Trabalhadores, esquerda política nacional.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo NÓS?	Fortalecimento das convicções do grupo opositor de Lula, potencial influência a eleitores indecisos, solidificação da posição do grupo.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo ELES?	Prejuízo à imagem do candidato Lula, perda de força eleitoral e social, atribuição de valores negativos à pessoa e grupos aos quais a pessoa pertence, atribuição de crime.

**Fonte: elaborado pelo autor**

Nessa *fake News*, a primeira em que um dos atores políticos envolvidos nas eleições de 2022 é colocado como o foco de atenção e conceitualização, há uma emergência de

valores negativos associados a Lula. A concretização da estratégia NÓS x ELES é realizada através da construção da imagem negativa d'ELES, pela atribuição falsa de falas consideradas imorais e ofensivas para NÓS.

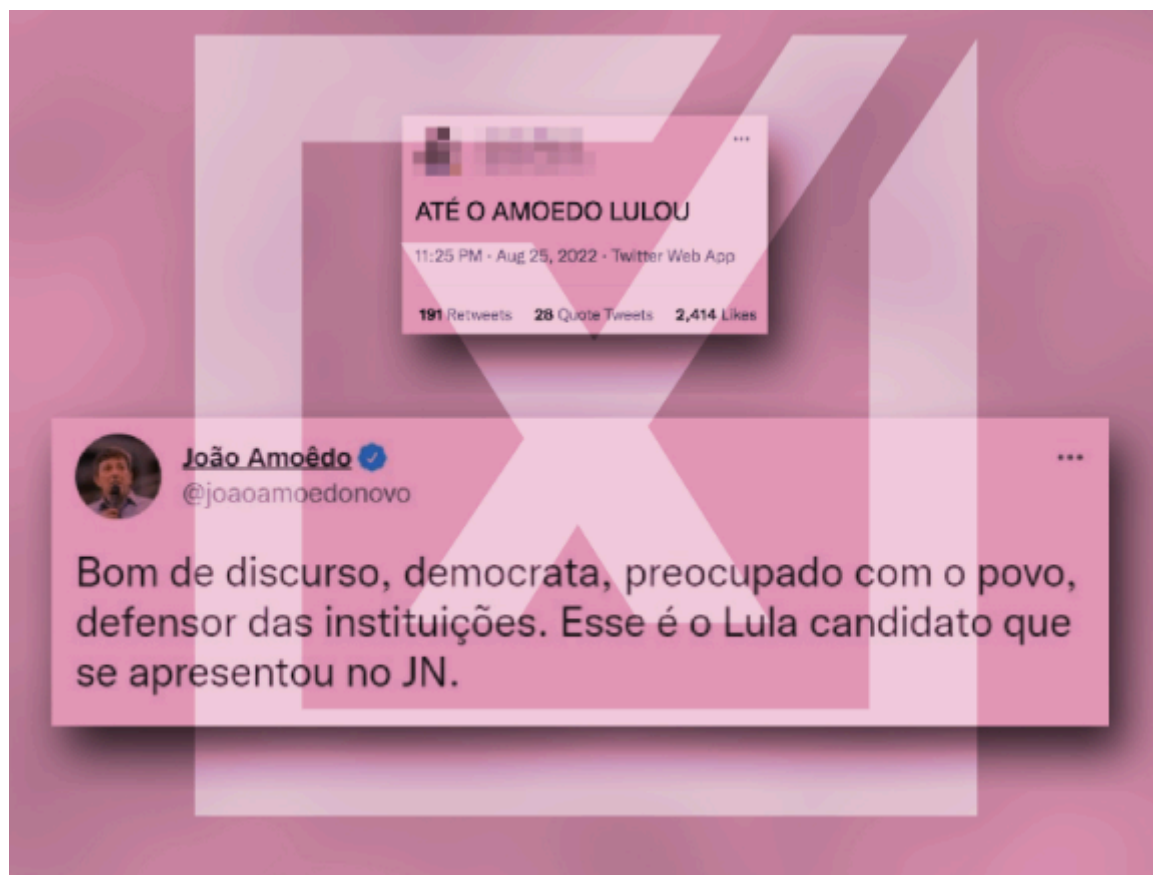
Há uma tentativa de alinhamento entre o eleitorado religioso e os opositores de LULA, através da construção de Lula como uma pessoa contrária aos valores religiosos tradicionais. É movimentado um conjunto amplo de concepções culturais, que envolvem certos julgamentos religiosos tradicionais referentes à população LGBTQIA+, de modo que ao interlocutor é esperada a implicação de que valores religiosos são incompatíveis com valores LGBTQIA+.

A *fake News*, portanto, promove uma escolha sobre quem deseja acolher em seu agrupamento ideológico, efetuando também, nessa escolha, uma demarcação clara do ELES: entre grupos religiosos e LGBTQIA+, a preferência é pelo acolhimento da religião. Supomos que essa preferência é justificada por uma tendência sociocultural de um alinhamento prévio entre o grupo ideológico da *fake News* e os grupos que ela pretende acolher, na medida em que ambos tendem a se concentrar no espectro político de direita conservadora, facilitando, com isso, o acolhimento. Ao grupo opositor, cabem os atores contrários às tendências religiosas de direita, realizando uma demarcação política e moral entre os grupos e sistematizando as ideologias subjacentes e intensificando a polarização.

#### 4.2.2.2 *Fake News* nº 90

Esta *fake News* tratará ainda do *frame* LULA. Trata-se, entretanto, de uma *fake News* cujo conteúdo constrói uma imagem positiva do sujeito real Lula, de forma que esperamos, correspondentemente, uma construção cognitiva que articule valores significativos positivos. Por esse tratamento oposto ao da *fake News* anterior, esperamos tratamento também diferente na organização e seleção cognitiva do *frame*. Abaixo, segue-se a imagem da *fake News*, retirada do site Projeto Comprova:

**Figura 13: fake News nº 90**



**Fonte:**

**<<https://projetoconprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganosa-postagem-no-twi-ter-sugerindo-apoio-de-joao-amoedo-a-lula/>> . Acesso: 11/11/2024**

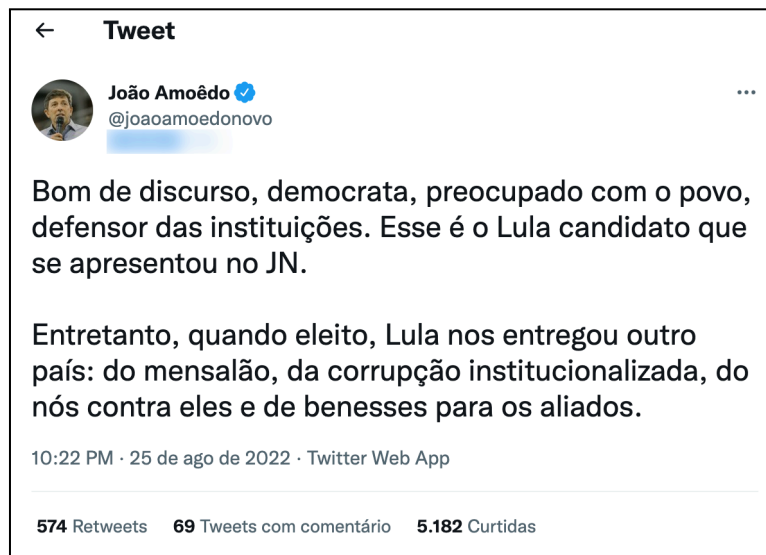
A *fake News* foi publicada originalmente em 25 de agosto de 2022, sendo falseada pelo Projeto Comprova em 30 de agosto de 2022. A verificação foi feita pelo Portal através da verificação da conta de João Amoêdo, que concluiu que o tuíte atribuído a ele foi adulterado e teve seu sentido original prejudicado.

A *fake News* é visual e textualmente menor do que a anterior, sendo composta por dois elementos textuais: um tuíte que apresenta outro tuíte em sua estrutura, por meio da ferramenta de Copiar e Colar da rede social. O primeiro trecho contém o comentário do autor do tuíte, correspondendo ao que chamamos até aqui de texto-comentário, e, abaixo, há o texto que consiste em um tuíte atribuído ex-candidato presidencial João Amoêdo, então candidato pelo Partido Novo (NOVO).

A falsidade da *fake News* se dá por uma relação interessante entre o texto-comentário e o texto do tuíte copiado pelo autor: o trecho do tuíte atribuído a João

Amoedo se apresenta recortado, ou seja, incompleto. O texto completo está reproduzido na figura 12, a seguir:

**Figura 14: tuíte original de João Amoedo**



**Fonte:**

**<<https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganosa-postagem-no-twi-ter-sugerindo-apoio-de-joao-amoedo-a-lula/>> . Acesso: 11/11/2024**

O tuíte original apresenta, de fato, a parte recortada pela *fake News*, na qual critica o então candidato Lula. João Amoedo acusa Lula de portar uma imagem discursiva e outra imagem real, provocando um efeito irônico, o que acentua a crítica e posiciona Amoedo como não-apoiador de Lula. A *fake News*, entretanto, por meio do texto-comentário, passa a falsa concepção de que o João Amoedo, ao somente elogiar Lula, o apoia politicamente durante o segundo turno das eleições de 2022, transformando o efeito de ironia original em um elogio literal.

Como o foco é a análise da *fake News*, nos detemos apenas no trecho adulterado do tuíte, e observamos exatamente o que o efeito de elogio literal colabora para a representação cognitiva construída no *frame* LULA. Abaixo seguem-se os trechos transcritos da imagem:

(12) “**ATÉ O AMOEDO LULOU**”. (Grifo nosso).

(13) “**Bom de discurso, democrata, preocupado com o povo, defensor das instituições, esse é o Lula candidato que se apresentou no JN**”. (Grifo nosso).

Sendo uma *fake News* materialmente menor do que anterior (*fake News* n° 69), admitimos desde já que mais *slots* serão preenchidos por conhecimentos inferenciais, enciclopédicos e sedimentados por meio da experiência do sujeito no mundo, do que por

evocação através de material linguístico concreto. Isso não implica em uma análise superficial, pois, o conhecimento inferencial tem tanto a base real quanto a evocação linguística que, segundo Langacker (2010), também é convencionalizada.

Isso posto, certos *slots* já podem ser preenchidos, e correspondem, nesse caso, aos mesmos valores dos mesmos *slots* da *fake News* n. 69:

- Quem é a pessoa: LULA.
- Essa pessoa é real ou fictícia: REAL.
- Quais as características físicas da pessoa: (CONJUNTO DE *FRAMES* CORPO DE LULA).

O *filler* LULA é preenchido tanto pelo material linguístico quanto pelo conhecimento inferencial. Isso, na medida em que (12) contém a expressão “LULOU” e é o primeiro trecho naturalmente lido. “LULOU” é uma construção linguística que acresce ao substantivo próprio “Lula” o sufixo -ou, que verbaliza o substantivo e o transforma num evento concretizado em estado, pelo fato de o sufixo remeter ao tempo pretérito. Essa alteração da categoria gramatical da palavra é realizada por meio de associações de similaridade entre a expressão nova e expressões convencionais já conhecidas pelo usuário da língua, por verbos como “andou”, “casou”, “dançou”, “virou”, etc. Uma vez que o verbo não pode ser entendido literalmente, pois João Amoedo não pode se transformar fisicamente em Lula, entende-se a expressão como uma transformação psicológica: João Amoedo ‘verteu’ ao lado de Lula nas eleições, ou seja, se transformou em apoiador de Lula.

Um *slot* já pode ser aqui preenchido, através de um processo inferencial condicionado por “LULOU”, e, antes dele, por “ATÉ O AMOEDO”, expressão concessiva que caracteriza a expressão seguinte como uma exceção, uma fuga do estado esperado das coisas. Há, assim, um processo de **conciliação** de contrários, e, como o verbo diz respeito à ‘transformação em apoiador de Lula’, essa conciliação é efetuada pelo próprio Lula. Vejamos:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CONCILIADOR.
- O que essa pessoa faz: CONCILIADOR.
- Com quem essa pessoa se relaciona: JOÃO AMOEDO → Opositor.

Vê-se como o *frame* JOÃO AMOEDO, cuja significação na *fake News* em questão traz o valor OPOSITOR em relação a LULA, permite a emergência de CONCILIADOR. A noção de “conciliador” é descrita, pelo dicionário online *Dicio Online*, a partir dos seguintes sentidos:

*subs. masc.*

- Mediador; quem propõe um acordo entre as partes de um litígio ou de uma ação judicial: o réu solicitou ao tribunal um conciliador.
- Pacificador; aquele que pacifica, que apazigua uma situação conflitante: ele sempre foi o conciliador da empresa.

*adj.*

- Diz-se de quem propõe um acordo entre as partes em conflito: juiz conciliador.
- Apaziguador; que busca conciliar, apaziguar ou harmonizar: ele teve um comportamento conciliador.
- 

E, ainda, pelo Dicionário Houaiss (2019, p. 160)

conciliador

Datação: 1532

11|adj.s.m.|adjetivo e substantivo masculino

que ou o que concilia

1 que ou o que pacifica, apazigua, acomoda

Ex.: teu pai muito c.|o c. na briga foi o prefeito

2 que ou o que pr prio para conciliar

Ex.: medidas c.|n o existe melhor c. que um copo de vinho

3 que ou o que propende a conciliar

Ex.: n o seja t o c., eles merecem castigo

4 que ou o que ajusta, pactua, combina; pactuante, conchavador

5 que ou o que combina ou harmoniza coisas que parecem contraditórias ou contrárias, ou textos e doutrinas aparentemente n o compat veis

Ex.: s um grande talento c. para transformar todas as propostas em texto legal

Um traço de conciliação, se atribuído a um candidato presidencial, portanto, acarreta em uma caracterização positiva de Lula, e acarreta em outros valores que podem ser colocados lado a lado, em sinonímia:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CONCILIADOR e PACIFICADOR.
- O que essa pessoa faz: CONCILIADOR e PACIFICADOR.

O texto-comentário, portanto, já apresenta importantes contribuições ao *frame* LULA. A parte fundamental da construção do *frame* LULA, entretanto, está no trecho que traz a fala do próprio João Amoedo, atribuindo a ele o que se diz de Lula, e conferindo um peso ainda maior ao aspecto CONCILIADOR. Após esse reforço imediato, há, enfim, a atribuição de diversos *fillers* aos *slots* do *frame*, a partir da evocação sequenciada de *frames* por meio do discurso de Amoedo. Retome-se (13):

(13) “*Bom de discurso, democrata, preocupado com o povo, defensor das instituições, esse é o Lula candidato que se apresentou no JN*”. (Grifo nosso).

Reproduzida dessa forma, recortada de seu contexto de origem que subverte sua significação, o trecho apresenta uma série de expressões que compõem a imagem cognitiva LULA como uma imagem efetivamente positiva no contexto eleitoral. A expressão “Bom de discurso”, que inaugura o trecho, confere à representação LULA o *frame* BOM ORADOR, que, dentre seus valores padrão socioculturalmente atribuídos, contém elementos como CARISMÁTICO, CONVINCENTE, COERENTE, COESO, dentre outros possíveis (que não serão aqui explorados). Desde já vemos os seguintes traços da personalidade da pessoa representada:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CONCILIADOR e PACIFICADOR e BOM ORADOR.

Na sequência, “democrata” introduz o que entendemos como o traço mais pertinente ao sujeito caracterizado pelo *frame*, na medida em que a *fake News* circula no ápice do período eleitoral, efetivamente atuando em prol da campanha do candidato a que se refere. Conforme *Dicio Online*, “democrata” é significado pelo seguinte:

*subs. masc. e fem.*

- Seguidor da democracia: os democratas já são maioria no país.

- [Figurado] Pessoa que consegue conviver em harmonia com os integrantes de quaisquer classes sociais.

*adj*

- Que está relacionado à democracia, ao governo cujo poder é exercido pelo povo, em que os governantes são definidos através de votações: partido democrata.

- Que participa da democracia ou adota os seus princípios: parlamentar democrata.

E, pelo Houaiss (2019, p. 192):

Datação: 1799

7|adj.2g.s.2g.|adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros que ou o que pertence democracia ou professa seus princípios

Por se referir a uma pessoa física, entendemos que os sentidos mais pertinentes para a caracterização do *frame*, dada a generalidade social da definição dicionarizada, são os sentidos substantivos, e o segundo sentido adjetivo de *Dicio Online*, e o sentido de Houaiss. Consequentemente, o *frame* DEMOCRATA, evocado pela palavra, apresenta em sua estrutura *frames* como BOA CONVIVÊNCIA, DEFENSOR DA DEMOCRACIA,

CONCILIADOR (*frame* já anteriormente destacado), PARLAMENTAR, POPULAR, DEMOCRÁTICO, etc. Há, ainda, dada a solidez sociocultural do sistema democrático e sua compreensão generalizada como o sistema que melhor respeita, envolve, e age de acordo com os interesses das classes sociais do país, *frames* como CORRETO e MORAL. Cabe à atribuição de *fillers* de LULA, portanto, os seguintes elementos, agora ampliados:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CONCILIADOR e PACIFICADOR e BOM ORADOR e MORAL e CORRETO.
- Qual a moralidade dessa pessoa: MORAL.
- O que essa pessoa faz: CONCILIADOR e PACIFICADOR e DEFENSOR DA DEMOCRACIA e PARLAMENTAR.
- Como essa pessoa age: DEMOCRÁTICO, CORRETO, MORAL, CONCILIADOR.
- Quais as crenças dessa pessoa: DEMOCRÁTICO.
- Com quem essa pessoa se relaciona: POVO BRASILEIRO.

Os valores *filler* acrescidos acima são ainda reforçados pela expressão “preocupado com o povo”, que destaca especialmente o *frame* MORAL e BOM, e confere ao construto LULA componentes emocionais mais realçados, como COMPASSIVO e SOLIDÁRIO. Se se coloca essa expressão em seu contexto de produção, por se tratar de um ex-presidente da República em época de eleição, aos valores emocionais e ao conjunto anterior de valores, emerge o valor BOM LÍDER, que, por especificação, garante BOM PRESIDENTE: valor essencial para a reprodução de cenas e imagens cognitivas às vésperas da eleição presidencial.

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CONCILIADOR e PACIFICADOR e BOM ORADOR e MORAL e CORRETO e COMPASSIVO → BOM.
- O que essa pessoa faz: CONCILIADOR e PACIFICADOR e DEFENSOR DA DEMOCRACIA e PARLAMENTAR → BOM LÍDER → BOM PRESIDENTE.

Encerrando a corrente de termos elogiosos direcionadas ao candidato, há “defensor das instituições”, que, se não acrescenta algum *filler* específico, reforça cognitiva e linguisticamente os *frames* relacionados à democracia, já instanciados. Especialmente, o valor DEFENSOR DA DEMOCRACIA ressurge potencializado pelo reforço cognitivo

garantido pela expressão, e a imagem de Lula como um sujeito democrata, democrático, bom líder e compassivo se solidifica.

As palavras finais do tuíte favorecem a especificação da importância social de Lula, na medida em que retornam seu caráter como candidato eleitoral (“esse é o Lula **candidato**”) e o localizam na situação de entrevistado pelo Jornal Nacional, jornal televisivo de maior alcance no país. “JN”, evocando o *frame* JORNALISMO, e, mais genericamente, MÍDIA, traz a LULA um componente de algo alcance midiático e social. O sujeito real Lula, assim, não é uma pessoa qualquer: é uma pessoa que, com todas as características positivas listadas anteriormente, se apresentou como candidato à Presidência da República no Jornal Nacional, firmando-se como PESSOA CONHECIDA → PESSOA PÚBLICA. Assim:

- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa: CANDIDATO ELEITORAL e ENTREVISTADO → PESSOA PÚBLICA.

O último *slot* que carece de especificação diz respeito aos grupos sociais aos quais o sujeito representado pertence. Nessa *fake News*, a ocupação desse *slot* se dá por meio de processos inferenciais, uma vez que, no material linguístico de fato, não há a evocação explícita de um *filler* que o preencha. Por meio, portanto, da atribuição de valores *default* socialmente motivados a partir do conhecimento geral que o interlocutor tem sobre quem é Lula, valores como PARTIDO DOS TRABALHADORES e ESQUERDA POLÍTICA podem ser evocados:

- A que grupos sociais essa pessoa pertence: PARTIDO DOS TRABALHADORES → ESQUERDA POLÍTICA.

Temos, ao fim, uma imagem de Lula que contrasta fortemente com a imagem obtida pela *fake News* em 4.2.2.1: uma imagem que, ao invés de desqualificar o sujeito por meio de relações significativas que remetem a concepções negativas, o valoriza através de atributos positivos lexical e cognitivamente acionados. A imagem, então, é a seguinte:

**Quadro 9: *Frame* LULA em *fake News* nº 90**

<i>Slots do frame</i> CRIME	<i>Fillers do frame</i> CRIME em <i>fake News</i> nº17
Quem é a pessoa?	LULA.
Essa pessoa é real ou fictícia?	REAL.

Quais as características físicas da pessoa?	(CONJUNTO DE <i>FRAMES</i> CORPO DE LULA).
Quais os traços de personalidade da pessoa?	(CONCILIADOR e PACIFICADOR e BOM ORADOR e MORAL e CORRETO e COMPASSIVO) → BOM.
Qual a moralidade dessa pessoa?	MORAL.
O que essa pessoa faz?	(CONCILIADOR e PACIFICADOR e DEFENSOR DA DEMOCRACIA e PARLAMENTAR) → BOM LÍDER → BOM PRESIDENTE.
Como essa pessoa age?	DEMOCRÁTICO e CORRETO e MORAL e CONCILIADOR.
A que grupos sociais essa pessoa pertence?	PARTIDO DOS TRABALHADORES → ESQUERDA POLÍTICA.
Quais as crenças dessa pessoa?	DEMOCRÁTICO.
Com quem essa pessoa se relaciona?	POVO BRASILEIRO.
Qual o grau de pertinência social dessa pessoa?	(CANDIDATO ELEITORAL e ENTREVISTADO) → PESSOA PÚBLICA → PESSOA IMPORTANTE.

**Fonte: elaborado pelo autor**

E, com relação às correspondências ideológicas obtidas a partir do texto, da cognição e do contexto, temos:

**Quadro 10: desconstrução crítica da fake News nº 90**

O que faz a <i>fake News</i> ?	Disseminação de imagem recortada que atribui enganosamente a João Amoedo elogios direcionados a Lula.
Quem (re)produz a <i>fake News</i> ?	Criadores e disseminadores de <i>fake news</i> , grupos ideológicos da esquerda política, apoiadores de Lula.
A quem a <i>fake News</i> visa atingir?	Participantes votantes das eleições de 2022, com foco em apoiadores de Lula.
A que grupos a <i>fake News</i> serve?	Campanha eleitoral de Lula, apoiadores de Lula, Partido dos Trabalhadores, esquerda política.
De quem a <i>fake News</i> fala?	Lula, João Amoedo, Jornal Nacional.

Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo NÓS?	Fortalecimento das convicções do grupo apoiador de Lula, potencial influência a eleitores indecisos, solidificação da posição do grupo, construção de imagem positiva de Lula.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo ELES?	Potencial influência negativa a eleitores.

**Fonte: elaborado pelo autor**

O quadro acima expõe como a construção da *fake News* por meio do texto e das representações cognitivas que gera permitem a solidificação da posição ideológica dos grupos alinhados ao candidato Lula. Há a valorização exacerbada da pessoa Lula através da atribuição falsa de elogios feitos por João Amoedo, que serve aos interesses dos grupos produtores de *fake News* na medida em que fortalece a imagem NÓS do grupo.

Não há menção a grupos opositores, pois o foco do texto é Lula e seus valores positivos supostamente reconhecidos por alguém que tradicionalmente não é partidário de Lula. Há, portanto, uma disposição das qualidades de Lula ao foco de atenção do interlocutor (Langacker, 2017), através de estratégias gestálticas que colocam certos elementos como mais importantes e destacados do que outros. Não é preciso, para a *fake News*, atacar o grupo ELES uma vez que a valorização de NÓS atua suficientemente para ampliar a distância polarizante entre os grupos: NÓS somos melhores, numa escala de valor social que varia de um pólo a outro.

As duas *fake News* centradas em LULA, portanto, exibem duas distintas maneiras de concretização da estratégia ideológica NÓS x ELES: a primeira, em 4.2.2.1, opta pelo foco linguístico e cognitivo nas qualidades negativas d'ELES, ao passo em que nesta há o foco nas qualidades positivas de NÓS. Não houve, portanto, uma utilização conjunta de ambas maneiras de representação ideológica, o que condiz com as noções cognitivas sobre um foco concentrado e direcionado, ao invés de espaçado. Em CRIME, como o foco era direcionado à ação em si, e não aos atores, houve a possibilidade de manifestação explícita de NÓS-positivo e ELES-negativo, mas em LULA, como o foco é em um dos atores, há a manifestação de apenas um desses dois modos de representação ideológica. Para a maior efetividade da *fake News*, em sua pretensão de reproduzir uma mentira politicamente motivada, a concentração em apenas um dos atores políticos envolvidos é mais produtiva do que a divisão da atenção em mais de um ator.

#### 4.2.3 *Frame* BOLSONARO

Nesta seção, analisaremos duas *fake News* que tratam do *frame* BOLSONARO que, como LULA, representa uma pessoa real. Traremos, aqui, duas *fake News* que constroem o *frame* de dois modos distintos, equilibrando possíveis tendências ideológicas e demonstrando o caráter flexível e perspectivista de *frames* cognitivos.

Com relação à frequência de *frames* que contém o *frame* BOLSONARO como parte maior de seu sentido, observamos a seguinte distribuição no período destacado pelo corpus: entre abril e julho de 2022 encontramos 18 *fake News* com BOLSONARO como *frame* principal; entre agosto e novembro de 2022, encontramos 15 *fake News*; e entre dezembro de 2022 e março de 2023, encontramos 5 *fake News*. Ao fim, portanto, totalizam-se 38 *fake News* centradas em BOLSONARO, contrastando com 45 centradas em LULA e 38 centradas em CRIME. Operacionalizamos o conceito de modo semelhante a LULA, de modo que a tabela de generalização hiperonímica a PESSOA será reutilizada aqui para encontramos e preenchermos os *slots* do *frame*, não sendo necessária sua repetição (cf. p. 102). Assim sendo, seguimos à apresentação e análise linguística-cognitiva da primeira *fake News* sobre o *frame* BOLSONARO.

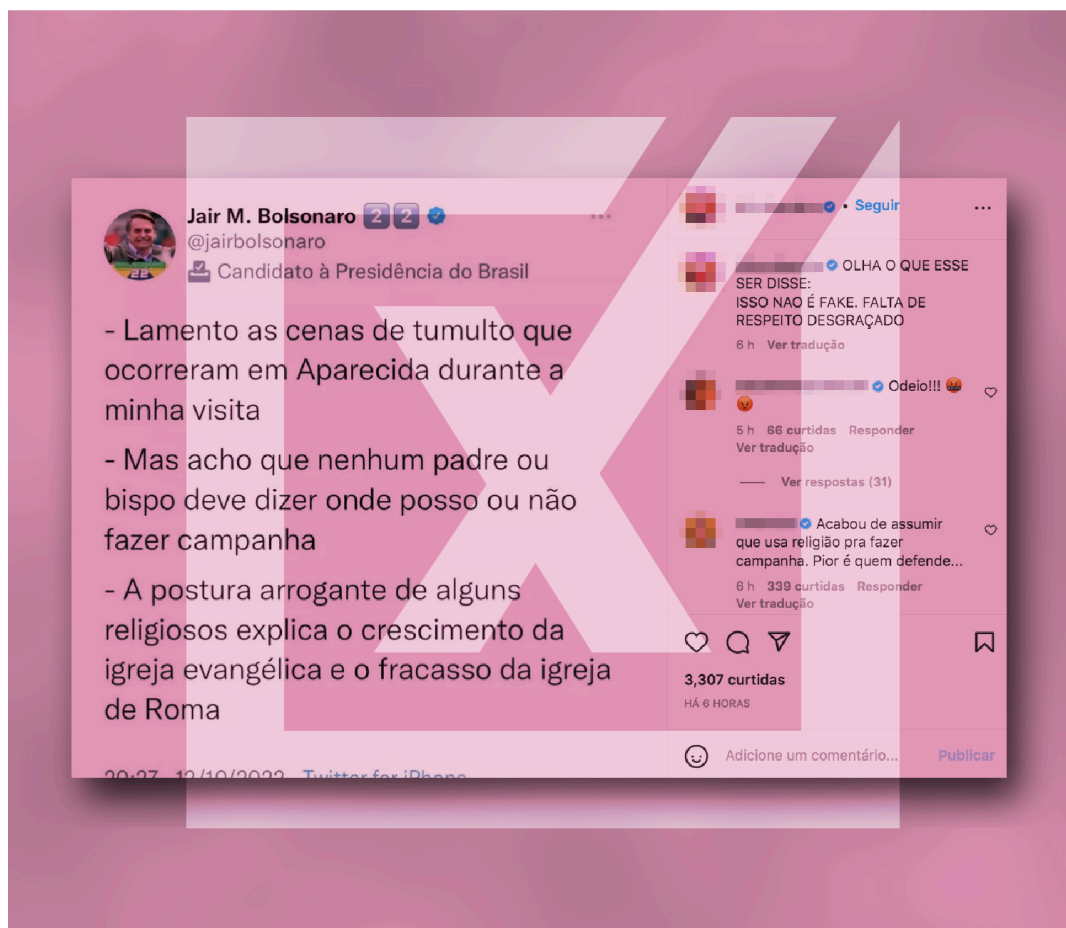
#### 4.2.3.1 *Fake News* n° 84

A primeira *fake News* analisada nesta subseção trata-se de uma falsificação de imagem que reproduz um suposto tuíte atribuído ao então presidente Jair Bolsonaro, instanciando, assim, o *frame* BOLSONARO como elemento cognitivo mais pertinente ao sentido do texto. Segue-se a imagem da *fake News*:

Figura 15: Fake News nº 84



## CONTEÚDO INVESTIGADO - 13/10/2022



**Fonte:**

<https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-montagem-tuite-atribuido-a-bolsonaro-com-ataques-a-religiosos-caticos/> . Acesso: 13/11/2024

A *fake News* foi publicada na rede social Instagram em 12 de outubro de 2022, sendo falseada pelo portal Projeto Comprova em 14 de outubro de 2022. A *fake News* toma como tema a visita de campanha do candidato Jair Bolsonaro à cidade de Aparecida do Norte, em outubro de 2022. A visita foi marcada por uma série de críticas realizadas por padres locais com relação à presença de Jair Bolsonaro, atestada por alguns como tentativa de cooptar a cena religiosa local para fins políticos. Houve, a partir disso, tumulto entre os grupos apoiadores e opositores de Jair Bolsonaro. A *fake News*, ao abordar tal evento, atribuiu ao candidato falsas falas críticas direcionadas à Igreja Católica, potencializando um efeito de ruptura no eleitorado do candidato através da mentira.

O portal de verificação atestou a falsidade da postagem ao verificar que não houve qualquer tuíte publicado pelo candidato que correspondesse ao texto da imagem. A *fake News* consiste, linguisticamente, em um texto-comentário do autor da postagem de Instagram e um texto contido na imagem falseada, se passando por um tuíte publicado no site X/Twitter. Seguindo os procedimentos de análise anteriormente definidos e demonstrados, reproduzimos, abaixo, os respectivos textos:

(14) “**OLHA O QUE ESSE SER DISSE: ISSO NÃO É FAKE. FALTA DE RESPEITO DESGRAÇADO**” (grifo nosso)

(15) “- Lamento as **cenas de tumulto** que ocorreram em Aparecida durante a minha visita” (grifo nosso)

(16) “- Mas acho que **nenhum padre ou bispo deve dizer onde posso ou não fazer campanha**” (grifo nosso)

(17) “- A **postura arrogante de alguns religiosos explica o crescimento da igreja evangélica e o fracasso da igreja de Roma**” (grifo nosso)

Os trechos da *fake News*, articulando termos que evocam *frames* específicos que estruturam a imagem cognitiva do *frame* BOLSONARO, atuam em conjunto para que essa imagem transpareça uma significação amplamente negativa. Veremos como esse caráter negativo é efetivamente realizado, partindo da tabela hiperonímica de PESSOA, vista em Ziem (2014), e que explica como *frames* são ativados por todos os elementos da língua, mesmo nomes próprios.

Tratando inicialmente do texto-comentário, transcrito em (14), vemos a expressão “esse ser”, ponto de partida para a construção do *frame*. A expressão gera um conflito com relação ao conhecimento que o interlocutor já tem sobre a pessoa Bolsonaro. Esse conflito se dá pois BOLSONARO se generaliza ao esquema PESSOA, mas “esse ser”, desacompanhado de termos como “pessoa” ou “humano”, indica a escolha do autor de afastar a pessoa representada do protótipo PESSOA e se aproximar de um protótipo contrário, como um hipotético NÃO-PESSOA.

Assim, conquanto a expressão se refira ao sujeito representado por BOLSONARO, portanto PESSOA, ela evoca NÃO-PESSOA, o que choca com a representação cognitiva. Esse choque gera um efeito significativo em que certos *slots* parecerão “menos naturais” ao leitor. Essa aparente falta de naturalidade, entretanto, não é um problema para a análise, dado o caráter social, experiencial, e não-objetivo dos *frames* cognitivos, de modo que conceitos inesperados podem ser atribuídos a *slots* que convencionalmente receberiam outros conceitos. Para que essa discussão fique mais clara, vejamos como os primeiros *slots* são preenchidos até então:

- Quem é a pessoa: BOLSONARO
- Essa pessoa é real ou fictícia: REAL
- Quais as características físicas da pessoa: (CONJUNTO DE *FRAMES* CORPO DE BOLSONARO)
- Quais os traços da personalidade da pessoa: NÃO-PESSOA

Vê-se aí a aparente estranheza: como NÃO-PESSOA entra como *filler* do *slot* de personalidade? Essa atribuição só é possível, não cansamos de reforçar, pelo caráter **social e experiencial** de um *frame*: NÃO-PESSOA não é um *frame* fundado em aspectos puramente objetivos ou biológicos, sendo constituído, também, pela experiência de uma sociedade com o que caracterizam por NÃO-PESSOA. PESSOA é caracterizado por uma série de atributos entre os quais se destacam HUMANO e RACIONAL, de modo que NÃO-PESSOA, portanto, evoca conceitos como DESUMANO e IRRACIONAL em sua caracterização. Bolsonaro, portanto, é uma pessoa que, já pela expressão “esse ser”, é afastada do protótipo de humanidade e aproximado do protótipo de desumanidade, acarretando nos seguintes valores de personalidade:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: NÃO-PESSOA → (DESUMANO e IRRACIONAL)

Na sequência, há “ISSO NÃO É FAKE” trecho que atua como um reforço cognitivo do que será explicitado, em que o enunciador mostra aparente conhecimento do que é uma *fake News* e reforça um suposto valor de verdade sobre a mentira exposta. Ainda, atua como um mecanismo ideológico, pois, ao oferecer ao interlocutor a garantia de veracidade da *fake News*, facilita e incentiva sua reprodução.

A formação do *frame* BOLSONARO é continuada no último trecho do texto-comentário, que contém uma opinião direta do autor da publicação e, por isso mesmo, é o texto de maior explicitude ideológica: “FALTA DE RESPEITO DESGRAÇADA.” Conquanto o trecho não acrescente nada no que tange ao conteúdo da mentira, certos *slots* do *frame* são preenchidos a partir da opinião marcada do autor. Importa, para além do próprio conceito de DESRESPEITO imediatamente evocado, os conceitos de moralidade culturalmente assumidos; as noções de moralidade são, na presente sociedade, relacionadas com a noção de respeito ao próximo, e, uma vez que o suposto desrespeito de Bolsonaro é generalizado (pois, até então, não há um alvo explícito do desrespeito), IMORAL é evocado. De modo que:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: DESRESPEITOSO  
NÃO-PESSOA → DESUMANO e IRRACIONAL.
- Qual a moralidade dessa pessoa: DESRESPEITOSO → IMORAL.
- Como essa pessoa age: DESRESPEITOSAMENTE.

“DESGRAÇADA”, um termo de forte peso emocional e cultural, por se tratar de um xingamento direto, não constitui um *filler* próprio, pois é colocado linguisticamente como um modificador de “FALTA DE RESPEITO”. Portanto, apenas reforça o *filler* anteriormente estabelecido, destacando-o.

Passamos, agora, ao texto da *fake News* inscrito na imagem da publicação, correspondente à falsa fala escrita atribuída a Jair Bolsonaro. Na medida em que o texto-comentário oferece uma pré-visualização do *frame* que aqui analisamos, o texto falso de fato é o mais pertinente para a construção de BOLSONARO, pois é posto como fala direta da pessoa. Assim, em (15), há um *filler* a ser evocado e posicionado em alguns dos *slots*, provocado por “cenas de tumulto”: o *filler* TUMULTUADOR, que diz respeito à personalidade e formas de agir da pessoa representada. Portanto:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR  
NÃO-PESSOA → (DESUMANO e IRRACIONAL.)
- Como essa pessoa age: DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR

A reverberação ideológica da junção de DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR leva à imagem de uma pessoa cuja própria presença causa problemas e mal-estar, o que, por si só, demonstra um funcionamento efetivo da *fake News* como instrumento de combate. Essa construção ideológica é a manifestação da estratégia discursiva NÓS x ELES através de meios lexicais, na medida em que o léxico é o mecanismo que, nesta *fake News*, realiza mais claramente a ponte entre cognição de ideologia.

Ao final de (15) há um *filler* que situa a pessoa Bolsonaro no contexto de produção e reprodução da *fake News*, enquanto candidato presidencial: o trecho “minha visita”, se localizado no contexto, remete às visitas de campanha normalmente realizadas pelos candidatos presidenciais em áreas de interesse político. A partir daqui, relembra-se ao interlocutor a posição de Bolsonaro:

- O que essa pessoa faz: CANDIDATO PRESIDENCIAL → PESSOA PÚBLICA

- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa: CANDIDATO PRESIDENCIAL → PESSOA PÚBLICA

Em (16) há um trecho fundamental para a caracterização de Bolsonaro por um viés ideológico negativo, colocando-o contra setores massivos da sociedade brasileira, através de “nenhum padre ou bispo deve dizer onde posso ou não fazer campanha”. Esse trecho efetiva uma construção semelhante à efetuada em LULA em 4.2.1.1, na *fake News* 17, ao situar a pessoa representada a partir de conceitos socioculturais ligados à religião. Aqui, “padre” e “bispo” evocam IGREJA CATÓLICA, denominação mais antiga e de maior impacto social no que tange à sua incrustação histórica na sociedade brasileira.

Há, pelo processo de generalização natural a toda evocação de *frame*, a evocação conjunta de CRISTIANISMO e RELIGIÃO, mas de forma menos destacada, pois o uso de termos específicos da hierarquia católica situa a fala de Bolsonaro como especificamente direcionada à denominação. O enunciado (16) rebate a suposta autoridade católica sobre o candidato, que critica comportamentos e atitudes de membros da Igreja Católica, o que situa Bolsonaro em oposição à referida Igreja. Ainda em (16), há a evocação do *filler* AUTORITÁRIO: Bolsonaro é quem decide o que pode ou não fazer, e nem mesmo a instituição representativa da divindade cristã (segundo o catolicismo) pode rebatê-lo, conforme indicado por “acho que nenhum padre ou bispo deve dizer”. De modo que:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR;  
NÃO-PESSOA → (DESUMANO e IRRACIONAL).  
INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA → AUTORITÁRIO;
- Como essa pessoa age: DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR e AUTORITÁRIO.

E, pelos mesmos encadeamentos e evocações observados na *fake News* n° 17, há uma sequência de *fillers* relacionados à religião que servem à constituição de BOLSONARO, pelo trecho (16):

- Qual a moralidade dessa pessoa: (DESRESPEITOSO e INIMIGO DA IGREJA) → IMORAL.
- Com quem essa pessoa se relaciona: INIMIGOS DA IGREJA → IMORAL.
- Quais as crenças dessa pessoa: INIMIGO DA IGREJA.

- A que grupos sociais essa pessoa pertence: INIMIGOS DA IGREJA.

O dado (17) continua a representar Bolsonaro por esse viés autoritário e desrespeitoso com relação à instituição religiosa, ao destacar a suposta “postura arrogante de alguns religiosos”, destaque atribuído ao próprio Bolsonaro. A oposição à Igreja é, portanto, continuada, mas, em (17), há um ponto que distingue o efeito dessa *fake News* de *fake News* como a analisada em 4.2.1.1: há o contraste entre duas denominações religiosas, de modo que uma é valorizada e a outra diminuída. Esse contraste é explicitado em “o crescimento da igreja evangélica e o fracasso da igreja de Roma”, de modo que CRISTIANISMO agora não serve como *frame* geral que constitua o aspecto negativo de BOLSONARO. Essa generalidade é substituída pela especificidade marcada de IGREJA CATÓLICA, de modo que INIMIGO DA IGREJA precisa ser necessariamente modificado para INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA.

Ao mesmo tempo, um novo *filler* aparece: o *frame* APOIADOR DA IGREJA EVANGÉLICA, ou, genericamente, EVANGÉLICO, como aspecto da personalidade da pessoa Bolsonaro. E, pelos mesmos encadeamentos e evocações observados na *fake News* nº 17, há uma sequência de *fillers* relacionados à religião que servem à constituição de BOLSONARO, pelo trecho (16):

- Quais os traços da personalidade da pessoa: DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR;  
NÃO-PESSOA → (DESUMANO e IRRACIONAL);  
INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA → AUTORITÁRIO;  
APOIADOR DA IGREJA EVANGÉLICA → EVANGÉLICO.
- Qual a moralidade dessa pessoa: (DESRESPEITOSO e INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA) → IMORAL;  
APOIADOR DA IGREJA EVANGÉLICA → MORAL.
- Com quem essa pessoa se relaciona: INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA → IMORAL e DESRESPEITOSO;  
IGREJA EVANGÉLICA → MORAL.
- A que grupos sociais essa pessoa pertence: INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA.
- Quais as crenças dessa pessoa: INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA e EVANGÉLICO.

- A que grupos sociais essa pessoa pertence: INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA e IGREJA EVANGÉLICA.

Há um aparente contraste: como lidar com a evocação conjunta de MORAL e IMORAL? Estes são *frames* são, à primeira vista, opostos e excludentes, sendo preciso rever o *frame* para chegar a algum ponto comum que esclareça a moralidade. Esse ponto comum, para nossa análise, é o que chamamos o conceito OPORTUNISMO, *frame* associado à MORALIDADE e que diz respeito à contraditoriedade da pessoa representada com relação aos próprios valores.

Na *fake News*, Bolsonaro é moral aos evangélicos, imoral e desrespeitoso aos católicos, duas denominações da mesma religião geral cristã: é, portanto, um oportunista, que se alinha a um determinado eixo religioso enquanto desvaloriza outro. OPORTUNISMO, sendo um *frame* de carga sociocultural negativa, por representar uma característica indesejável, é o que realiza o encadeamento a IMORAL, que permanece, portanto, no *frame* BOLSONARO. MORAL sai de cena, pois uma moralidade condicional é tida, socialmente, como um tipo de oportunismo e imoralidade. Simplificando a estrutura do *frame*, portanto:

- Qual a moralidade dessa pessoa: (DESRESPEITOSO e INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA e APOIADOR DA IGREJA EVANGÉLICA) → OPORTUNISTA → IMORAL.
- Com quem essa pessoa se relaciona: (INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA e IGREJA EVANGÉLICA) → OPORTUNISMO → IMORAL.
- A que grupos sociais essa pessoa pertence: (INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA e IGREJA EVANGÉLICA) → OPORTUNISTA.

A pessoa é aqui apresentada, portanto, como alguém que gera conflitos e tumultos, que incentiva barreiras entre religiosos de crenças semelhantes e familiares entre si, e que, portanto, é desrespeitoso, autoritário e bruto. Ao fim da leitura do texto, ao leitor cabe o preenchimento dos *slots* restantes a partir de inferências. O mesmo encadeamento que liga CANDIDATO PRESIDENCIAL a PESSOA PERIGOSA em 4.2.1.1 é aqui retomado, evocado, agora, pela imagem geral exposta acima, de uma pessoa imoral, desrespeitosa, autoritária e bruta. O conhecimento social circulante sobre Jair Bolsonaro permite, também, que *frames* relacionados à política sejam evocados, como PARTIDO LIBERAL → DIREITA POLÍTICA.

Não há, aqui, qualquer referência a algum crime cometido por Bolsonaro, como outrora vimos em LULA, mas isso não é necessário para a conclusão ideologicamente motivada da *fake News*: Bolsonaro é um mau candidato, que provoca desunião entre grupos sociais, autoritário e irracional. Essa imagem condiz com os apontamentos de Van Dijk (2003, 2013, 2018) sobre os modos de construção ideológica nos discursos, em que grupos e sujeitos opostos ideologicamente constroem imagens recíprocas negativas entre si. Isso oferece, aos interlocutores, representações cognitivas que contém um peso social negativo. Em última instância, reforça valores ideológicos de grupos específicos (neste caso, opositores de Bolsonaro) e incentiva um comportamento político que seja influenciado por essas representações. Ao fim, há abaixo a imagem cognitiva de Bolsonaro, que, metonimicamente, reduz a pessoa representada aos valores expostos:

**Quadro 11: *Frame BOLSONARO em fake News nº 84***

<i>Slots do frame PESSOA</i>	<i>Fillers do frame PESSOA em fake News nº84</i>
Quem é a pessoa?	BOLSONARO.
Essa pessoa é real ou fictícia?	REAL.
Quais as características físicas da pessoa?	(CONJUNTO DE <i>FRAMES</i> CORPO DE BOLSONARO).
Quais os traços de personalidade da pessoa?	DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR; NÃO-PESSOA → (DESUMANO e IRRACIONAL); INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA → AUTORITÁRIO; APOIADOR DA IGREJA EVANGÉLICA → EVANGÉLICO.
Qual a moralidade dessa pessoa?	(DESRESPEITOSO e INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA e APOIADOR DA IGREJA EVANGÉLICA) → OPORTUNISTA → IMORAL.
O que essa pessoa faz?	CANDIDATO PRESIDENCIAL.
Como essa pessoa age?	DESRESPEITOSO e TUMULTUADOR e AUTORITÁRIO.

A que grupos sociais essa pessoa pertence?	(INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA e IGREJA EVANGÉLICA) → OPORTUNISTA; PARTIDO LIBERAL → DIREITA POLÍTICA → CONSERVADORISMO.
Quais as crenças dessa pessoa?	(INIMIGO DA IGREJA CATÓLICA e IGREJA EVANGÉLICA).
Com quem essa pessoa se relaciona?	(INIMIGOS DA IGREJA CATÓLICA e IGREJA EVANGÉLICA) → OPORTUNISMO → IMORAL.
Qual o grau de pertinência social dessa pessoa?	CANDIDATO PRESIDENCIAL → PESSOA PÚBLICA → PESSOA IMPORTANTE → PESSOA PERIGOSA.

**Fonte: elaborado pelo autor**

Posto o quadro da representação cognitiva BOLSONARO, segue-se o quadro de efeitos ideológicos promovidos pela *fake News*, através da interface cognição-ideologia-discurso:

**Quadro 12: desconstrução crítica da *fake News* nº 84**

O que faz a <i>fake News</i> ?	Disseminação de falsas falas atribuídas ao candidato Jair Bolsonaro a respeito da Igreja Católica, gerando um conflito religioso e eleitoral.
Quem (re)produz a <i>fake News</i> ?	Criadores e disseminadores de fake news, grupos opositores a Jair Bolsonaro, opositores à direita política.
A quem a <i>fake News</i> visa atingir?	Participantes votantes das eleições de 2022, com foco em religiosos de denominações católicas e evangélicas.
A que grupos a <i>fake News</i> serve?	Opositores de Bolsonaro, opositores à direita política.
De quem a <i>fake News</i> fala?	Jair Bolsonaro, Igreja Católica, Igreja Evangélica.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo NÓS?	Fortalecimento eleitoral e religioso, concretização dos objetivos de incitar o descrédito a Jair Bolsonaro.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo ELES?	Descrédito eleitoral e religioso, prejuízo à campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, perda de força ideológica, social e eleitoral.

**Fonte: elaborado pelo autor**

Ideologicamente, portanto, a *fake News* se concentra no foco gestáltico de Bolsonaro por um viés negativo, deixando como pano de fundo imagens de sujeitos opostos. O destaque preferencial é pelo descrédito da pessoa, reforçando o pensamento de Van Dijk de que estratégias de representação negativa são eficientes para a reprodução ideológica e a manutenção da estrutura NÓS x ELES polarizante. Há a potencialização de efeitos reais, pela tentativa de prejudicar a campanha presidencial de um candidato através da geração de um conflito religioso em um contexto de sociedade altamente religiosa. Não podemos, evidentemente, afirmar que a *fake News* **produz** por si só tais efeitos concretamente, mas os introduz como ações potenciais.

Essa *fake News* se assemelha à primeira *fake News* analisada de LULA, em 4.2.2.1, no que tange à representação negativa de um ator político colocado sob o grupo ideológico ELES. Ambas *fake News* utilizam mecanismos linguísticos semelhantes, especialmente no que tange ao léxico, para a construção de uma imagem cognitiva que faça emergir considerações ideológicas que desvalorizem a pessoa representada. Isso destaca o importante ponto, já apontado por Van Dijk (2013), de que não há uma relação necessária entre grupos ideológicos específicos e estratégias de representação ideológica: as estratégias, por seu caráter cognitivo e, portanto, social e geral, estão disponíveis a todos os grupos, que apenas as materializam em suas concepções específicas.

Encerradas as considerações linguísticas, cognitivas e ideológicas da primeira *fake News* sobre o *frame* BOLSONARO, seguiremos à segunda *fake News*.

#### 4.2.3.2 *Fake News* n° 3

A última *fake News* analisada nesta dissertação se trata de uma imagem divulgada em múltiplas plataformas (dentre as quais *Facebook*, *X/Twitter* e *Whatsapp*), apresentada abaixo conforme retirada do portal de verificação Agência Lupa. A imagem, como as demais utilizadas neste capítulo, apresenta marcas d'água próprias da agência para informar ao leitor que se trata de uma imagem falsa, publicada com o objetivo de enganar interlocutores:

Figura 16: *fake News* n° 3



Fonte: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/04/29/elon-musk-voto-bolsonaro>> Acesso em: 20/11/2024

O portal Agência Lupa, em verificação publicada 29/04/2022, não conseguiu apontar a origem exata da *fake News*, mas pôde precisar quais redes sociais em que ela se proliferou, consistindo nas redes mencionadas no parágrafo anterior. A falsidade da imagem consiste na invenção de uma fala atribuída ao empresário Elon Musk — atual proprietário da rede social *X/Twitter* e, em 2025, nomeado Administrador do Departamento de Eficiência Governamental pelo presidente Donald Trump. A falsa fala apresenta um suposto apoio de Elon Musk ao então candidato presidencial Jair Bolsonaro, fato que, se verdadeiro, indicaria uma importante fonte de apoio internacional ao candidato, mas é uma *fake News* com grande potencial de influenciar eleitores (veremos, mais à frente, como esse potencial se concretiza na imagem cognitiva criada sobre o candidato). Ainda, apesar da marca d'água do portal de verificação ocultar o trecho final da imagem, a *fake News* afirma que a fala foi registrada em entrevista pelo jornal americano *The New York Times*, uma das maiores agências jornalísticas do mundo, o que, igualmente, favorece o potencial de influência da *fake News*.

Observarmos que se trata de uma notícia falsa e que constitui crime de falsidade ideológica. A falsidade da imagem se constitui pelo fato de que, segundo a Agência Lupa, não há qualquer registro da fala atribuída a Elon Musk em entrevista ao *The New York Times*, ou em qualquer outro *site* de internet. A fala, portanto, é inteiramente fabricada, bem como a imagem ao fundo do texto, que, após investigação digital, provou-se uma montagem, em que o rosto de Elon Musk foi posicionado sobre o rosto de Paulo Skaf, presidente da Fiesp, em fotografia de 2019<sup>66</sup>.

Constatada a falsidade da *fake News*, seguiremos os procedimentos de análise propostos, começando pela transcrição dos trechos da *fake News*. Não há, aqui, um texto-comentário que acompanha a publicação original da *fake News*, uma vez que tal publicação não foi encontrada. Detemo-nos, portanto, aos trechos inscritos na própria imagem:

(18): “Quando tive o **prazer** de conhecer **Bolsonaro**, (grifo nosso)

(19): “tive a **certeza** de que ele é o **homem certo** para **levar essa grande nação adiante**,” (grifo nosso)

(20): “por isso, **em 2022**, meu **voto de confiança** é em **Jair Messias Bolsonaro**.” (grifo nosso)

(21): “Elon Musk, **dono do Twitter**, ao **The New York Times**.” (grifo nosso)

Como continuamos a analisar o *frame* BOLSONARO, permanecemos sob o quadro do hiperônimo PESSOA, com as perguntas configuradoras de *slots* bem definidas. Não há mudança no que tange ao preenchimento dos primeiros *slots*, portanto não os repetiremos (identidade, realidade e aspectos físicos).

A leitura inicial da *fake News*, anterior à análise linguística crítica, já faz emergir uma interpretação positiva da figura de Bolsonaro, por motivos como o já indicado em parágrafos anteriores: a amizade de uma figura empresarial internacional, atualmente consistindo no homem mais rico do mundo, e que representa um setor crescente da extrema-direita política<sup>67</sup>, é de grande importância para uma campanha presidencial política. Mesmo aos opositores, a interpretação é a de um candidato com um apoio forte e

---

<sup>66</sup> A página de internet em que a fotografia original apareceu inicialmente está fora do ar, mas a fotografia original pode ser observada em outros sites, como: <<https://www.meiahora.com.br/geral/2020/07/5951794-apos-reuniao-com-bolsonaro--paulo-skaf-e-internado-com-coronavirus-no-sirio-libanes.html>>. Acesso: 13/11/2024

<sup>67</sup> De alguns anos para cá, Elon Musk vêm se tornando uma figura protagonista na proliferação de discursos e grupos direitistas de viés reacionário e anti-coletivistas, comumente chamados de *alt-right* (direita alternativa). Para fatos mais recentes que ilustram essa aproximação de Musk às ideias da direita, segue reportagem sobre a participação do mesmo em eventos de extrema-direita após a eleição de Donald Trump em 2025: <<https://veja.abril.com.br/mundo/a-participacao-de-elon-musk-em-comicio-da-extrema-direita-alema>>. Acesso: 13/11/2024

importante. Veremos como essa interpretação é construída cognitivamente pela movimentação de *frames* ao longo do texto, começando por (18), em que BOLSONARO é evocado pelo nome próprio “Bolsonaro”, e imediatamente configurado pela expressão “prazer de conhecer”.

A expressão “prazer de conhecer” é corriqueira no português brasileiro, geralmente acompanhada de cumprimento ou para se referir a alguém que o falante acabou de conhecer, como forma de criar uma imagem positiva e elogiosa do sujeito conhecido. A expressão carrega uma significação de valor emocional positivo, expressando uma satisfação do falante para quem ele se refere, dando a entender que, nas características próprias da pessoa referida, há qualidades desejáveis que fazem com que conhecê-la seja proveitoso. Podemos retirar daí uma representação abstrata de CARISMA, que acompanha da personalidade da pessoa que se conheceu:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CARISMÁTICO.

O *frame* carismático é ainda um *filler* de pouco impacto na constituição de BOLSONARO, pois o texto está apenas no começo e há pouco ou nada ainda a ser dito com relação a seu conteúdo. É apenas um *frame* que antecipa certos modos de apreender a figura de Bolsonaro conforme a *fake News* avança, buscando gerar, no interlocutor, uma expectativa que corresponda ao carisma apontado. Isso prepara a efetividade ideológica da *fake News* ao gerar uma ligação emocional inicial entre interlocutor e pessoa representada, uma vez que o interlocutor, se se corresponde às expectativas da *fake News*, estará mais disposto a se afeiçoar a Bolsonaro.

Em (19) observamos o trecho com maior impacto na caracterização de BOLSONARO com relação aos *frames* ativados lexicalmente: após “certeza”, que confere ao julgamento de Musk um grau de relevância destacado ao que afirma, há a qualificação de Bolsonaro como **“homem certo”** para **“levar essa grande nação adiante”**. Como “homem certo”, Bolsonaro reafirma a certeza de Musk com relação ao dever atribuído à sua pessoa: a responsabilidade pela nação.

Mas essa responsabilidade não é afirmada de modo objetivo ou neutro: é construída de modo a representar a pessoa sob uma luz positiva, que, ideologicamente, reafirma as crenças de um determinado grupo e influencia pessoas fora desse grupo com relação a seus valores. Essa construção é inicialmente impulsionada por “homem certo”, que confere a BOLSONARO um aspecto de determinação importante para o que será dito a seguir. A

palavra “certo” se associa sintaticamente à expressão “grande nação adiante” por meio de um vínculo de finalidade (“para levar”).

O verbo “levar” metaforicamente estabelece Bolsonaro como a pessoa que pode conduzir os rumos do país, caracterizado como “grande nação”, expressão que evoca *frames* centrados na representação geral de NACIONALISMO e que ainda remete ao *slogan* da extrema-direita estadunidense centrada em Donald Trump, “Make America Great Again” (“Faça América Grande de Novo”), tradução nossa. Essa similaridade impulsiona no leitor a proximidade entre as lideranças da extrema-direita no Brasil e nos EUA, proximidade corroborada pela suposta amizade de Elon Musk.

Na falsa fala de Musk, Bolsonaro não é apenas um personagem importante para a condução política do país, é também inscrito dentro de um panorama de ideologias nacionalistas que garantem ao governante uma carga de responsabilidade ainda maior. BOLSONARO, na perspectiva da *fake news*, é um LÍDER DETERMINADO apto a GOVERNAR uma GRANDE NAÇÃO. Há uma noção de continuidade evocada por “adiante”, que se encaixa no contexto político e histórico em que a *fake News* é inserida: as eleições presidenciais de 2022, que garantiriam a continuidade do mandato de Jair Bolsonaro, caso o candidato fosse vitorioso. Essa noção de continuidade destaca ao interlocutor o *filler* CANDIDATO PRESIDENCIAL, que contextualiza e dá sentido a todo o trecho (19), garantindo que a pessoa representada é a candidata mais indicada ao cargo presidencial. Vejamos como está, até agora, o *frame* BOLSONARO, para que a discussão deste parágrafo fique mais clara:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CARISMÁTICO e NACIONALISTA e LÍDER DETERMINADO.
- O que essa pessoa faz: (CANDIDATO PRESIDENCIAL e LÍDER DETERMINADO) → MELHOR CANDIDATO.
- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa: CANDIDATO PRESIDENCIAL

O *frame* NACIONALISMO, entretanto, é mais complexo do que aparenta: é um *frame* que se relaciona intimamente com concepções morais, políticas e sociais, sobre o que é certo ou errado, deveres e obrigações. Segundo Lakoff (2010), NACIONALISMO é um modelo cultural relacionado a concepções ideológicas alinhadas à direita conservadora, não de forma absoluta, mas tendencial, na medida em que setores sociopolíticos direitistas conservadores tendem a compartilhar visões nacionalistas.

Tais visões situam o país como um organismo munido de autoridade, um composto coletivo em que cada pessoa tem seu papel a cumprir em prol da ideia de nação. A nação, nessa ótica ideológica, requer um líder que corresponda à sua necessidade de autoridade e austeridade, que seja absolutamente moral e correto, cujas vontades próprias sejam preteridas em favor do construto NAÇÃO. O *frame* NACIONALISMO está alinhado às pautas da extrema-direita e, não por acaso, tal *frame* é ativado.

Donde, *frames* como MORALIDADE, ABNEGAÇÃO, DEDICAÇÃO, DIREITA CONSERVADORA e FORTE são imediatamente evocados quando a representação NACIONALISTA é promovida pelo texto. Há, ainda, um último *frame* que merece destaque, evocado por NACIONALISMO, que requer uma discussão mais cuidadosa, pelos efeitos que provoca: o *frame* AUTORITÁRIO. Esse *frame* é um *subframe* de NACIONALISMO na medida em que adotemos as considerações de Lakoff (1996) sobre os modelos culturais conservadores e progressistas. O modelo cultural conservador, ancorado no modelo familiar PAI AUTORITÁRIO, engloba, ao mesmo tempo, a ideia de nação enquanto unidade absoluta a partir da relação entre governo e família, e a ideia de autoritarismo necessário, uma vez que essa unidade é gerida, na família, pelo pai, e no governo pelo governante.

Daí, portanto, surge AUTORITÁRIO em relação com NACIONALISMO, mesmo sem índices lexicais específicos que provoquem essa ativação. Vimos, nas subseções 4.2.2.1 e 4.2.3.1 que AUTORITÁRIO levava a significações negativas, indesejáveis, prejudicando a imagem total da pessoa representada. Aqui, entretanto, AUTORITÁRIO aparece como um traço positivo, ideal para a concretização da imagem de Bolsonaro como um líder nacionalista; o que muda?

A mudança se dá justamente pelo *frame* NACIONALISMO evocado, que, ao lado de AUTORITÁRIO, constrói uma imagem em que a autoridade do líder nacional deve ser incentivada, e não combatida. Interessantemente, na mesma medida em que o *frame/filler* AUTORITÁRIO serve como reforçador das crenças ideológicas da *fake News*, também afasta e exclui as pessoas opositoras. É a expressão mais clara da força contraditória das *fake News*, que reforçam a polarização ideológica ao reforçar o próprio grupo, e afastar grupos contrários. Portanto:

- Quais os traços da personalidade da pessoa: CARISMÁTICO e LÍDER DETERMINADO;

NACIONALISTA → (ABNEGADO e MORAL e FORTE e AUTORITÁRIO e DEDICADO).

- Qual a moralidade dessa pessoa: MORAL.
- O que essa pessoa faz: (CANDIDATO PRESIDENCIAL e LÍDER DETERMINADO) → MELHOR CANDIDATO.
- Como essa pessoa age: AUTORITÁRIO e DEDICADO e LÍDER DETERMINADO.

O trecho em (20) não acrescenta novos *fillers* ao *frame*, mas reforça o contexto de produção da *fake News* por “em 2022” e, especialmente, “voto de confiança”. Este último, através da palavra “voto”, evoca diretamente o contexto eleitoral, ainda que a palavra esteja inscrita em uma expressão maior “voto de confiança” — expressão corriqueira que indica uma forte confiança do enunciador a quem se refere, no que tange a algum feito específico. “Voto”, evocando PROCESSO ELEITORAL, retoma ao interlocutor o fato mais importante no que diz respeito à função da *fake News*: Bolsonaro não é apenas um bom líder, é um **candidato presidencial**; portanto, precisa ser eleito, e é nisso que a *fake News* pretende influenciar.

É importante notarmos como “voto” só pode aparecer, na *fake News*, em uma expressão do tipo “voto de confiança”, pois a significação da expressão **como um todo** não se refere às eleições, o que permite que Elon Musk fale de “voto” mesmo que não possa participar diretamente do processo eleitoral brasileiro. Esse é um jogo linguístico eficiente, que evoca o contexto eleitoral e relembra sua importância ao interlocutor, sem dar a entender que Elon Musk, estadunidense, tenha algum poder direto sobre as eleições brasileiras. Ao final, (20) traz o nome completo de Bolsonaro, que, como um nome próprio, serve de evocador do *frame* BOLSONARO integralmente, com seus valores já parcialmente atualizados pelos trechos anteriores (18) e (19).

O último trecho da *fake News*, (21), atua funcionalmente como um trecho que reforça as opiniões da citação anterior, dividida em (18), (19) e (20). O trecho não diz nada diretamente sobre Bolsonaro, mas o faz implicitamente, por atribuir à fala citada a autoria de Elon Musk, bilionário estadunidense, aliado de setores da extrema direita e conservadores. A importância de Elon Musk é referenciada por “dono do Twitter”, conferindo a Musk a propriedade de uma das maiores redes sociais do mundo atual. Dando a entender que Musk apoia e tem amizade a Bolsonaro, a *fake News*, portanto, estende a

Bolsonaro a importância internacional de Elon Musk, através da falsa proximidade que constrói entre ambos. Assim, *frames* como INFLUENTE e IMPORTANTE são evocados para configurar BOLSONARO, acrescentando às características positivas já evocadas:

- Qual o grau de pertinência social dessa pessoa: CANDIDATO PRESIDENCIAL e INFLUENTE e IMPORTANTE.
- Com quem essa pessoa se relaciona: ELON MUSK → EXTREMA-DIREITA INTERNACIONAL.

A imagem como um todo gerada por essa *fake News* sobre o *frame* BOLSONARO pode ser colocada no seguinte quadro:

**Quadro 13: *Frame* BOLSONARO em *fake News* nº 3**

<i>Slots do frame</i> CRIME	<i>Fillers do frame</i> CRIME em <i>fake News</i> nº17
Quem é a pessoa?	BOLSONARO.
Essa pessoa é real ou fictícia?	REAL.
Quais as características físicas da pessoa?	(CONJUNTO DE <i>FRAMES</i> CORPO DE BOLSONARO).
Quais os traços de personalidade da pessoa?	CARISMÁTICO e LÍDER DETERMINADO; NACIONALISTA → (ABNEGADO e MORAL e FORTE e AUTORITÁRIO e DEDICADO).
Qual a moralidade dessa pessoa?	NACIONALISTA → MORAL
O que essa pessoa faz?	(CANDIDATO PRESIDENCIAL e LÍDER DETERMINADO) → MELHOR CANDIDATO.
Como essa pessoa age?	AUTORITÁRIO e DEDICADO e LÍDER DETERMINADO.
A que grupos sociais essa pessoa pertence?	EXTREMA-DIREITA POLÍTICA → CONSERVADORISMO
Quais as crenças dessa pessoa?	NACIONALISMO
Com quem a pessoa se relaciona?	ELON MUSK → EXTREMA-DIREITA INTERNACIONAL.

Qual o grau de pertinência social dessa pessoa?	CANDIDATO PRESIDENCIAL e INFLUENTE e IMPORTANTE.
---	--

**Fonte: elaborado pelo autor**

E, quanto ao quadro de reverberações ideológicas geradas pela *fake News*, temos o seguinte:

**Quadro 14: desconstrução crítica da fake News nº 3**

O que faz a <i>fake News</i> ?	Disseminação de uma falsa fala atribuída a Elon Musk sobre as qualidades de liderança de Jair Bolsonaro, gerando um efeito de proximidade entre as pessoas da <i>fake News</i> e uma imagem positiva do candidato presidencial.
Quem (re)produz a <i>fake News</i> ?	Criadores e disseminadores de fake news, grupos alinhados a Jair Bolsonaro, extrema-direita política.
A quem a <i>fake News</i> visa atingir?	Participantes votantes das eleições de 2022 em geral, tanto os já alinhados com Bolsonaro, quanto indecisos e opositores.
A que grupos a <i>fake News</i> serve?	Apoiadores de Jair Bolsonaro.
De quem a <i>fake News</i> fala?	Jair Bolsonaro, Elon Musk, nacionalistas, extrema-direita nacional e internacional.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo NÓS?	Fortalecimento da campanha eleitoral, reforço dos valores ideológicos do grupo, demarcação clara das bordas do grupo através do recurso ao nacionalismo.
Quais consequências da <i>fake News</i> ao grupo ELES?	Afastamento de opositores, demarcação clara das bordas dos grupos externos.

**Fonte: elaborado pelo autor**

O contraste entre as duas *fake News* sobre BOLSONARO, esta e a anterior (seção 4.2.3.1) reflete de forma muito aproximada o contraste entre as *fake News* sobre LULA. Essa reflexão ilustra a forma como distintos grupos ideológicos utilizam estratégias, mecanismos e significações parecidas em material linguístico como as *fake News*. Mesmo que seus valores internos sejam diferentes entre si, e mesmo que almejem diferentes projetos de sociedade, as táticas utilizadas se aproximam na medida em que articulam estratégias linguísticas e cognitivas próximas.

Observamos, no nível do léxico, a utilização de palavras que evocam representações negativas que remetem à imoralidade, criminalidade e autoritarismo egoísta, quando o objetivo é desmoralizar a pessoa representada; e termos positivos que

remetem à moralidade, carisma, boa liderança e dedicação quando o objetivo é apoiar a pessoa representada.

No nível da organização cognitiva ideológica mais abstrata, seguindo Van Dijk (2013), há a manifestação da estratégia geral NÓS x ELES, concretizando, nas imagens construídas, a divisão clara entre o grupo e os opositores ao grupo. O grupo é ilustrado sempre pelo viés positivo, através do processo metonímico em que a pessoa referenciada representa o grupo inteiro; e o grupo opositor é ilustrado sempre pelo viés negativo, pelo mesmo processo metonímico.

Encerradas as análises das *fake News*, partiremos, na próxima seção, para o agrupamento dos resultados gerais observados e faremos uma discussão geral sobre as representações ideológicas nas *fake News*.

### **4.3 Resultados e representações ideológicas nas *fake News***

Os resultados encontrados nas análises realizadas nos esclarecem sobre o modo de atuação da cognição como umnexo entre língua e ideologia. É através das construções cognitivas complexas que valores ideológicos abstratos são materializados na língua, reproduzindo, no corpo das *fake News*, modos específicos de ver e viver o mundo que se fundamentam cognitivamente. A cognição, como pudemos ver nas análises, fornece os mecanismos de instanciação e elaboração de conceitos que articulam conhecimentos diversos de mundo, e que se convencionalizam em formas simbólicas compartilhadas na forma da língua.

São diversos os resultados das análises que demonstram esse papel central da cognição da estruturação de *fake News*, enquadrados no objetivo do trabalho: descrever criticamente os modos de organização ideológica das *fake News* através dos *frames* CRIME, LULA e BOLSONARO. Os quadros de organização cognitiva dos *frames* e os quadros de desconstrução crítica dos efeitos ideológicos não precisam ser repetidos, bastando-nos unir suas considerações.

Quanto ao *frame* CRIME, observamos como as *fake News* fazem uso de referências a crimes reais para posicionar uma pessoa em enquadramentos negativos. Através da falsa atribuição de um crime a uma pessoa, há a construção de uma imagem cognitiva que, metonimicamente, reduz a totalidade do sujeito real representado às significações emergentes culturais negativas. LULA e BOLSONARO viram criminosos: suas características reais, suas complexidades particulares, ou seja, o que de fato os diferencia

enquanto sujeitos, fica nublado diante do rótulo CRIMINOSO, a partir da evocação do *frame* CRIME. As *fake News*, assim, não se intimidam diante do fato de que elas mesmas cometem um crime ao atribuir, falsamente, atitudes e ações criminosas às pessoas representadas.

Seu objetivo e, a partir dele, seus efeitos, é primordialmente construir representações sobre pessoas reais e pertinentes politicamente que colaborem para o reforço dos valores de grupos ideológicos, a demonização de grupos opositores, e a influência no comportamento eleitoral. CRIME, assim, é um *frame* de maior generalidade que, evocado e elaborado conforme visualizado pelas análises, permite a condução linguística e conceitual — e, portanto, cognitiva — de representações ideológicas. Ainda, a recorrência com o que o *frame* CRIME se manifesta em *fake News* eleitorais promove uma contínua relação entre o processo eleitoral e a prática criminosa, aproximando especificamente PROCESSO ELEITORAL e CORRUPÇÃO. Tal recorrência relacional reforça sentidos comuns circulantes sobre um suposto caráter essencialmente negativo da política: “político nenhum presta”.

Conquanto não tenhamos encontrado o *frame* CRIME na caracterização de Bolsonaro no *corpus* — indicando uma prevalência de CRIME com relação a LULA — as *fake News* que representam negativamente o candidato fazem uso de estratégias semelhantes às que abordam LULA. Muitos dos resultados observados, conforme pudemos ver em 4.2.2 e 4.2.3 são similares, na medida em que tanto LULA quanto BOLSONARO são representados por meio de *fillers* semelhantes, como AUTORITÁRIO e PESSOA PERIGOSA. Há, assim, a construção de ambos como sujeitos indesejáveis, o que, no contexto eleitoral presidencial, é fortemente nocivo. Um candidato possui um conjunto de expectativas sociais e linguísticas que constroem sua imagem pretendida, de modo que, quando contrariando essa imagem, há a produção do efeito negativo.

Ainda, LULA é representado por meio do uso de CRIME, ao passo que BOLSONARO não o é: tal resultado mostra que, mesmo que ambos espectros políticos façam uso de estratégias linguísticas e cognitivas que favoreçam sua ideologia, há diferenças em pontos específicos. A atribuição de CRIME a LULA parece ilustrar o modo como setores sociais e políticos opositores a LULA tendem a enxergar o candidato, a partir de experiências históricas.

BOLSONARO, por outro lado, é representado como AUTORITÁRIO, o que, pelo mesmo modo de discussão de LULA, representa o modo como setores opositores do

candidato Bolsonaro tendem a representar o candidato. Se Lula é comumente visto por seus opositores como um criminoso e inimigo dos valores, Bolsonaro é comumente visto como autoritário e animalesco.

As representações positivas dos candidatos fazem uso de *fillers* que também se assemelham, os posicionando como BONS LÍDERES e BONS CANDIDATOS. Há, nesse sentido, a preferência primária pela representação de uma boa opção eleitoral, mais do que a construção de valores emocionais e culturais. Mesmo assim, esse valores emocionais e culturais aparecem: LULA é BOM, assim como BOLSONARO; ambos são MORAIS, e, se LULA é PACIFICADOR, BOLSONARO é CARISMÁTICO.

As *fake News*, portanto, fazem uso de diversas estratégias: representações negativas e positivas, atribuições ilegais de crimes e comportamentos inadequados e manipulação das imagens cognitivas geradas para favorecer um ou outro pólo ideológico no contexto eleitoral. Esse manejo ideológico por meio da estrutura linguística das *fake News* é feito, majoritariamente, por meio da expressão lexical de conceitos, mas, em concordância com a visão da LC (Langacker, 2008), também por meio da gramática. Estratégias como a atribuição causativa por meio do uso da preposição “de”, utilizada ao longo das *fake News* (em especial em 4.2.1.2), paralelismo estrutural (4.2.2.2), conjunções adversativas (“mas”, “apesar”, etc.), etc, aparecem como estruturantes coesivas das *fake News*.

A expressão lexical, que mais nos interessa aqui, faz uso frequente de termos explicitamente negativos, o que, num contexto jornalístico, é um dos índices mais frequentes e presentes nas *fake News*. É um índice de demarcação entre o que normalmente se espera de uma notícia jornalística de fato, ou de uma fala atribuída a um sujeito cujo comportamento deve ser formal (como os candidatos presidenciais), e um texto produzido com o intuito de criar uma imagem ideológica falsa sobre uma pessoa. Essas expressões, na medida em que evocam conceitos com uma carga cultural negativa ou positiva forte, atuam na concretização ideológica explícita, manifestando, em sua forma mais clara, a estratégia NÓS x ELES (Van Dijk, 1998, 2003, 2017). Vê-se, pelos resultados encontrados, como essa estratégia permeia toda a forma textual das *fake News*, sendo sua expressão mais clara e recorrente, situando os textos como instrumentos de combate a favor de grupos ideológicos (Alves e Maciel, 2019; Freitas, 2021).

Outro importante resultado diz respeito ao caráter inferencial de parte dos conhecimentos articulados na significação de um *frame*. Vimos que o material linguístico das *fake News* confere somente parte dos valores conceituais a serem atribuídos aos *slots*,

de tal modo que o interlocutor precisa preencher os demais valores a partir de uma gama conceitual não expressa linguisticamente: esse conhecimento adicional compreende, por exemplo, eventos e acontecimentos históricos na sociedade brasileira (como o escândalo do Mensalão, maior fator para a evocação do *frame* CORRUPÇÃO ao se compreender LULA), conhecimentos gerais adquiridos pela experiência cotidiana (os significados dicionarizados advêm da solidificação dessa experiência, contribuindo para o entendimento figurado de ANIMAL, por exemplo), processos lógicos que emergem pelo conhecimento da cultura, sociedade e política (a inferência de que DETERMINADO ou CONCILIADOR são valores que conduzem a BOM LÍDER e BOM CANDIDATO).

Esse resultado concorda com a concepção de semântica da Semântica de *Frames* e da LC num geral, em que a distinção entre conhecimento linguístico e enciclopédico é desfeita em prol de uma compreensão do significado motivado pelo contexto: existe uma gama potencialmente ilimitada de conhecimentos e conceitos que podem qualificar um termo linguístico, e cada interação localizada, bem como a memória do sujeito dessas interações, é responsável por afunilar esse conjunto. O conhecimento específico dos termos é, assim, variável e fluido, reconstruído a cada interação e experiência a partir do que o falante já sabe sobre sua própria língua, história, cultura e sociedade. É a partir disso que o mesmo *frame* pode ser construído de formas diferentes, positivas ou negativas, e é essa a base da manipulação das *fake News*: as ideologias polarizantes observadas concretizam seus valores pelo modelamento perspectivado, fluido e variável da língua.

Conhecendo o modo de atuação e organização de *fake News* centradas em atores políticos — por meio da construção deliberada de *frames* que expressem significados ideológicos específicos — propostas de *reframing*, ou seja, de desorganização dos *frames*, são possíveis e viáveis. Pelo questionamento das imagens cognitivas produzidas, e pela exposição das falsas atribuições promovidas pelas *fake News*, os *slots* dos *frames* podem ser reorganizados e seus efeitos diminuídos; essa, afinal, é uma das bases da mudança semântica, conforme apontada por Fillmore (1982, p. 126) ao tratar dos pares em inglês BOY:MAN::GIRL:WOMAN:

“Vários tipos de mudança semântica podem ser iluminados considerando o fenômeno [de mudança] em termos da semântica de *frames*. Um importante tipo de mudança consiste em reconstituir as circunstâncias motivadoras enquanto se preserva o item lexical e seu pertencimento básico à cena associada. Pessoas observando certos usos do Inglês com um olhar voltado às preocupações feministas vêm percebendo certas assimetrias nos conjuntos de condições de uso das palavras na proporção MENINO:HOMEM::MENINA:MULHER. Em particular, no padrão de

uso que tenho em mente, os homens parecem ser classificados como HOMENS em uma idade mais precoce do que aquela em que as mulheres são classificadas como MULHERES. Várias pessoas, acreditam que esse padrão de uso revela atitudes em relação às mulheres (ou um histórico de atitudes em relação às mulheres refletido no uso convencional atual, possivelmente na independência das próprias atitudes do usuário) que deveriam ser corrigidas. (Ibidem, tradução nossa) <sup>68</sup>

Se CRIME acaba sendo contextualizado como um *frame* que faz uso de *frames* pessoas para representar falsamente as pessoas representadas como criminosas, e se LULA e BOLSONARO são construídos em *fake News* a partir de índices lexicais emocionais, difamatórios ou congratulatórios, ou puramente equivocados, cabe quebrarmos a naturalidade do contexto textual que são as *fake News* e apontá-las como tais. Ao identificar um texto como uma *fake News*, através de estratégias que podem ser desenvolvidas a partir deste trabalho, ao interlocutor é requerido um processo de *reframing* consciente. Esse *reframing* situa a *fake News* como a interação que de fato é: um instrumento textual de proliferação de ideologias polarizantes através da mentira, da desonestidade e da falta de ética. Assim, os *frames* intencionados pelas *fake News* podem ser situados criticamente nesse novo contexto de produção, e as pessoas representadas podem ser observadas e criticadas a partir de textos genuínos e factuais.

Esse trabalho de crítica ideológica é tornado possível a partir das análises realizadas neste capítulo e dos resultados nela obtidos, que, reunidos, mostram os modos de organização ideológica através de mecanismos específicos de constituição de *frames*. As análises aqui realizadas, portanto, demonstram a capacidade da Semântica de *Frames* de ser um construto teórico sólido e eficiente para a descrição de material empírico, como também de colaborar para a discussão crítica de um problema social crescente.

---

<sup>68</sup> Do original inglês: “Various kinds of semantic change can be illuminated by considering the phenomena in frame semantic terms. One important type of change consists in reconstituting the motivating circumstances while preserving the lexical item and its basic fit with the associated scene. People observing certain usages of English with an eye to feminist concerns have noticed tendencies on the part of many speakers to have certain asymmetries in the sets of conditions for using the words in the proportion BOY:MAN::GIRL:WOMAN. In particular, in the usage pattern that I have in mind, males appeared to be classified as MEN at an earlier age than that at which females are classified as WOMEN. A number of people, sensing that this usage pattern revealed attitudes toward females (or a history of attitudes toward females reflected in current conventional usage possibly in independence of the user's own attitudes) which ought to be corrected.”

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação, apresentamos a Semântica de *Frames* como um dos pólos essenciais da Linguística Cognitiva, colaborando diretamente para a análise e descrição do funcionamento de fenômenos reais da língua. Elaborada ao longo de décadas por teóricos pertinentes ao campo da LC — dentre os quais se destacam Charles Fillmore, George Lakoff, Eve Sweetser, Alexander Ziem, Paulo Duque, dentre outros —, a Semântica de *Frames* é um projeto teórico continuado, impulsionado por uma gama crescente de trabalhos, dentre os quais este se posiciona. Dentro desse panorama teórico, observamos como ideologias sociais polarizantes, no contexto das eleições presidenciais de 2022, são manifestas, elaboradas e organizadas por meio de *frames* cognitivos em *fake News*. Ou seja, mostramos como a linguagem, a partir de sua base cognitiva, produz e reproduz vieses ideológicos em *fake News*, através das perspectivas produzidas na/pela língua.

Para a realização do trabalho, aplicamos a teoria dos *frames* a um *corpus* de 135 *fake News*, selecionando, para análises representativas, 6 *fake News*, divididas conforme o seguinte: 2 *fake News* com destaque ao *frame* CRIME; 2 *fake News* com destaque ao *frame* LULA; e 2 com destaque ao *frame* BOLSONARO. Utilizamos a metodologia operacional de Ziem (2014), reduzindo os três *frames* a hiperônimos advindos da experiência, descrevendo em seguida quais *fillers* foram preenchidos em quais *slots* em cada *fake News*. Cada descrição do funcionamento linguístico e cognitivo foi acompanhada de uma exposição das implicações ideológicas desse funcionamento; ou seja, como a organização de cada *frame* permite à *fake News* correspondente realizar seus objetivos. Ao fim, os **seguintes resultados foram encontrados na análise:**

- O *frame* CRIME aparece nas *fake News* analisadas pela atribuição falsa de um crime à pessoa abordada na *fake News*. Não foram encontrados, no *corpus*, *fake News* em que CRIME selecionasse BOLSONARO como *filler* de seus *slots* referentes ao agente da ação.
- Com relação aos *slots* referentes aos entes prejudicados pela ação, CRIME seleciona POPULAÇÃO como *filler*. Isso é indicativo da gravidade do crime e, num contexto eleitoral, tem relação direta com a intenção da *fake News* em desvalorizar a campanha do candidato a que se refere.

- Nos três *frames*, o mecanismo da metonímia é utilizado para sintetizar, em uma representação geral simplificada e ideologicamente motivada, a imagem total do sujeito em torno de um valor positivo ou negativo.
- Em LULA e BOLSONARO, há estratégias semelhantes de representação ideológica por meio de *frames*: utilização de conceitos que representam o sujeito positivamente (como BOM CANDIDATO, CONCILIADOR, CARISMÁTICO, MORAL) para fortalecer o candidato e os valores dos grupos que se alinham a ele; conceito negativos (CRIMINOSO, IMORAL, BRUTO, AUTORITÁRIO) para desmerecer o candidato opositor e grupos alinhados a ele.
- Entretanto, há diferenças na aplicação da estratégia aos dois *frames*, indicativas das tendências dos diferentes grupos ideológicos. Negativamente, com relação a LULA, há a tendência de apontar a imoralidade com relação a um modelo cultural mais conservador, no qual se ancoram as mentiras das *fake News*: Lula é imoral por se aliar aos LGBTQIA+, por contradizer o cristianismo, por ser um suposto criminoso. Com relação a BOLSONARO, a relação é com um modelo cultural mais liberal: Bolsonaro é imoral por ser autoritário, bruto, disruptivo com relação às diferentes igrejas cristãs.
- Positivamente, as diferenças entre as estratégias são menos visíveis, e vemos uma tendência geral de evocar o conceito BOM CANDIDATO a partir de uma noção de BOA LIDERANÇA. Entretanto, há uma diferença importante: na representação positiva de BOLSONARO, o conceito AUTORITÁRIO é evocado para a conexão com BOM CANDIDATO. Em LULA, AUTORITÁRIO é visto por um olhar estritamente negativo.
- Uma possível explicação para essa diferença de efeito de AUTORITÁRIO nas *fake News* relacionadas a Lula e Bolsonaro é a presença de diferentes modelos culturais políticos baseados em modelos familiares: grupos alinhados a Lula tendem a pensar a política em termos do modelo cultural familiar PAI PROTETOR, ao passo em que grupos alinhados a Bolsonaro tendem a aplicar o modelo PAI AUTORITÁRIO (Lakoff, 2009). O reforço da autoridade por meio da aplicação unilateral de força é, portanto, vista por um lado como positiva e por outro como negativa.
- Entretanto, ao representar LULA negativamente, o traço AUTORITÁRIO é apresentado como negativo: a *fake News*, portanto, parece falar não somente ao próprio grupo, mas a grupos que compartilham de modelos culturais distintos.

Apesar de AUTORITÁRIO provocar um efeito positivo na construção positiva de BOLSONARO, como os grupos aliados a Lula veem AUTORITÁRIO como negativo, é necessário concordar com essa mudança, se a *fake News* pretende influenciar e manipular as pessoas.

- Como resultado geral, portanto, há a atribuição de qualidades negativas como criminalidade e imoralidade ao grupo ELES, através de itens lexicais, e qualidades positivas como capacidade de liderança, carisma e boa moral, ao grupo NÓS, também por meios lexicais. Dessa forma, os três frames, CRIME, LULA e BOLSONARO constroem uma imagem positiva de um candidato e uma imagem negativa do outro candidato, conduzindo a interpretação do leitor como forma de aproximá-lo do ponto de vista falso e ideológico
- Os *frames*, portanto, são evidentemente flexíveis mesmo dentro de um mesmo grupo ideológico. As significações da língua são maleáveis e variáveis pelo contexto linguístico, discursivo, social e cultural em que se encontram. Esses significados, portanto, não são previsíveis e sólidos, mas motivados e dinâmicos.
- As similaridades e diferenças na aplicação das estratégias cognitivas na elaboração das *fake News* parecem indicar que, na cognição, cultura e língua, não existem mecanismos que se aplicam a apenas um ou outro grupo ideológico. Estratégias cognitivas e discursivas de representação dos valores, crenças, opiniões e atitudes, estão disponíveis a grupos bastante diversos.
- A noção teórico-prática de Van Dijk (2013, 2014) sobre o papel da linguagem como um nexos entre a cognição e as ideologias se mostrou eficiente para a compreensão da forma como o material linguístico acessa, produz e reproduz ideologias diversas. Em todas as *fake News*, vimos como, pela língua, uma imagem cognitiva e ideológica é formada sobre a pessoa representada pelas mentiras textualizadas.
- Mais especificamente, o conceito teórico de *frames* cognitivos, proposto por Fillmore (1982), é fundamental para o avanço dos estudos semânticos que entendam a língua, a cultura e a sociedade como intimamente relacionadas. As significações emergem da interação real da língua em contextos discursivos reais, e a compreensão crítica sobre o funcionamento da linguagem precisa abranger os resultados que a LC produz.
- O entendimento, a crítica e o enfrentamento de um problema como as *fake News* precisa envolver áreas científicas específicas voltadas ao estudo da linguagem, da

sociedade e da mente. Os resultados mostraram como esse estudo interdisciplinar e integralizado consegue identificar, expor e propor modos de abordagem e desarticulação de um fenômeno nocivo.

- Especificamente, propomos que abordagens de *reframing*, ou seja, de recontextualização das *fake News* a partir de sua identificação pelos índices encontrados, são especialmente eficazes para desarticular o fenômeno. Ao colaborar para que o leitor saiba identificar e situar uma *fake News* como um produção falsa, enganosa e manipulativa, o *reframing* atua na reconfiguração dos *frames* propostos pelas *fake News*.

Tais resultados, se suficientes para a proposta da dissertação em questão, evidentemente não são exaustivos com relação ao material analisado e às possibilidades descritivas e críticas que podem ser extraídas. Esperamos que essa dissertação sirva para incentivar trabalhos futuros, em todos os campos que nela constam: linguística, análise do discurso, estudo da ideologia, sociologia e psicologia. Esperamos, acima de tudo, que o combate ao fenômeno das *fake News* siga no percurso ascendente do pensamento crítico e socialmente motivado, e que nossos resultados, aqui dispostos, impulsionem novas reflexões que facilitem, ainda mais, a compreensão, identificação e desarticulação desse problema.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Linguística Cognitiva: Uma Visão Geral e Aplicada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ALLCOTT H.; GENTZKOW M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. In: **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
- ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H. O fenômeno das fake News: definição, combate e contexto. In: **Internet & sociedade**, v. 1, n. 1, p. 144-171, 2019.
- BARSALOU, L. Frames, Concepts, and Conceptual Fields. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. F. (Eds.), **Frames, Fields, and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 21-74, 1992.
- BATESON, G. A Theory of Play and Fantasy. In: SCHECHNER, R.; SCHUMAR, M. (Eds), **Ritual, play and performance**, New York: Seabury Press, p. 67-73, 1976.
- BERLIN, B.; KAY, P. **Basic Color Terms: Their Universality and Evolution**. Berkeley: University of California Berkeley, 1969.
- CALVILLO D. et al. Individual Differences in Belief in Fake News about Election Fraud after the 2020 U.S. Election. In: **Behav. Sci.**, v. 11, n. 175, p. 1-8, 2020.
- CHRISMAN, R. A visão enciclopédica dos *frames* semânticos. In: **Letrônica**, v. 12, n. 2, abr.-jun. 2019.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Boston: Mouton & Co., 1957.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use**. Nova York: Praeger Publishers, 1986.
- COLEMAN, L.; KAY, P. Prototype semantics: the english word lie. In: COLEMAN, L.; KAY, P. (Eds), **Language**, v. 57, n. 1, p. 26-44, 1981.
- CONCILIADOR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conciliador/>. Acesso em: 07/03/2025.
- CORRUPÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/corrupção/>. Acesso em: 07/03/2025.
- DEMOCRATA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/democrata/>. Acesso em: 07/03/2025.

DOURADO, T. ***Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil***. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 323, 2020.

DUARTE, C. R.; MONNERAT R. S. "Só passando por cima do meu cadáver": uma análise do discurso de Eduardo Cunha sobre a legalização do aborto. In: **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 14, n. 1, p. 52-65, 2017.

DUQUE, P. H. Discurso e Cognição: uma abordagem baseada em *frames*. In: **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.

DUQUE, P. H. De perceptos a *frames*: cognição ecológica e linguagem. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41. p. 21-45, 2017.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Cambridge: MIT Press, 1985.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The Way we Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. Nova York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, S. R.; STEKLIS, H. D.; LANCASTER, J. (Eds.), **Origins and evolution of language and speech**. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: **Linguistics in the morning calm**. Seoul, Hanshin Publishing Co., p. 111-37, 1982.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: GEERAERTS, D. (Ed.), **Cognitive Linguistics: basic Readings**. New York: Mouton de Gruyter, 2006.

FILLMORE, C.; ATKINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E. F. (Eds.), **Frames, Fields and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 75-102, 1992.

FREITAS, L. A. **As fake News como uma modalidade da categoria *mentira*: um estudo em perspectiva cognitivo-funcional**. Monografia (Graduação em Letras-Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

FREITAS, L. A.; SILVA, L. A. Um estudo cognitivo sobre a categoria *mentira* e sua realização por meio de *fake News* relativas ao novo coronavírus. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 69, p. 178-203, 2020.

GEERAERTS D.; CUYCKENS H. Introducing Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS D.; CUYCKENS H., **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 3-21, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes. 2012.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *Fake News*, desordem informacional e pânico moral: explorando estratégias discursivas. In: **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 4, p. 01-26, 2021.

GRADY, J. Metaphor. In: GEERAERTS D.; CUYCKENS H., **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 189-2013, 2007.

HANGAI, L. A. A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação. In: **Revista Ação Midiática**, v. 2, n° 1, 1-6, 2012.

HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. 5° ed. Editora Moderna, edição Kindle, 2019.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Moral Politics**: How Liberals and Conservatives Think. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LAKOFF, G. **The Political Mind**: A Cognitive Scientists's Guide to Your Brain and its Politics. New York: Penguin Books, 2009.

LAKOFF, G. **Ten Lectures on Cognitive Linguistics**. Boston: Brill, 2017.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**, Stanford University Press: Redwood City, 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. **Investigations in Cognitive Grammar**. Mouton de Gruyter: New York.

LANGACKER, R. W. **Ten Lectures on the Basics of Cognitive Grammar**. Leiden: Brill, 2017.

LAZER, D. M. J. et al. The science of fake News. In: **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018. Disponível em: <http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094>. Acesso em: 23 ago. 2020.

LOWE, J. B., BAKER, C. F., FILLMORE, C. J. A Frame-Semantic Approach to Semantic Annotation. In: **Proceedings of the SIGLEX Workshop on Tagging Text with Lexical Semantics: Why, What, and How?** Washington D.C., p. 18-24, 1997.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. ENQUADRAMENTO: Diferentes noções analíticas de um conceito. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 29, p. 187-235, jun. 2012.

NETO, M, et al. Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, 2020.

NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. In: GEERAERTS D.; CUYCKENS H., **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 543-565, 2007.

PANTHER K.; RADDEN G. **Metonymy in Language and Thought**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1999.

PILANTRA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pilantra/>. Acesso em: 07/03/2025.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a Theory of Metonymy. In: PANTHER K. & RADDEN G. (Eds.), **Metonymy in Language and Thought**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., p. 17-61, 1999.

RENNÓ, L. Bolsonarismo e as eleições de 2022. In: **Estudos Avançados**, v. 36, n. 106, p. 147-163, 2022.

RESZEGI, K. Nomes próprios na onomástica cognitiva: Significados e categorização de nomes próprios. In: **Onomástica desde América Latina**, v. 4, p. 1-33, 2023. ISSN 2675-2719.

ROHRER, T. Embodiment and Experientialism. In: GEERAERTS D.; CUYCKENS H., **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, p. 25-47, 2007.

ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROSCH, E. and LLOYD, B. (Eds), **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 27-48, 1978.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLC/CCE/UFSC, 2011.

TAYLOR, J. R. **Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press Inc., 2003a.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization**. New York: Oxford University Press Inc., 2003b.

VAN DIJK, T. A. Ideology and Discourse. In: FREEDEN, M; SARGENT, L; STEARS, M. (Eds), **The Oxford Handbook of Political Ideologies**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 175-196.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and Knowledge: A Sociocognitive Approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, T. A. Sociocognitive Discourse Studies. In: RICHARDSON, J.; FLOWERDEW, J. (Eds) **Handbook of Discourse Analysis**. Londres: Routledge, 2018, p. 26-43.

VAN DIJK, T. A. **Ideology and Discourse: a Multidisciplinary Introduction**. Barcelona: Pompeu Fabra University, 2003. Disponível em: <http://discourses.org/download/books/>. Acesso em: jun. 2022.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. 9<sup>o</sup> ed, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

ZIEM, A. **Frames of Understanding in Text and Discourse: Theoretical foundations and descriptive applications**. Tradução ao inglês de Catherine Schwerin. Philadelphia: John Benjamins North America: 2014.